

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ANDRÉ WILLIAM ALVES DE ASSIS

**SOBREASSEVERAÇÕES E AFORIZAÇÕES:
Estratégias de sobreasseveração nos debates políticos
e de destacamento no discurso jornalístico**

Belo Horizonte
2015

ANDRÉ WILLIAM ALVES DE ASSIS

**SOBREASSEVERAÇÕES E AFORIZAÇÕES:
Estratégias de sobreasseveração nos debates políticos
e de destacamento no discurso jornalístico**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Wander Emediato de Souza

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A848s Assis, André William Alves de.
Sobreasseverações e aforizações [manuscrito] :
estratégias de sobreasseveração nos debates políticos e de
destacamento no discurso jornalístico / André William Alves
de Assis. – 2016.
214 f., enc. : il., grafs (color) (p&b)
Orientador: Wander Emediato de Souza.
Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 205-209.
Anexos: f. 210-214.

1. Rousseff, Dilma, 1947- – Teses. 2. Cunha, Aécio Neves
– Teses. 3. Discurso jornalístico – Teses. 3. Análise do
discurso – Teses. 4. Discursos de campanha eleitoral – Brasil
– Teses. 5. Presidentes – Brasil – Eleições, 2014. 6.
Televisão – Discursos, debates, etc. – Teses. I. Souza,
Wander Emediato de . II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



FOLHA DE APROVAÇÃO

SOBREASSEVERAÇÕES E AFORIZAÇÕES: Estratégias de sobreasseveração nos debates políticos e de destacamento no discurso jornalístico

ANDRÉ WILLIAM ALVES DE ASSIS

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 21 de dezembro de 2015, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Wander Emedato de Souza - Orientador
UFMG


Prof(a). Gláucia Muniz Proença Lara
UFMG


Prof(a). Paulo Henrique Aguiar Mendes
UFOP


Prof(a). Ida Lucia Machado
UFMG


Prof(a). Jane Quintiliano Guimarães Silva
PUC/MG

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2015.

*A minha mãe:
razão da minha vida, força de
todos os meus momentos.*

AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos que eu quero fazer neste momento. Primeiro, eu agradeço a Deus, por ter acompanhado esse trabalho desde o início. Tenho certeza que foi Ele quem me direcionou à Belo Horizonte e me proporcionou conhecer o prof. Wander, o POSLIN, a Fale, os muitos amigos, além todo que vivi durante esses anos de doutoramento. Foi um período de intenso crescimento intelectual para mim. Agradeço a minha família, pelo apoio e pelo carinho durante todo o tempo de afastamento do Paraná, e pela presença sempre confortante mesmo à distância, principalmente durante o doutorado sanduíche em Paris. Ao meu avô, *in memoriam*, que sempre me incentivou a buscar novos desafios.

Agradeço muito ao professor Wander Emediato, que acreditou na proposta desse trabalho desde o início, mesmo sem me conhecer e sem conhecer meus trabalhos, abrindo as portas para minha pesquisa em Belo Horizonte. Pelo apoio para que eu conseguisse realizar o doutorado sanduíche, pelas orientações sempre esclarecedoras, pela amizade. Agradeço também ao professor Dominique Maingueneau, que foi muito gentil ao aceitar minha proposta de doutorado sanduíche em Paris, na *Université Paris Sorbonne* (Paris 4). Suas orientações foram fundamentais para a estruturação e o desenvolvimento desse trabalho, para o aprofundamento de nosso arcabouço teórico. Tudo isso proporcionou que nossa pesquisa tomasse novos rumos, ainda mais instigantes e complexos. Muito obrigado!

Ao René, que me acompanhou durante todo esse processo do doutorado, auxiliando-me nas minhas escolhas e me acolhendo em Maringá sempre que a saudade do Paraná era mais forte. Aos amigos que fiz em BH: Cristia, que sempre compartilhou comigo seus conhecimentos, ouvindo-me quando precisei desabafar; Tatiana, sempre disposta a conversar e a participar de eventos que eram mais diversão do que obrigação. Aos amigos que fiz em Paris, pela acolhida e pelas dicas preciosas para se viver longe do nosso país, em especial ao Lucas Costa, Paula Mesti e Denise Lopus. Aos amigos que me

auxiliaram antes mesmo de ir para Paris, professora Gláucia e Clebson eu sou muito grato a vocês pela atenção que me deram antes e durante minha estadia em Paris. Aos amigos de sempre: Raquel Mareco, minha parceira em diversos trabalhos, sempre disposta a dialogar sobre meus problemas pessoais e de pesquisa. À professora Sônia Benites, minha orientadora no mestrado, que me aconselhou a desenvolver minha pesquisa em BH, quando eu ainda tinha dúvidas, e vibrou comigo a cada nova conquista acadêmica.

Aos integrantes dos grupos de pesquisa NAD, FEStA e GEPOMI, dos quais tenho o prazer de participar. Os eventos em que participamos, as reuniões que realizamos, os seminários que assisti e que apresentei trabalho, as conversas informais, os trabalhos realizados, toda essa convivência foi muito importante para o desdobramento dessa pesquisa. Tenho muito orgulho de participar desses grupos e de poder estar próximo de pessoas e pesquisadores que eu admiro tanto e que são, muitos deles, referências nessa pesquisa.

Aos professores Gláucia e Paulo, que participaram da qualificação desse trabalho, meu muito obrigado! Suas contribuições garantiram ainda mais qualidade para a versão final desta pesquisa. Às professoras Jane e Ida, que aceitaram participar da defesa de doutorado e me oportunizaram um momento de grande contribuição e de crescimento. Ao professor Cláudio, suplente da banca, que gentilmente me entregou por escrito as suas impressões sobre minha pesquisa. Ter recebido tantos elogios na defesa me faz pensar que eu estou no caminho certo.

À CAPES, por ter financiado meu período sanduíche em Paris, na Université Paris Sorbonne – Paris 4, de janeiro a junho de 2015. Essa experiência foi enriquecedora e contribuiu sobremaneira para a elaboração da minha pesquisa. À FAPEMIG, que me concedeu a bolsa de doutorado para o desenvolvimento deste trabalho no Brasil.

Aos professores e funcionários do POSLIN, que enriqueceram ainda mais minha experiência de pesquisa em Belo Horizonte.

Obrigado a todos !

*"Aucun énoncé en général ne peut être
attribué au seul locuteur : il est le produit
de l'interaction des interlocuteurs et, plus
largement, le produit de toute cette
situation sociale complexe, dans laquelle
il a surgi."*

Bakhtine (1927, p. 118 apud
TODOROV, 1981, p. 50)

*"A palavra é metade de quem a
pronuncia e metade de quem a escuta."*
Montaigne

RESUMO

O avanço tecnológico da comunicação e a importância cada vez maior desses meios na vida das pessoas exigem olhares atentos dos pesquisadores interessados em apreender o que acontece a partir da relação entre mídias e política, mídias e sociedade. Em um processo de escolha do governante de um país, como o que acontece a cada quatro anos nas eleições brasileiras, o empenho dos partidos em divulgar seus candidatos, a partir de premissas da comunicação, é muito forte. A política se beneficia das mídias, ao pôr seus candidatos em evidência, e as mídias se beneficiam da política, que nutre suas produções discursivas. As práticas dos campos se misturam, cofuncionam, e as produções discursivas respondem, cada uma a seu modo, às coerções impostas por seus campos, por suas práticas e pela prática do outro. Essa imbricação revela novos problemas discursivos, pois a política de hoje não é a de antes, assim como a mídia não funciona sempre da mesma maneira e nem sempre utiliza as mesmas ferramentas para veicular seus produtos midiáticos. Interessados em observar como esses processos se imbricam nos dias atuais, delimitamos o segundo turno das eleições para presidência no Brasil, no ano de 2014, como momento sócio-histórico para coleta de *corpus* que compreende: quatro debates político-televisivos entre os atores políticos Dilma Rousseff e Aécio Neves, veiculados por quatro diferentes emissoras de televisões; quarenta e oito notícias nas modalidades impressas e *online*, que relatam as falas dos políticos a partir da enunciação dos debates. De forma geral, propomos analisar, ancorados nos pressupostos da Análise de Discurso, o funcionamento das sobreasseverações, na conjuntura de produção dos debates, e as retomadas das falas dos atores políticos pela prática jornalística, que as utilizam para a produção de notícias. O referencial teórico em que nos ancoramos é bastante amplo e multidisciplinar. Abarca estudos já consagrados sobre citações, silenciamento, heterogeneidades constitutivas e mostradas; e também estudos atuais, como enunciados destacados, aforizações, sobreasseverações, *ethos* discursivo, dentre outros, sobretudo em torno dos trabalhos desenvolvidos por Dominique Maingueneau. Os resultados revelam processos bastante sofisticados de produção da fala política e da notícia midiática. Nos debates político-televisivos, os candidatos sobreasseveram com frequência, produzindo enunciados críticos, generalizantes, que falam de si e de suas propostas, apresentados por nós como 'modos de antecipação de irradiação', uma tentativa de antecipar o destacamento de suas falas. Nos jornais, pela harmonia existente entre todos os elementos que compõem a página do jornal, hierarquicamente sistematizada em torno de um *ethos* de marca, que orienta o modo de produção e as escolhas dos jornalistas em elementos como os títulos, que cenografam as notícias e as páginas dos jornais impressos e recenografam os debates. Há uma tentativa de simetrização constante do jornal, que justifica a ausência de aforizações nas páginas dos jornais e apaga o *ethos* dos candidatos. As citações que são retomadas para compor as páginas e as notícias dos jornais foram analisadas por nós a partir de uma perspectiva dos 'modos de alteração de falas', que correspondem às alterações imitativas, de criação de ordem, sobretudo a partir de um silenciamento que apaga e inclui informações nas citações, silencia a fala política para colocar em cena a fala do jornal.

Palavras-chave: Sobreasseveração. Aforização. Citação. Discurso jornalístico. Mídia. Política.

ABSTRACT

Technological progress in communication and the increasing relevance of social medias in people's lives require a close examination by researchers who are interested in understanding what happens within the social medias and politics and between the medias and society. The political parties' effort to disclose their candidates through communication is very great within the process of choosing Brazil's president every four years. The social medias benefits from politics when candidates are placed in the limelight and politics benefits from the medias which incentives its discursive productions. The practices of the two factors mix up and function together whilst discursive productions answer specifically to the coercions imposed by the factors, by their practices and by the other's practice. Overlaying reveals new discursive issues since contemporary politics is different from yesterday's. The social medias do not function always in the same manner and do not always use the same tools to disseminate its products. Current paper analyzes how these processes have been currently made to overlie in the second round of 2014 Brazilian presidential election as a social-historical instance for the collection of a corpus which comprises four political debates on television between the political agents Dilma Rousseff and Aécio Neves transmitted by four different TV channels and by forty-eight reports in printed and online newspapers on the politician's discourses. Foregrounded on Discourse Analysis, we will analyze how the surassertions function within the context of the oral production of the debates and the re-taking of the speeches of the political agents by journalists who use them as quotes for the production of news. The broad and multi-discipline theoretical referential retakes studies on quotes, silences, constructive and revealed heterogeneities, coupled to contemporary studies on highlighted enunciations, aphorizations, surassertions, discursive ethos and others, especially found in the investigations by Dominique Maingueneau. Results reveal a highly sophisticated process in the production of political speech and medias news. Candidates on TV usually make surassertions and produce critical and generalizing enunciations which deal with themselves and their projects, presented to the spectator as 'ways of irradiation anticipation', an attempt to anticipate the highlighting of their speech. Due to the harmony between the elements that make up the newspaper's page, hierarchically systemized around the trademark's ethos that gives directions on production and choices of journalists, such as the headlines, the news are made to interplay with the newspaper's pages and thus reenact the debates. The constant symmetry of the newspaper is dealt with and thus justifies the lack of aphorizations in the newspaper and deletes the candidates' ethos. The quotes retrieved to compose the newspapers' pages and news were also analyzed from the perspective of 'manner of speech changes' that correspond to imitative alterations, the formation of order, especially from the silencing that deletes and includes information on quotes, silences the political speech to replace it with the newspaper's discourse.

Keywords: Surassertion. Aphorization. Quotes. Journalistic discourse. Medias. Politics.

RÉSUMÉ

Les avancées technologiques de la communication et l'importance chaque fois plus grande de ces moyens de diffusion dans la vie des gens exigent une attention particulière de la part des chercheurs désireux de comprendre ce qui se passe dans la relation entre média et politique, média et société. Lors de l'élection du dirigeant d'un pays, comme cela a lieu tous les quatre ans à l'occasion des élections brésiliennes, l'engagement des partis dans la divulgation de leurs candidats par les moyens de communication est très important. La politique profite de les médias pour attirer l'attention sur leurs candidats, et les médias tirent avantage de la politique qui nourrit leurs productions discursives. Les pratiques des deux camps s'entremêlent, co-fonctionnent, et les productions discursives répondent chacune à sa façon aux contraintes imposées par leurs camps, par leurs pratiques et par la pratique de l'autre. Cette imbrication révèle de nouveaux problèmes discursifs parce que la politique d'aujourd'hui n'est plus celle du passé, tout comme les médias ne travaillent pas toujours de la même manière et n'utilisent pas toujours les mêmes outils pour divulguer leurs produits médiatiques. Désireux d'observer comment ces processus se chevauchent à l'heure actuelle, nous avons défini le second tour des élections à la présidence de la République au Brésil en 2014, comme étant un moment socio-historique pour la collecte de *corpus* comprenant : quatre débats politiques télévisés entre les acteurs politiques, Dilma Rousseff et Aécio Neves, desservis par quatre stations de télévision différentes ; quarante-huit reportages version papier et numérique rapportant les déclarations des politiciens à partir de l'énonciation des débats. En règle générale, nous proposons d'analyser, en se basant sur les hypothèses de l'analyse du discours, le fonctionnement des surassertions dans le contexte de la production orale des débats et la reprise des discours de ces acteurs politiques par la pratique journalistique qui les utilisent sous forme de citation pour la production d'informations. Le cadre théorique sur lequel repose cette recherche est assez large et pluridisciplinaire. Il englobe des études déjà validées sur des citations, silenciation, hétérogénéité constitutive et montrée ; et aussi des études actuelles, comme des énoncés détachés, aphorisations, surassertions, ethos discursifs, entre autres, en particulier autour du travail développé par Dominique Maingueneau. Les résultats révèlent des processus de production du discours politique et de l'information médiatique très sophistiqués. Dans les débats politiques télévisés, les candidats font très souvent des surassertions d'affirmations, des déclarations critiques, généralisées, qui parlent d'eux et de leurs propositions, qui sont à nos yeux des « modes d'anticipation d'irradiation », dans une tentative d'anticipation pour faire valoir leurs discours. Dans les journaux, l'harmonie existante entre tous les éléments qui composent la page du journal, hiérarchiquement systématisée autour d'un *ethos* de marque, oriente le mode de production et les choix des journalistes dans des éléments comme les titres qui mettent en scène les nouvelles et les pages des journaux imprimés et remettent en scène les débats. Il y a une tentative de symétrisation constante du journal qui justifie l'absence d'aphorisations dans les pages des journaux et efface l'*ethos* des candidats. Les citations qui sont reprises pour composer les pages et les nouvelles des journaux ont été examinées par nous du point de vue des « modes d'altération des propos », qui correspondent aux altérations imitatives, de création d'ordre, surtout à partir d'une silenciation qui supprime et insère des informations dans les citations, coupe le discours politique pour mettre en scène le discours du journal.

Mots-clés : Surassertion. Aphorisation. Citation. Discours journalistique. Médias. Politique.

LISTA DE ABREVIATURAS

- AN - Aécio Neves
- CB - Correio Braziliense
- DA - Diários Associados
- FS - Folha de S. Paulo
- DF - Distrito Federal
- DR - Dilma Rousseff
- EM - Estado de Minas
- ES - Estado de S. Paulo
- GE - Grupo Estado
- GF - Grupo Folha
- GG - Grupo Globo
- GP - Gazeta do Povo
- IMP -Impresso
- MG - Minas Gerais
- OG - O Globo
- ON - Online
- PR - Paraná
- TI - Título Informativo
- TR - Título Referencial

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CENÁRIO DO DEBATE DA BAND.....	82
FIGURA 2 – CENÁRIO DO DEBATE DO SBT/UOL.....	83
FIGURA 3 – CENÁRIO DO DEBATE DA RECORD.....	84
FIGURA 4 – CENÁRIO DO DEBATE DA GLOBO.....	85
FIGURA 5 – NOTÍCIA IMPRESSA COMPLETA.....	126
FIGURA 6 – NOTÍCIA ONLINE COMPLETA.....	126
FIGURA 7 – PÁGINAS DA FS.....	130
FIGURA 8 – PÁGINA DO ES.....	130
FIGURA 9 – FOTOGRAFIA DOS CANDIDATOS.....	137
FIGURA 10 – FOTOGRAFIA DOS CANDIDATOS.....	137
FIGURA 11 – FOTOGRAFIA DOS CANDIDATOS.....	137
FIGURA 12 - FOTOGRAFIA DE CORPO DOS CANDIDATOS.....	139
FIGURA 13 – PÁGINA DO JORNAL OG.....	141
FIGURA 14 – PÁGINA DO JORNAL EM.....	141
FIGURA 15 – PÁGINA DO JORNAL EM.....	150
FIGURA 16 – PÁGINA DO JORNAL EM.....	150
FIGURA 17 - DESTACAMENTO.....	159
FIGURA 18 - DESTACAMENTO.....	159
FIGURA 19 - DESTACAMENTO.....	159
FIGURA 20 – ENUNCIADOS, PALAVRAS E TRECHOS EM DESTAQUE.....	164

LISTA DE ESQUEMAS, GRÁFICOS E TABELAS

ESQUEMA 1 – VALÊNCIAS GENÉRICAS INTERNA E EXTERNA	38
ESQUEMA 2 – A IRRADIAÇÃO DO GÊNERO.....	43
ESQUEMA 3 – ENUNCIÇÕES AFORIZANTE E TEXTUALIZANTE	57
ESQUEMA 4 – NÍVEL DE DIFERENÇA ENTRE OS TÍTULOS DOS JORNAIS IMPRESSOS E ONLINE	146
ESQUEMA 5 – NÍVEIS DE DESTACAMENTO – CITAÇÕES E AFORIZAÇÕES..	162
GRÁFICO 1 – TOTALIZAÇÃO DE SOBRESSEVERAÇÕES NOS DEBATES.....	115
TABELA 1 – EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO DAS FALAS DESTACADAS	89
TABELA 2 – OCORRÊNCIAS DE SOBRESSEVERAÇÕES NOS DEBATES.....	114
TABELA 3 – TÍTULO DAS NOTÍCIAS IMPRESSAS E ONLINE	144
TABELA 4 – OCORRÊNCIAS DE CITAÇÕES EM DESTAQUE NOS JORNAIS POR CANDIDATO	166

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
------------------------------	----

PARTE I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

CAPÍTULO 1 – FALA POLÍTICA E JORNALISMO	28
1.1 A fala política	28
1.2 O discurso jornalístico	32
1.3 O jornal: uma heterogênea e complexa maquinaria midiática	35
1.4 A irradiação da fala política e sua circulação nas mídias	37
CAPÍTULO 2 - PROBLEMÁTICAS DISCURSIVAS.....	47
2.1 O destacamento de enunciados no discurso jornalístico	47
2.2 Sobreasseveração: a (tentativa de) antecipação do destacamento.....	50
2.3 Aforizações: frases sem texto	57
2.4 O apagamento e o silenciamento: recusas e recortes no sentido	61
2.5 O <i>ethos</i> discursivo	64
2.6 As cenas da enunciação	69

PARTE II – PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA, SELEÇÃO E TRATAMENTO DO CORPUS	73
3.1 Implicações metodológicas	73
3.2 Os debates	75
3.2.1 Organização do <i>corpus</i>	79
3.2.2 O debate na BAND	81
3.2.3 O debate no SBT/UOL.....	82
3.2.4 O debate na RECORD	83
3.2.5 O debate na GLOBO	84
3.3 As notícias impressa e <i>online</i>	86
3.3.1 Organização do <i>corpus</i>	88
3.3.2 O jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	90
3.3.3 O jornal <i>O Globo</i>	91
3.3.4 O jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	91
3.3.5 O jornal <i>Correio Braziliense</i>	92
3.3.6 O jornal <i>Gazeta do Povo</i>	93
3.3.7 O jornal <i>Estado de Minas</i>	93
3.4 Novos rumos: os movimentos da pesquisa.....	94

PARTE III - ANÁLISES

	CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DEBATES POLÍTICO-TELEVISIVOS	97
4.1	O debate político na TV: um (simulacro de) acontecimento duplamente orientado	98
4.2	A sequencialidade de uma oralidade-escrita	100
4.3	O(s) destinatário(s)	102
4.4	As cenografias periféricas	103
4.5	As sobreasseverações	106
4.5.1	As ocorrências nos debates	113
4.6	Os modos de controle da irradiação da fala política	116
	CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DAS NOTÍCIAS IMPRESSAS E ONLINE NOS JORNAIS	125
5.1	A página dos jornais	125
5.1.1	Uma cenografia iconoverbal	128
5.1.2	Uma hierarquia de <i>ethos</i>	132
5.2	O <i>ethos</i> de marca	132
5.2.1	O jornalismo como um discurso sério.....	133
5.2.2	A cenografia de rotina do gênero notícia e da página do jornal.....	135
5.2.3	As escolhas de imagens.....	136
5.2.4	O apagamento do <i>ethos</i> dos candidatos	141
5.3	Os Títulos dos jornais	142
5.3.1	As diferenças entre os títulos das modalidades impressa e <i>online</i>	146
5.3.2	Uma dupla função.....	149
5.3.2.1	Cenografar a notícia	150
5.3.2.2	Recenografar o debate político-televisivo.....	152
5.3.3	A ausência de enunciados destacados	156
5.4	Citações e aforizações: níveis de destacamento	158
5.5	A retomada de falas como objeto de análise	164
5.5.1	Diferenças entre a oralidade e a escrita	168
5.6	Modos de alteração da fala	172
5.6.1	Alterações de imitação	175
5.6.2	Alterações de criação	183
5.6.3	Alterações de ordem.....	187
5.6.4	Alterações de silenciamento	190
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
	REFERÊNCIAS	205
	ANEXOS	210
	ANEXO A – TÍTULOS DOS JORNAIS	210
	ANEXO B – CARACTERÍSTICAS CONTRATUAIS DOS DEBATES	213

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde a última metade do século XX, o mundo tem passado por mudanças culturais significativas graças, em parte, ao impacto social das novas formas de comunicação e dos avanços tecnológicos. Independentemente dos juízos e nomes que se deem a essas mudanças, há de se reconhecer que elas acontecem com uma rapidez surpreendente, provocando deslocamentos e novas formas de ação dos indivíduos, grupos e instituições.

O avanço tecnológico da comunicação e a importância cada vez maior desses meios na vida das pessoas exigem olhares atentos dos pesquisadores interessados em como apreender o que acontece a partir da relação entre as mídias e a sociedade. Para Rubim (2000, p. 35-36), o reconhecimento da importância das mídias na sociedade contemporânea se deve às seguintes constatações:

1. Expansão quantitativa da comunicação, principalmente em sua modalidade midiaticizada [...];
2. Diversidade e novidade das modalidades de mídias presentes no espectro societário [...];
3. Papel desempenhado pela comunicação midiaticizada como modo (crescente e até majoritário) de experienciar e conhecer a vida [...];
4. Presença e abrangência das culturas midiáticas como circuito cultural, o qual organiza e difunde socialmente comportamentos, percepções, sentimentos, ideários, valores, etc. [...];
5. Ressonâncias sociais da comunicação midiaticizada sobre a produção da significação (intelectiva) e da sensibilidade afetiva) sociais e individuais;
6. Prevalência da mídia como esfera de publicização (hegemônica) na sociedade estudada, dentre os diferenciados 'espaços públicos' [...];
7. Mutações espaciais e temporais provocadas pelas redes midiáticas, na perspectiva de forjar uma vida planetária e em tempo real;
8. Aumento com os gastos com o item comunicações no orçamento doméstico [...];
9. Crescimento vertiginoso dos setores voltados para a produção, circulação, difusão e consumo de bens simbólicos; e
10. Ampliação percentual dos trabalhadores da informação e da produção simbólica no conjunto da população economicamente ativa.

Ao abordar a importância das mídias para a política atual, e vice-versa, podemos inferir do excerto que cada vez mais a política se transforma em espetáculo, ou mesmo, nas palavras de Courtine (2006), a transformação da política remete a uma “teatralidade mercantil”. A eloquência política, fundada no debate de ideias, transformou-se em teatralidade a partir do momento em que as mídias passaram a ocupar um papel importante no funcionamento desse campo. Midiatizou-se a política.

Nessa linha de raciocínio, Rubim (2000) tem contribuído com os estudos sobre o espetáculo ao observar a necessidade de a política transitar no espaço virtual e também de recorrer à espetacularização para se tornar visível. O autor postula que o movimento se tornou muito importante, fundamentalmente porque soube utilizar os novos recursos de se fazer política, inclusive o espetáculo.

Para nós, o espetáculo¹ é um dos muitos recursos utilizados pela política para transitar nas mídias, principalmente na televisão, auxiliando a construção e divulgação da imagem pública do ator político, a construção do *ethos* e a propagação de imagens e pontos de vista. Cada vez mais misturadas, a política passou a operar com a lógica dos meios de comunicação, e as campanhas eleitorais adotaram um caráter de espetáculo político, centrado na construção e na circulação da imagem do candidato.

Em um processo tão importante de escolha do governante de um país, como acontece nas eleições brasileiras, o empenho dos partidos em divulgar seus candidatos a partir de premissas da comunicação é muito forte. A definição do que pode/deve circular nas falas dos atores políticos e nas produções genéricas das mídias, em geral, também se confunde em seus limites. A interferência de um campo no outro parece ser uma necessidade tanto midiática quanto política, em doses dificilmente exatas. Mídia e política

¹ Neste trabalho, concebemos o espetáculo no que se refere à forma como os programas dos debates político-televisivos foram construídos.

cofuncionam e respondem, cada uma a seu modo, às coerções impostas por seus campos e posicionamentos.

Se essas questões não são novas, dadas o histórico de trabalhos que observam a aproximação entre esses dois campos, tão complexos, há de se considerar que o contexto atual está bastante modificado. A política de hoje não é a de antes, assim como as mídias também não funcionam da mesma forma nem utilizam das mesmas ferramentas para veicular seus produtos midiáticos, seus pontos de vista sobre os acontecimentos sociais.

Interessados em observar como esses processos se imbricam nos dias atuais, delimitamos o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2014 como momento sócio-histórico para coleta de um *corpus* que compreende: a) debates político-televisivos do segundo turno das eleições, em que os atores políticos Dilma Rousseff e Aécio Neves se enfrentaram em quatro diferentes emissoras de televisão; b) notícias impressas e notícias *online* que relatam os debates, utilizando-se de falas dos atores políticos em suas construções genéricas².

Nesse contexto, em que as emissoras de TV produzem um programa prevendo sua circulação na mídia impressa e *online*, a mútua necessidade de apropriação de ferramentas e práticas entre os campos político e midiático parece se acentuar. Enquanto as mídias televisivas se utilizam do contexto mais amplo das eleições para pôr em circulação seu produto televisivo, e as mídias jornalísticas impressa e *online* se utilizam desse material para produzir suas notícias, textos diversos, a partir de comentários e recortes que produzem sentidos nos mais diversos gêneros; a política, por sua vez, beneficia-se das mídias ao dar visibilidade às imagens dos candidatos, aos planos de governo e aos posicionamentos de seus partidos, etc.

² Os debates selecionados são os da Bandeirantes, Record, SBT/UOL e Globo; e as notícias coletadas correspondem às publicações dos jornais *Folha de São Paulo*, *Estado*, *O Globo*, *Correio Brasiliense*, *Gazeta do Povo* e *Estado de Minas*. Esse material será detalhado por nós na segunda parte desta pesquisa.

Em um debate político-televisivo, por exemplo, o movimento do vídeo, as ações dos corpos, a intervenção e controle dos moderadores, os turnos de fala dos atores políticos, dentre outras características, contribuem para a formação de uma cenografia espetacular com limites bastante rígidos (no que se refere ao turno de participação dos candidatos)³, que respondem ao gênero imposto pelo veículo de comunicação (embora, algumas vezes, extrapolem-no). Transportados para diversificados gêneros, em diferentes esferas, esses vídeos se transformam, ressurgem em excertos aforizantes, em citações, em pequenas frases que compõem gêneros diversos, pequenos vídeos e pequenos áudios, que normalmente contêm apenas uma parte específica da enunciação, e recortes de imagens que são utilizados em contextos totalmente diferentes daqueles produzidos nos debates.

Os jornalistas, em suas práticas de trabalho, selecionam partes do debate, falas dos atores políticos, para comentá-los, descontextualizando-os e inserindo-os em outros contextos. Ao colocar em circulação a fala dos atores políticos⁴, essa transposição é frequentemente acompanhada de torções e alterações nos discursos destacados, favorecendo mais ou menos a condição de fórmula, de aforização, principalmente nos casos em que apenas uma parte da enunciação é posta em relevo. Outras vezes, a pretexto de síntese ou de contextualização, apresentam-se enunciados bastantes modificados em relação às falas dos políticos, modificações que são silenciadas e sinalizadas por marcadores diversos (tais como aspas, itálico, travessão e o discurso direto), fronteiras não muito claras entre a voz citada, do político que participou do debate, e a voz do jornal, que cita.

Todos esses processos relacionam-se, amplamente, à problemática dos enunciados destacáveis e dos enunciados destacados. No primeiro caso, os

³ Cf. Anexo B.

⁴ Optamos pelo termo “atores políticos” (CHARAUDEAU, 2008a) para designar os responsáveis pelos discursos que analisaremos no *corpus* composto pelos debates político-televisivos.

enunciados destacáveis correspondem ao fenômeno da sobreasseveração, ação efetuada pelo enunciador que consiste em atribuir a um fragmento de texto certa saliência, na tentativa de antecipar sua saída do plano textual. As sobreasseverações são enunciados ‘destacáveis’ porque agrupam características que as formatam para uma possível retomada citacional, ou seja, características que enfatizam determinado fragmento no conjunto textual, a fim de que ele seja destacado (MAINGUENEAU, 2014b).

O segundo caso, o dos enunciados destacados, refere-se a dois tipos distintos de enunciados efetivamente retomados para compor uma enunciação segunda: a) aforizações primárias, que agrupam enunciados destacados por natureza (provérbios, máximas, adágios, slogans); b) aforizações secundárias, retiradas de um texto fonte (possível de ser resgatado ou não), como as falas dos atores políticos, os trechos de livros ou de entrevistas, dentre outros que são retomados pelo processo de citação. Essa aforização secundária pode ter sido sobreasseverada ou não, assim como algumas aforizações primárias podem ter sido retiradas de textos, mesmo que hoje elas apresentem certa liberdade de uso.

Esses processos de sobreasseveração e aforização secundárias⁵, enunciados destacáveis e destacados respectivamente, são bastante complexos e nos interessam como objetos de análise nesta pesquisa. Intimamente relacionados à lógica de citação, são fenômenos que compreendem ao que Maingueneau (2008a; 2010, 2014b, 2015) denomina ‘destextualização’: movimento que envolve o recorte de um texto-fonte, em um gênero específico, que pode ser ou não um excerto ‘sobreasseverado’, retomado para figurar em outro gênero, em forma de ‘citação’ ou ‘aforização’⁶. São esses movimentos de retomadas e novas inserções das falas dos atores políticos, em diferentes gêneros, suas (trans)formações, em funcionamento a

⁵ Referir-nos-emos ao termo apenas como ‘aforização’, já que a forma primária desse fenômeno não será nosso objeto de análise nesta pesquisa.

⁶ Os textos-fonte utilizados em nossa pesquisa correspondem aos debates político-televisivos.

partir da imbricação entre política e mídias, que nos levantam algumas inquietações:

Que tipo de enunciados são produzidos como sobreasseverações pelos atores políticos? Quando as falas dos atores políticos são retomadas, em forma de citação ou de aforização na composição de notícias de jornais impressos (como títulos, destaques, excertos, intertítulos, legendas, olhos, etc.), quais são as manobras discursivas observadas nesse processo de destacamento? Que tipos de enunciados são privilegiados nos destacamentos? Quais são os efeitos de sentidos criados com essas manobras e com o apagamento enunciativo que elas operacionalizam em relação ao texto-fonte? Com o avanço da internet, a brevidade entre o acontecimento e a circulação da notícia no espaço público, podemos observar que as estratégias (nas retomadas de sobreasseverações) são as mesmas praticadas nos jornais de modalidades impressas e *online*? Existem manobras que apresentam maior incidência e regularidade nas produções e retomadas de sobreasseverações nos diferentes debates e jornais que compreendem nosso *corpus*?

A partir desses questionamentos, que funcionam, em sua totalidade, como fios condutores de nossa pesquisa, propomos como objetivo geral analisar o funcionamento da retomada das falas dos atores políticos que compõem a construção das notícias veiculadas por jornais impressos e *online*, a partir do confronto entre:

a) Os debates político-televisivos entre os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves, veiculados pelas emissoras Bandeirantes, Record, SBT/UOL e Globo, no segundo turno das eleições para presidência do Brasil, em 2014.

b) Notícias de jornais impressos e notícias de jornais *online* que relatam os referidos debates, publicadas por jornais de circulação nacional e regional: *Folha de São Paulo* (FS), *Estadão* (ES), *O Globo* (OG), *Correio Brasiliense* (CB), *Gazeta do Povo* (GP) e *Estado de Minas* (EM).

Os objetivos específicos, por sua vez, correspondem a:

- Realizar um movimento teórico-analítico que nos permita observar a produção de sobreasseverações nos debates e o funcionamento da retomada de falas nos jornais em tela.
- Elencar as manobras utilizadas tanto pela antecipação do destacamento (sobreasseverações) quanto nas retomadas (citações e aforizações). Acreditamos que esse levantamento nos permitirá observar que tipo de enunciados são sobreasseverados pelos políticos, e que tipo de enunciados são privilegiados na retomada pelos jornais, assim como realizar comparações quantitativas e, sobretudo, qualitativas entre os resultados das modalidades de notícias impressas e *online*.
- Evidenciar se as retomadas das falas produzem ou fazem circular aforizações, citações, se as escolhas do jornal silenciam sentidos da fala política, se a cenografia e o *ethos* sustentam a circulação desses enunciados, se há mudanças de tom, de estatuto pragmático, de sentido entre as notícias veiculadas sobre um mesmo excerto destacado.
- Categorizar as práticas discursivas dos políticos ao elaborar sobreasseverações nos debates; e as práticas discursivas dos jornais, no processo de destextualização a que submetem os recortes de falas, elencando os principais recursos e manobras referentes à retomada das sobreasseverações de falas destacadas dos debates, que compõem a (re)construção das notícias.

Esses objetivos nos direcionam à busca por respostas, em torno dos processos de antecipação do destacamento na fala política e de destacamento de enunciados na produção jornalística. Dessa forma, delineamos a temática de nossa pesquisa quanto ao destacamento de enunciados, em forma de citações e de aforizações, na conjunção das práticas discursivas políticas e jornalísticas, que envolvem a sobreasseveração de falas, a produção de notícias impressas e de notícias *online*.

Justificamos nossas escolhas pela imersão teórico-metodológica propiciada, sobretudo, pelo encontro de estudos de Dominique Maingueneau, nos entremeios da Análise do Discurso, iniciados no mestrado; e também, pela inquietação de novas problemáticas que a temática dos enunciados destacados suscitam no entrecruzamento entre as instâncias políticas e midiáticas, os quais nos possibilitam a busca por uma compreensão dos mecanismos discursivos que emergem da/na produção desses discursos e gêneros.

O referencial teórico em que nos ancoramos é bastante amplo e abarca estudos sobre citações, silenciamento, enunciados destacados, aforizações, sobreasseverações, cenografia, *ethos* discursivo, valência genérica, mídia, política, jornal, etc. Todos eles nos permitem problematizar a relação polêmica entre política e mídias no espaço jornalístico e refletir sobre o funcionamento das produções linguístico-discursivas nas mídias, especificamente no que se refere à produção e circulação das notícias sobre os debates que compõem nosso *corpus*.

Dessa forma, retomamos autores da Comunicação e da Análise do Discurso, sobretudo os trabalhos de Maingueneau (1997, 2008a, 2008b, 2010, 2011a, 2011b, 2011c, 2014a, 2014b, 2015a, 2015b), Charaudeau (1995, 2000, 2008a, 2008b, 2010, 2012, 2015), Courtine (2006), Krieg-Planque (2009, 2013), Orlandi (2010), Pêcheux (1990), Rubim (2000), Sandré (2013), dentre outros; e em autores que integram os grupos dos quais participamos: o Núcleo de Análise do Discurso (NAD/Fale/UFMG); o Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise (FEsTA/UNICAMP); o Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos (GEPOMI/UEM)⁷. Há ainda outros autores a quem recorreremos, no desenvolvimento de nossa pesquisa, sempre que for necessário com eles dialogar.

⁷ As notícias nacionais que compreendem o *corpus* da presente pesquisa foram coletadas por nós, a fim de compor um agrupamento de gêneros, reunidos a propósito das eleições presidenciais em 2014 no interior do grupo GEPOMI.

Nosso percurso neste trabalho está dividido em três grandes partes. Na primeira delas, abordamos questões teóricas relacionadas aos campos político e midiático. A fala política é apresentada como objeto e os jornais são problematizados como heterogêneas e complexas maquinarias midiáticas, todos eles relacionados ao processo de irradiação da fala política. Desses campos e desse processo, retomamos as problemáticas constitutivas do discurso jornalístico, trazendo para a discussão elementos intimamente relacionados aos nossos objetivos de análises, como o destacamento de enunciados pelo discurso jornalístico, a sobreasseveração na fala política, a aforização, a citação, o silenciamento, as cenas da enunciação e o *ethos*, elementos latentes no processo de destacamento realizado pelos jornais em suas produções.

Na segunda parte, apresentamos o processo que compreende a metodologia, a seleção e o tratamento de nosso *corpus*, abordando as implicações metodológicas para seleção de nosso material de análise e suas principais características. Nessa parte, justificamos os novos rumos de nossa pesquisa, motivados a partir da análise do *corpus*.

A terceira parte é dedicada às 'Análises'. Nela, realizamos um percurso que envolve três grandes movimentos de análise do *corpus*:

a) A análise dos debates político-televisivos, gênero considerado por nós como acontecimentos duplamente orientados e reveladores de uma sequencialidade entre a oralidade e a escrita. Nesse percurso, observamos os diferentes destinatários desse gênero, as cenografias periféricas que surgem a partir de sua produção, a elaboração de sobreasseverações realizadas pelos atores políticos em seus discursos, e os modos de controle da irradiação de suas falas.

b) A análise das notícias impressas e *online* nos jornais, em que observamos: a composição das páginas do jornais, a partir de uma cenografia iconoverbal e de uma hierarquização do *ethos*; a construção discursiva e a manutenção de um *ethos* de marca, que se sobrepõe aos demais, ancorado em uma imagem de sério do jornalista, de cenografias de rotina e nas escolhas realizadas para a composição da notícia; os

títulos de jornais e suas diferenças entre as modalidades impresso e *online*, e sua dupla função de cenografar as notícias e recenografar os debates, além da total ausência de enunciados destacados na sua composição.

c) A análise dos enunciado destacados, em que observamos diferentes níveis de destacamento de falas utilizadas na composição das notícias; as diferenças entre as modalidades da oralidade e da escrita e os diferentes modos de alteração que surgem do processo de retomada de falas, tais como os modos: de imitação, por paráfrase; de criação, por interpretação; de ordem, por topicalização e alteração de sequências de falas; e de silenciamento, que abrange os três anteriores, a partir de apagamento e de inclusão de informação nas citações atribuídas aos candidatos.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, em que elencamos os resultados observados no percurso realizado durante essa pesquisa.

Parte I

Pressupostos Teóricos

CAPÍTULO 1 – FALA POLÍTICA E JORNALISMO

Neste primeiro capítulo, temos como objetivo definir e situar a fala política e o discurso jornalístico como objetos de análises do campo da Análise do Discurso (AD), em relação aos outros discursos que permeiam e estruturam o espaço público. Produto de uma complexa e heterogênea maquinaria midiática, o fazer jornalístico se apropria de outros discursos, como o político, para legitimar sua prática profissional e seu território dentro do amplo espaço midiático, demarcando posicionamentos específicos. O discurso político, por sua vez, apropria-se de características das mídias, promovendo uma maior visibilidade aos seus atores políticos, seus posicionamentos, planos de governo, e etc.

Tratamos, inicialmente, neste primeiro capítulo, de apresentar a fala política como objeto de análise e o discurso jornalístico como prática de um espaço midiático, onde as especificidades da prática jornalística distinguem-no dos outros discursos sociais. Em seguida, nosso olhar será direcionado ao funcionamento dos jornais, heterogêneas maquinarias midiáticas que produzem, entre outros discursos jornalísticos, os jornais impressos e *online*. Por fim, dedicamo-nos à observação da produção da notícia, produto da maquinaria midiática e um dos gêneros que compreendem os jornais, especificamente em relação aos processos de irradiação e circulação da fala política.

1.1 A fala política

Em AD, o discurso político tem sido material privilegiado para análises desde o seu surgimento como disciplina, nos anos 1960. Para Courtine (2006), a análise do discurso político foi o único objeto de análise a partir de maio de 1968 na França. Para o autor,

[...] a maioria dos corpora analisados desde a fundação dessa disciplina são corpora de discurso político e, mais precisamente, corpora de discurso político que manifestam uma predileção pelos discursos proferidos, em diferentes conjunturas [...] (COURTINE, 2006, p. 124).

Na perspectiva de Courtine (2006, p. 34), a AD que se desenvolvia nesse período final dos anos 1960 tinha como objetivo “[...] compreender a sociedade e operar suas transformações”, a partir do agrupamento e aproximação de pontos privilegiados: a linguística e a história. Invocando inicialmente o ‘materialismo histórico’ e uma ‘teoria das ideologias’, posteriormente se apropriou do conceito de ‘formação discursiva’, desenvolvido por Foucault, a partir de métodos de análises automáticas, distribucionais, lexicométricas que pretendiam revelar as ideologias escondidas na linguagem (CHARAUDEAU, 2008a).

Atualmente, assevera Charaudeau (2008a, p. 38),

[...] os estudos que se desenvolvem sobre o discurso político procuram combinar vários desses métodos: uma análise lexicométrica, utilizando um método de tratamento estatístico dos corpora [...]; uma análise enunciativa que evidencia os comportamentos locucionais dos atores da vida política [...]; uma análise argumentativa que tenta evidenciar as lógicas de raciocínio que caracterizam os posicionamentos.

Como disciplina, a AD se desenvolveu e há atualmente diferentes e múltiplas vertentes que exploram *corpora* diversificados, não mais circunscritos apenas ao campo político. Contudo, esse campo, e suas produções discursivas, continua sendo objeto de análise privilegiado pela AD e por diferentes disciplinas que se interessam por esse fenômeno, como a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, as Ciências Políticas, as Ciências da Linguagem, entre outras. Todas elas, afetadas pelos contornos de seus campos, utilizam-se desse fenômeno como objeto de análise.

Em nosso trabalho, desenvolvido a partir dos pressupostos da AD⁸, o discurso político é problematizado em relação à produção da fala dos atores políticos, sujeitos que enunciam a partir de uma situação de comunicação específica. Para Courtine (2006, p. 54):

O sujeito político, aquele que enuncia um discurso, está realmente assujeitado a um todo de muitas condições de produção e recepção de seu enunciado. Ele é o ponto de condensação entre linguagem e ideologia, o lugar onde os sistemas de conhecimento político se articulam na competência linguística, diferenciando-se um do outro, mesclando-se um ao outro, combinando com um outro ou afrontando-o em uma determinada conjuntura política (COURTINE, 2006, p. 64).

Partindo da definição de Courtine (2006), podemos aproximar a noção de sujeito político aos discursos proferidos em situações de comunicação como as dos debates político-televisivos que nos servem de *corpus*. A fala política, nesse contexto, costuma ser marcada por afirmações que geram polêmicas entre diferentes e contrastantes posicionamentos, pontos de vistas, entre os candidatos que participam oralmente da produção genérica.

Além do posicionamento dos partidos, há outros fatores que interferem na produção da fala política. A construção de uma imagem de si e do outro, sobretudo por elogios e por críticas, as coerções genéricas e a produção de cenografias são exemplos de fatores que interferem em maior ou menor grau nesse tipo de produção e, de certa forma, exigem dos políticos competência para produzir falas que contemplem todos esses elementos.

Para nós, esses fatores são manobras da fala política, reconhecidas e produzidas pelos sujeitos políticos em situações como as dos debates, que exigem adequações em relação aos contratos genéricos, às coerções midiáticas e à necessidade de se sobrepôr ao outro. Tudo isso deve ser

⁸ AD tomada em sentido amplo.

produzido a partir de suas falas, de seus discursos, na enunciação dos debates.

A proposta que apresentamos nesta pesquisa corresponde, neste primeiro momento, em observar as manobras que estão relacionadas à produção das falas políticas, a partir do fenômeno denominado por Maingueneau (2010, 2014b) de sobreasseveração: uma tentativa realizada pelo sujeito (o ator político no debate, por exemplo), no sentido de antecipar o destaque (efetuado, por exemplo, pelas mídias) daquilo que ele diz. Em suas falas, ao receber o direito à palavra, os atores políticos sobreasseveram na tentativa de antecipar o destaque de enunciados fortes, que marcam um posicionamento frente a um tema, enunciados que muitas vezes são retomados, ou recusados, por mídias diversas, como acontece com os jornais que relatam os debates.

Há, nesse sentido, um incessante controle sobre as falas dos sujeitos que se encontram na posição de candidatos à presidência, seja pelas coerções genéricas, imediatas na produção do debate, seja pelas coerções de posicionamentos, que regulam o que pode e o que deve ser dito no confronto com o adversário. Por isso mesmo, essas falas frequentemente são objeto de estudos pelos atores políticos, que ensaiam o que dizer perante questionamentos e críticas variadas. Isso é necessário porque uma fala mal interpretada, de sentido dúbio ou de tema socialmente polêmico, pode ser objeto de incessantes retomadas na mídia impressa, na internet, representando um problema para o candidato que cometer o deslize no seu dizer. Dessa forma, os atores políticos parecem desenvolver estratégias bastante sofisticadas de controle de seus discursos, consideradas por nós como uma tentativa do controle de irradiação das suas falas.

Essa irradiação, que corresponde ao alcance e aos novos gêneros em que as falas dos atores políticos serão inseridas, são nossa entrada no discurso jornalístico, especificamente no que se refere à produção de notícias impressas e *online* que relatam os debates, utilizando-se de falas dos atores políticos para compor suas produções genéricas.

1.2 O discurso jornalístico

Como vimos anteriormente, a AD de vertente francesa privilegiou, ao longo de seu desenvolvimento como disciplina, análises que frequentemente se originam em discursos políticos. Em relação ao discurso midiático, os primeiros estudos relacionados à AD francesa emergem nos anos 1970, a partir de estudos de filósofos e historiadores, influenciados, sobretudo, pelos trabalhos de Althusser, para quem a mídia corresponde a um aparelho ideológico de Estado. Nesse período, o discurso midiático não constituía um objeto de análise em si, mas já alimentava *corpora* diversos para análises lexicológicas, sintáticas e de estruturas significantes (RINGOOT, 2014).

A partir dos anos 1980, com o desenvolvimento das Ciências da Informação e da Comunicação, esse cenário se modifica e a mídia passa a ser considerada como objeto de análise. “A análise do discurso participa ativamente desse momento, interessando-se em novas categorias institucionais de ensino e de pesquisa” (RINGOOT, 2014, p. 16, tradução nossa)⁹. Nos anos 1990, emerge a categoria ‘discurso jornalístico’, ao mesmo tempo em que se desenvolve a sociologia do discurso¹⁰. O interesse estava voltado para a dimensão profissional do discurso (discurso profissional), restrito ao âmbito dos produtos jornalísticos (discurso dos jornais) (RINGOOT, 2014).

Atualmente, o discurso jornalístico tem sido objeto de grande parte de trabalhos em Ciências da Comunicação, da Sociologia, da Psicologia, da História, dentre outros. Essas áreas se utilizam muitas vezes da AD como ferramenta para suas análises, contribuindo assim para que o termo “discurso” tenha sentidos variados.

⁹ “L’analyse de discours y participe activement, en s’insérant dans de nouveaux cadres institutionnels d’enseignement et de recherche”.

¹⁰ A Análise Sociológica do Discurso (ASD), de origem espanhola, agrupa estudos que aproximam a análise do discurso à realidade organizacional. A ASD também é conhecida como Interpretação Social do Discurso e como Perspectiva Social-Hermenêutica.

Reduzida ao estatuto de ferramenta em um caso, confrontada às dificuldades da interdisciplinaridade de outro, a análise do discurso se esforça para afirmar sua capacidade de perceber a dimensão simbólica da comunicação midiática (UTARD, 2001, p. 161, tradução nossa)¹¹.

Em suma, o arcabouço conceitual para um estudo discursivo que privilegie como materiais de análise os debates e as notícias, que são produtos da mídia e da prática jornalística, deve ser eminentemente interdisciplinar, reunindo domínios como os da teoria da comunicação, da teoria do jornalismo e da linguística. No percurso que realizamos, em torno dos pressupostos da AD, é possível observar que entre essas disciplinas se articulam conceitos que se complementam, o que justifica as categorias de análise levantadas por nós na parte dois desta pesquisa.

Sobre a especificidade da prática jornalística, nós a reconhecemos por agrupar “[...] um conjunto de 'textos' que pressupõe a existência de coerções languageiras e lógicas sociais que determinam sua produção” (UTARD, 2001, p. 163, tradução nossa)¹², ou seja, como discurso jornalístico. Exemplo disso corresponde à prática de relatar acontecimentos recentes em nossa sociedade, selecionado aqueles que têm maior impacto para um maior número de pessoas e que atendam a critérios como singularidade, relevância, atualidade, verificabilidade, dentre outros cuja prática jornalística apregoa.

A partir do princípio de que “[...] as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público” (CHARAUDEAU, 2012, p. 19), o discurso jornalístico encontra no gênero debate político-televisivo todas essas exigências listadas anteriormente, que

¹¹ “Réduit à l'état d'outil dans un cas, confrontée aux difficultés de l'interdisciplinarité dans l'autre, l'analyse de discours a du mal à faire valoir sa capacité à rendre compte de la dimension symbolique de la communication médiatique”.

¹² “[...] un ensemble de 'textes' dont l'existence présuppose des contraintes langagières et des logiques sociales qui déterminent leur production”.

compõem o *thesaurus* da prática jornalística, sobretudo àquelas que se referem ao grau de importância e ao número de pessoas envolvidas, que parecem ser o grande interesse dos veículos de comunicação.

O campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que são ligados, na sua forma e na sua eficácia, à estrutura própria desse campo, ou seja, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia em relação às forças externas, aquelas do mercado de leitores e aquelas do mercado de anunciantes (BOURDIEU, 2008, p. 81, tradução nossa)¹³.

A relação desses mercados interfere de forma significativa na produção jornalística, como veremos no próximo tópico. Como espaço de um campo maior, o jornalismo nos permite analisar as práticas dos jornais, assim como seu funcionamento discursivo, a partir de sua produção genérica, como fenômeno discursivo e como espaço constitutivamente heterogêneo. Em nossa pesquisa, trabalhamos a partir de um *corpus* que compreende especificamente a produção da notícia, o que nos permite observar a enunciação jornalística a partir de uma identidade editorial, de um *ethos* que condiciona e delimita suas produções.

Cada jornal possui uma identidade própria, um modo de fazer o jornal, um modo de produzir a notícia, ou seja, práticas que podem ser reagrupadas em torno de uma marca. Compreender o funcionamento dos jornais, considerado por nós como heterogêneas maquinarias midiáticas, será nosso objetivo no próximo tópico.

¹³ “Le champ journalistique fait peser sur les différents champs de production culturelle un ensemble d'effets qui sont liés, dans leur forme et leur efficacité, à sa structure propre, c'est-à-dire à la distribution des différents journaux et journalistes selon leur autonomie par rapport aux forces externes, celles du marché des lecteurs et celles du marché des annonceurs”.

1.3 O jornal: uma heterogênea e complexa maquinaria midiática

Vimos anteriormente que a mídia, em geral, corresponde a um campo bastante amplo em que diferentes instituições produzem e colocam em circulação seus produtos midiáticos, dentre os quais podemos observar aqueles que correspondem ao leque do discurso jornalístico. A produção do debate político-televisivo e a produção das notícias de jornais correspondem tão somente a dois produtos, entre tantos outros, produzidos por múltiplas e heterogêneas maquinarias midiáticas.

Cada jornal, nessa linha de raciocínio, representa um grande organismo composto por diferentes agentes e profissionais, sistematicamente e hierarquicamente relacionados, que se propõe à difusão da comunicação, entendida aqui como “um conjunto de conhecimentos [...] relativos à antecipação de práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos enunciados e de seus conteúdos” (KRIEG-PLANQUE, 2013, p. 29, tradução nossa)¹⁴. Cada jornal representa, portanto, uma maquinaria midiática, que também é uma maquinaria discursiva.

Para Bertrand (1999, p. 39), os meios de comunicação são empresas industriais “[...] que, por meio de técnicos específicos, difundem, simultaneamente ou quase, a mesma mensagem a um conjunto de indivíduos esparsos”. Entre os técnicos envolvidos na produção e na circulação de comunicação, compõem a maquinaria discursivo-midiática: a) O jornalista, responsável pela obtenção, seleção, interpretação e circulação das informações, no caso em tela, em forma de notícias; b) O público, que “[...] é heterogêneo e instável” (CHARAUDEAU, 2012, p. 79), compreende um grupo amplo definido como ‘público alvo’, composto por assinantes ou internautas leitores dos produtos jornalísticos, os quais a mídia intenciona alcançar com suas publicações; c) Os anunciantes (o governo, uma instituição, uma marca,

¹⁴ “[...] un ensemble de savoir-faire [...] relatifs à l’anticipation des pratiques de reprise, de transformation et de reformulation des énoncés et de leurs contenus”.

um ator, etc.), que são os responsáveis por assegurar, em maior parte, a saúde financeira das mídias. Nesse sentido, o investimento financeiro dos anunciantes não se relaciona somente à publicização de uma propaganda, de uma marca, de um projeto, etc.

Para Sandré (2013, p. 50, tradução nossa), essa composição heterogênea resulta em uma problemática que se confunde com a história das práticas jornalísticas:

A tensão entre valor simbólico e valor comercial da informação atravessa a história do jornal. Vendido aos leitores e aos anunciantes, o jornal organiza seu espaço escritural em função dos enunciados de informação e dos enunciados publicitários¹⁵.

Contudo, a distinção entre esses valores não representa sempre a mesma força em termos financeiros. Por ser a base financeira da maquinaria midiática, os anunciantes muitas vezes “fazem pressão sobre a mídia, de diversas maneiras, para que esta apague a fronteira entre anúncio e informação” (BERTRAND, 1999, p. 44), controlando-a, manipulando-a.

Os atores que listamos acima não são os únicos existentes no que denominamos aqui de maquinaria midiática, mas compreendem, a nosso ver, peças principais de um “conjunto [que] opera como um vasto organismo vivo” (BERTRAND, 1999, p. 55, inserção nossa). Segundo Charaudeau (2012, p. 73),

[...] todos contribuem para fabricar uma enunciação aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático, uma coenunciação, cuja intencionalidade significativa corresponde a um projeto comum a esses autores [...].

¹⁵ "La tension entre valeur symbolique et valeur commerciale de l'information traverse l'histoire du journal. Vendu aux lecteurs e aux annonceurs, le journal organise son espace scriptural en fonction des énoncés d'information et des énoncés publicitaires".

Essa unidade pode representar um problema, caso seja necessário responsabilizar um sujeito por aquilo que é enunciado no jornal. Em sua prática discursiva, o jornalista não cria os fatos, o evento que relata, mas dá a eles um tratamento específico, que corresponde àquele imposto pelas coerções do jornal, e as coloca em circulação. Nesse sentido, Charaudeau (2012, p. 74) enfatiza que “nunca se sabe realmente quem pode responder por uma informação, mesmo quando é assinada por um determinado jornalista”. Esse funcionamento das peças da maquinaria é tão heterogêneo e sistematicamente organizado que fica difícil saber quem realmente deve responder pelas produções. As produções genéricas dos jornais são produções coletivas.

A maquinaria midiática, de que vimos falando, direciona o fazer, a prática dos meios de comunicação, define como e o que se pode dizer, relatar a partir de seu posicionamento, mais ou menos explícito. No vasto universo de práticas em que o termo ‘midiático’ faz referência, direcionamos nosso olhar para o espaço do jornalismo, e, especificamente, para os produtos da prática jornalística conhecidos como os gêneros notícia impressa e notícia *online*.

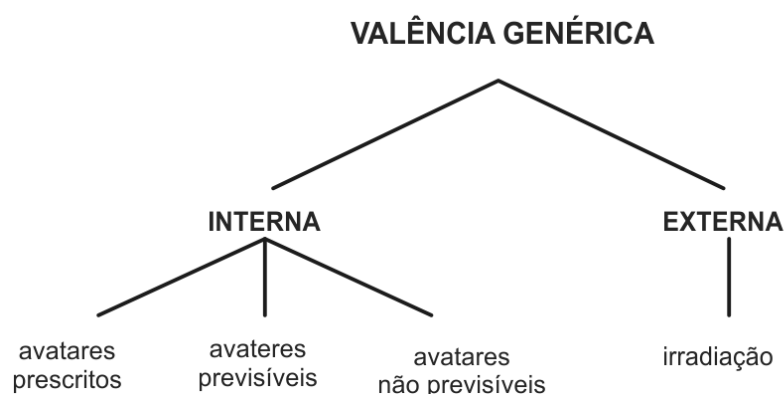
O conjunto de práticas na produção do material noticioso, como o que nos serve de *corpus*, permite-nos adentrar o campo midiático e definir o discurso jornalístico como nosso objeto de análise. Trataremos da especificidade dessa relação de produção no próximo tópico.

1.4 A irradiação da fala política e sua circulação nas mídias

Gêneros como o debate político-televisivo, assim como outros que agrupam falas e posicionamentos frente a um tema, possuem grande capacidade de produzir novos gêneros a partir do momento que são colocados em circulação, a partir de suas enunciações. Um depoimento polêmico de um ator político ou de um ator social, um filme novo, ou, em sua época, um sermão do século XVIII, como analisou Maingueneau (2010), pode ter uma grande força de propagação e, conseqüentemente, de produção de novos gêneros.

Nessa perspectiva, no âmbito do interdiscurso, podemos analisar a produção de alguns gêneros não em sua relação consigo mesmo, mas em relação a sua competência de produzir novos gêneros.

Maingueneau (2010, 2014a) denomina esse processo de ‘valência genérica’, uma metáfora da proposta de Tesnière sobre a valência verbal¹⁶. Na proposta de Maingueneau (2014a), valência genérica corresponde a atribuir função de núcleo a um gênero específico; e de ‘avatares’¹⁷ aos gêneros que surgem a partir dele. Para que possamos compreender essa valência genérica, Maingueneau (2014a) assevera que precisamos dividi-la em duas perspectivas: uma interna e outra externa, conforme o esquema a seguir.



Esquema 1 – Valências genéricas interna e externa

Fonte: Elaboração própria, baseado em Maingueneau (2010, 2014a).

¹⁶ A teoria da valência verbal de Tesnière desloca a noção de centralidade dada ao substantivo dentro de uma oração para o verbo, pois entende que a escolha do sintagma verbal é determinante para a estrutura sintática da oração (nos níveis morfosintático, semântico e pragmático). Como o verbo, por natureza, seleciona ‘lugares vazios’ a serem preenchidos, ou ‘argumentos’ (em português até 4), ele está sujeito a uma complementação realizada por meio dos sintagmas nominais (substantivos, adjetivos, etc.). A regência verbal selecionada em uma oração é a responsável por estabelecer quais são as relações de dependência desses sintagmas nominais com o núcleo, que, por sua vez, determina a quantidade de lacunas que devem ser preenchidas para que uma sentença seja considerada completa. No caso da valência genérica proposta por Maingueneau (2010, 2014), o princípio é o mesmo, a metáfora consiste em considerar um gênero como central, a partir do qual outras produções genéricas (avatares) são possíveis.

¹⁷ O termo ‘Avatar’ é compreendido por Maingueneau (2010, 2014) como produções discursivas que se originam a partir de um núcleo genérico. Nesse sentido, são avatares todas as produções genéricas que possuem relação/ligação intertextual com o núcleo genérico.

Por valência genérica interna, Maingueneau (2014a, p. 69, tradução nossa)¹⁸ compreende “o conjunto de modos de existência comunicacional de um texto que são historicamente variáveis”. Os debates político-televisivos, por exemplo, compreendem atividades que duram mais de duas horas, e os envolvidos não têm quaisquer garantias de controle sobre a circulação de suas falas, que algum tempo depois se transformam em gêneros diversos na internet (em redes sociais, em redes de informações, como o Facebook e o Twitter, em sites de notícias, etc.). O debate é tanto uma apresentação oral para o público presente no momento da enunciação (assessores ou plateia de eleitores, a depender do formato) como um programa de TV destinado aos eleitores. Esse gênero pode ser ainda um vídeo à disposição de internautas pouco tempo depois (às vezes ao vivo) de ter sido veiculado na TV.

As novas tecnologias facilitaram ainda mais essa (re)produção genérica. Atualmente, nem é preciso chegar o dia seguinte para comentar a participação dos políticos no debate da TV: algumas emissoras comentam a performance dos participantes durante os intervalos, blogueiros acompanham e tecem comentários, simultaneamente à apresentação na TV, em *links* ao vivo disponibilizado em sites de compartilhamento de vídeos como o *Youtube*.

Ainda na internet, todos os jornais nacionais, e uma grande quantidade de portais de informação, de blogs, de jornalistas, de agências de notícias, dentre outros, promovem a difusão dos debates, minuto a minuto, comentando ou narrando, diretamente da plateia ou de suas casas, o que dizem (as vezes o que imaginam pensar) os atores políticos nos debates. No *Twitter* e nas páginas das redes sociais dos candidatos, o debate é recontado em pequenas frases que acompanham, em geral, pequenos trechos da fala e/ou a imagem

¹⁸ “[...] l’ensemble des modes d’existence communicationnelle d’un texte, qui sont historiquement variable”.

do candidato, arquivos que serão incessantemente compartilhados na internet por correligionários e adeptos de um ou de outro candidato.

Enfim, não há dúvidas de que o gênero debate político-televisivo pode ser considerado como um núcleo gerador de outros gêneros, nesse processo de valência genérica, acompanhado de suas múltiplas retextualizações que são, em cada novo gênero, uma espécie de avatar do núcleo. Esses avatares, que são de ordens diversas, podem figurar como:

- a) Avatares prescritos, como as reproduções simultâneas dos debates via rádio e via internet, participação em entrevistas (nos intervalos dos debates ou ao final deles), etc. Os avatares prescritos são gêneros obrigatórios, definidos a partir de contratos (jurídicos, no caso do debate) entre os candidatos e as emissoras de TV; apresentam-se como exigências que condicionam a participação dos candidatos nos debates¹⁹.

- b) Avatares previsíveis, gêneros que em uma dada conjuntura histórica são esperados que sejam produzidos a partir de uma enunciação nuclear. Se tomarmos o debate político-televisivo como núcleo, os avatares previsíveis são as notícias impressas e *online* que relatam os debates, assim como uma infinidade de outros gêneros que circulam na *web*, tais como postagens no Facebook e no Twitter, tópicos de discussões em fóruns, recortes de vídeos e de áudios, transcrição de trechos agrupadas em seções de 'resumo' nos sites, dentre outros. Esse grande número de avatares previsíveis, praticamente incontrolável no âmbito da internet, influencia a

¹⁹ Maingueneau (2014a) cita como exemplo de gênero prescrito o processo da esfera jurídica. Nesse exemplo, o exemplo de avatar obrigatório a partir de um núcleo (o processo) é a publicação de decisões/sentenças em jornais. Essas publicações são obrigatórias e necessárias para que o processo tenha um desfecho e, além disso, cumpra leis como a da transparência e da publicidade.

produção genérica, a fala dos atores políticos e evidencia a multiplicidade do público alvo dos debates (o adversário político, os jornalistas e todos os demais profissionais das mídias, os telespectadores eleitores, etc.).

- c) Avatares não desejados, que correspondem, normalmente, a deslizos ou afirmações polêmicas, pontos de vista conflitantes, transformados em objetos de debates, seja pela aceitação, seja pelo repúdio de diferentes grupos. Acreditamos que esse tipo de avatar possa ser também desejável, pois há produções não esperadas que podem favorecer um ou outro candidato. Esses avatares costumam apresentar uma descontextualização muito forte das falas políticas e circulam em pequenos vídeos e pequenos áudios, em sites de compartilhamento; em trechos de falas inseridos em notícias, postagens ou fotografias dos candidatos (estrategicamente selecionadas, sobretudo para indicar sua fonte), que circulam a exaustão em redes sociais; em páginas (de jornais, blogs, pessoais) com posicionamento bastante claros em relação ao apoio ou à rejeição dos candidatos.

Os três tipos de avatares, que representam a valência interna do gênero, permitem compreender a relação entre uma enunciação (como o debate político), que possui forte característica irradiadora, e suas novas construções, retomadas em avatares de ordens diversas, perpassando a obrigatoriedade, a previsibilidade ou a reprodução indesejada. A amplificação dessa valência genérica interna de um gênero se prolonga, ainda mais, com as modificações a que os gêneros são submetidos em determinada configuração histórica, sobretudo pelo surgimento e usos de novas tecnologias que tornam muito mais complexo esse processo.

O surgimento da internet modificou profundamente as modalidades de valência genérica interna, já que, desde então, qualquer texto escrito ou oral produzido em uma situação informal é suscetível de figurar, no todo ou em parte, na Web, e de ser redistribuído em seguida na mídia para ser comentado, como se se tratasse de um enunciado originalmente destinado ao público (MAINGUENEAU, 2014a, p. 71, tradução nossa)²⁰.

A valência externa, por sua vez, está relacionada à produção de gênero dentro de uma mesma esfera. Para Maingueneau (2014a, p. 72, tradução nossa)²¹, trata-se de “ [...] a (ou as) rede(s) de gêneros de discurso o qual faz parte um gênero em uma mesma esfera ou lugar de atividade. Estas redes são de tipos diversos, em função do ponto de vista escolhido”. Podemos dizer, a partir desses pressupostos, que o gênero debate político-televisivo é indissociável do gênero notícia impressa ou *online*. Entre esses gêneros, há uma aparente ‘sequencialidade’²², em que os gêneros (nuclear e avatares) interagem.

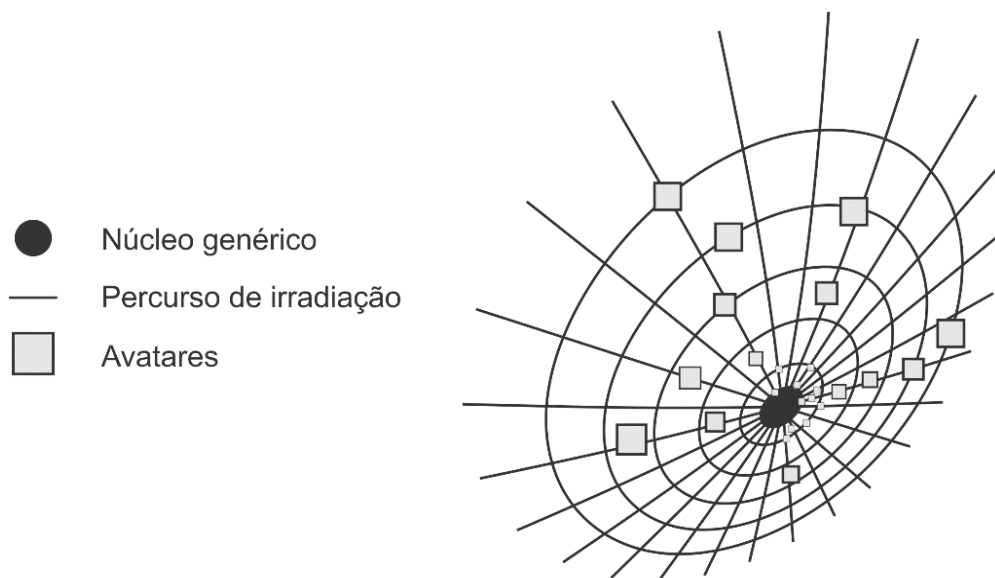
Essa sequencialidade é compreendida por Maingueneau (2014a) como irradiação, uma característica inerente a certos gêneros e/ou discursos que os fazem ser comentados, citados dentro de outros gêneros e/ou discursos, ou seja, serem retomados de formas diversas na produção de novos gêneros. Maingueneau (2010, p. 105) explica que um gênero irradiador “[...] tem a capacidade de ativar a produção verbal de outros gêneros, de fazer falar dele [...]”.

²⁰ “L’apparition d’Internet a modifié profondément les modalités de la valence générique interne, puisque désormais n’importe quel texte écrit ou oral produit dans une situation informelle est susceptible de figurer, pour tout ou partie, sur le Web et d’être réinjecté ensuite dans les médias pour être commenté, comme s’il s’agissait d’un énoncé originellement destiné au public”.

²¹ “[...] le (ou les) réseau(x) de genres de discours dont fait partie un genre dans une même sphère ou lieu d’activité. Ces réseaux sont de types divers, en fonction du point de vue choisi”.

²² “Séquentialité”, nos termos de Maingueneau (2014a, p. 72).

O esquema 2, a seguir, permite-nos pensar a irradiação a partir da metáfora da antena²³. Nele, propomos representar a complexa rede interdiscursiva construída a partir de percursos e entrelaçamentos entre política, comunicação e contemporaneidade.



Esquema 2 – A irradiação do gênero

Fonte: Elaboração própria, com base em Maingueneau (2010, 2014a).

Como é possível observar, o centro da figura está ligado a diferentes linhas que se dissipam, irradiadas a partir do núcleo. O centro da imagem compreende, na metáfora, o núcleo genérico irradiador que corresponde ao debate político-televisivo. Os quadros presentes na continuidade e nas interseções das linhas, por sua vez, correspondem aos diferentes gêneros produzidos a partir do núcleo, como as notícias dos jornais, as postagens nas redes sociais, as reportagens nos programas de TVs, os tuites, e etc. que podem estar mais ou menos próximos à enunciação nuclear. Todos esses

²³ Preferimos a metáfora da antena à da rede ou teia, comumente utilizadas nessas representações de circulação e entrecruzamentos, porque a antena representa, na nossa opinião, um esquema não fechado, nodular, em que se dissipam e entrecruzam diferentes instâncias e discursos irradiados a partir de seu núcleo, mas também porque a antena pode receber irradiações externas, evidenciando, assim, um esquema flexível e não fechado em si mesmo.

gêneros são produções originadas a partir do núcleo por um processo de irradiação, marcado pelo interesse em reproduzi-lo. Esse núcleo, por sua vez, está ligado aos gêneros avatares numa relação intertextual.

Pode acontecer de esses avatares terem maior força irradiante que o núcleo genérico, como acontece muitas vezes com alguns vídeos que são recortes do debate, ou com produções de postagens em redes sociais que retomam apenas uma fala e a fotografia do candidato. Mesmo que a força de irradiação desse avatar seja maior do que a do debate, há de se considerar que ele está intimamente ligado àquela enunciação de onde se originou.

De certa forma, o debate político-televisivo facilita a produção de novos gêneros laterais, por vezes mais irradiantes do que ele: a oralidade é formal, os temas são bem delimitados, os participantes produzem sobreasseverações em suas falas. Além disso, os políticos sabem que aquilo que dizem será objeto de incontáveis e incontáveis retomadas, a partir da enunciação em que são produzidas²⁴. Essa aparente e mais ou menos previsível sequencialidade entre o núcleo e seus avatares é o que permite abordar o gênero em relação a sua irradiação, as produções que se propagam a partir do núcleo genérico, sua circulação.

No momento em que acontece o debate, como vimos, seja simultaneamente, seja minutos depois ou no dia seguinte, o poder de irradiação das falas produzidos nesse gênero é intenso; trata-se de uma irradiação fragmentada das partes do gênero, e não do gênero como tal. As produções de notícias também acontecem pouco tempo depois desse momento enunciativo. Os jornais impressos precisam de tempo hábil para

²⁴ Não se pode, na atual conjuntura social, desconsiderar a influência do trabalho das assessorias de comunicação naquilo que é dito pelos atores políticos em situações como a dos debates. A fala, nesse contexto, não corresponde a uma conversa informal, ordinária; pelo contrário, essas falas são planejadas e os temas estudados antecipadamente. A influência das assessorias de comunicação denota uma especialização da fala política, em que o seu dizer está condicionado àquilo que deve ser dito, de que forma, em que situação, etc. Essa constatação vai ao encontro de nossa proposta de considerar produtivos os enunciados sobreasseverados pelos políticos, a qual desenvolveremos em momento oportuno nesta pesquisa.

realizar a produção das notícias, a diagramação dos textos para a página do jornal, a impressão dos exemplares; os jornais *online* precisam colocar em circulação, o mais rápido possível, as informações na internet, material que normalmente serve de base para a produção da versão impressa que circula no dia seguinte.

Todo esse processo de produção das notícias impressa e *online* corresponde a apenas duas facetas da irradiação, que possui um alcance praticamente impossível de ser dimensionado no que se refere às novas produções genéricas que se inter-relacionam em novas sequências enunciativas. Esse alcance pode ser observado nos entrecruzamentos do esquema 2. Além disso, esse esquema nos permite concluir que a valência externa dos gêneros abrange questões relativas à circulação de um núcleo genérico e ao seu alcance em novas produção de gêneros avatares que retomam esse núcleo, ou seja, a valência externa está relacionada ao alcance e à retomada do núcleo genérico em novas enunciações. Nesse processo interno, acreditamos que também há um tipo de irradiação²⁵ que ocorre de dentro para fora, a partir do núcleo. Essa irradiação pode ser observada a partir do alcance do núcleo, suas novas produções que são diferenciadas, a depender das esferas sociais onde circulam. Um debate político-televisivo, por exemplo, será reproduzido de formas diferentes e em diferentes gêneros na esfera midiática, já os avatares produzidos nas esferas política, escolar, etc. não serão os mesmos. Essa irradiação externa interfere na irradiação interna, seus processos são indissociáveis. Como os debates políticos circulam, de forma mais intensa, na esfera midiática, acreditamos que há uma maior influência dos avatares que circulam nesse meio na produção do núcleo genérico.

A irradiação na valência interna, nesse sentido, acontece no sentido inverso da externa: de fora para dentro. Os avatares interferem na produção do gênero, participando, portanto, das condições de produção, condições de

²⁵ Maingueneau (2010, 2014a) trata o processo de irradiação especificamente relacionado à valência externa.

existência dessa produção nuclear. É nesse processo de irradiação interna que as sobreasseverações parecem justificar sua existência na fala política dos debates, pois são produções que tentam antecipar-se à circulação dos gêneros avatares. Contudo, elas só ganham vida a partir de suas retomadas, em forma de citação ou aforização, no âmbito da relação de irradiação externa do gênero.

Os problemas que se apresentam nesse processo de irradiação são múltiplos e complexos, principalmente se considerarmos que os gêneros avatares, em grande parte, são produções de maquinarias midiáticas heterogêneas que colocam em circulação, em suas produções escritas, comentários e interpretações sobre um núcleo genérico, que pode ser, por exemplo, um acontecimento social.

Para que possamos ir além da dificuldade em saber qual é a verdadeira versão do texto, ao confrontar a fala dos atores políticos e sua respectiva retomada nas mídias, podemos nos ater especificamente a problemáticas que agrupam questões discursivas diversas nesse duplo processo interdiscursivo (interno/externo) de produções genéricas irradiantes, como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 - PROBLEMÁTICAS DISCURSIVAS

2.1 O destacamento de enunciados no discurso jornalístico

No momento sócio-histórico em que vivemos, conforme apontamos anteriormente, há uma grande intensificação da produção de gêneros informativos pela instância midiática. De certa forma, a internet tem grande participação nesse processo, pois é responsável por garantir a rápida circulação e propagação de informações em todo o mundo. Basta um olhar atento direcionado aos gêneros que circulam nesse contexto para que, rapidamente, possamos atestar que a fragmentação de textos, de imagens, de falas, etc. são abundantes e recorrentes. Para Krieg-Planque (2011, p. 30, tradução nossa)²⁶, a página de jornal, por exemplo,

[...] evoluiu ao longo da história para um espaço cada vez mais fragmentado, rubricado, recortado, que impõe formatos de artigos mais curtos e dotados de elementos paratextuais numerosos: títulos, subtítulos, intertítulos, slogans, palavras-chave, destaques, legendas.

Seja no domínio da comunicação impressa, seja no domínio da comunicação digital, “os casos de destacabilidade [de partes de textos] são numerosos e aumentam com o crescimento e a diversificação da mídia” (POSSENTI, 2011, p. 40, inserção nossa). Por destacamento, consideramos uma ação de pôr em evidência parte (um recorte ou um trecho) de um texto, dando ênfase a uma porção que integra um plano textual. As ocorrências são infinitas e, no caso específico das falas de atores políticos, que participam dos

²⁶ “[...] évolué tout au long de son histoire vers un espace de plus en plus fragmenté, rubriqué, découpé, imposant des formats d’articles plus courts et dotes d’éléments paratextuels nombreux : titres, sous-titres, intertitres, accroches, mots clés, exergues, légendes”.

debates e possuem grande poder de irradiação, podem compor títulos, grifos, citações, slogans, recortes de textos que permeiam a esfera midiática e circulam na mesma velocidade que a informação.

Maingueneau (2008a, 2014b) distingue dois tipos de enunciados, os destacados e os destacáveis. O primeiro diz respeito àqueles naturalmente destacados, são exemplos os textos clássicos e as fórmulas filosóficas. Esse destaque, assevera o autor, pode ocorrer de várias formas:

- i) Quando o enunciado é reutilizado para elaborar um título ou intertítulo;
- ii) Quando o enunciado está localizado em uma posição relevante no texto (normalmente inicial ou final);
- iii) Quando há um valor genérico, generalizante no enunciado;
- iv) Quando possui uma estrutura pregnante de seu significante (simetria, silepse) e/ou significado (metáfora, quiasmo);
- v) Quando se confere ao enunciado um papel-chave no plano textual.

O segundo tipo de enunciados diz respeito aos fragmentos destacáveis, aqueles formatados pelo autor de um texto para uma possível retomada citacional. Segundo Maingueneau (2008a, p. 80) esse é “um ato de pôr em evidência que se opera em relação ao resto dos enunciados que são atribuídos, sem mais, ao locutor”, uma antecipação do destacamento (MAINGUENEAU, 2014b)²⁷.

A noção de enunciados destacados, em geral, refere-se àqueles enunciados que normalmente são curtos, formulados por uma única frase, que funcionam de forma autônoma e veiculam posicionamentos discursivos

²⁷ Vale ressaltar que mesmo enunciados que não acumulem características destacáveis muito fortes podem vir a ser destacados. Normalmente, eles passam por um tratamento que lhes agrega características específicas, a depender de onde figuram no gênero (por exemplo no interior do texto ou em destaque). Esse assunto será tratado em um tópico específico.

específicos de determinados grupos sociais. Para Lara (2013, p. 9), “nas mídias, os enunciados destacados surgem, via de regra, como ‘pequenas frases’, isto é, enunciados curtos e propensos a retomadas”; essa brevidade garante, em certa medida, sua repetição.

Os enunciados destacados “não são necessariamente provenientes de sequências destacáveis”, mas possuem características que poderiam levá-los a assumir esse estatuto. Para que cheguem à posição de máximas, essas fórmulas, que normalmente são falas de pessoas de prestígio social, devem “[...] ser pronunciadas com o *ethos* enfático conveniente” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77), e responderem a situações diversas como o momento enunciativo, as restrições do gênero, etc.

Dessa forma, os enunciados destacáveis produzem uma realidade criada por/para uma necessidade/intencionalidade enunciativa, que extrapola o momento temporal onde se encontra enraizado à enunciação: “[...] ela retém de alguma forma em si mesma sua repetição ulterior, ela se comemora ao se inaugurar” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 87). O ponto comum entre enunciados destacáveis e destacados é o de condensarem posicionamentos discursivos, ao se proporem e ao se prestarem à repetição.

Ainda em Maingueneau (2008a, p. 88), há duas novas distinções entre os enunciados ‘destacados autonomizados’ e ‘não-autonomizados’. Em Maingueneau (2014b), o autor prefere os termos ‘destacamento forte’ e ‘destacamento fraco’²⁸, em substituição aos termos anteriores. Para o autor, “deve-se distinguir entre destacamento *forte*, que implica uma separação do texto-fonte, e um destacamento *fraco*, caso em que a frase destacada fica contígua ao texto-fonte” (MAINGUENEAU, 2014b, p.18, grifos do autor). Esses enunciados são autonomizados porque adquirem certa autonomia ao romperem com o texto de origem, estejam eles distantes de onde são retomados (em formas de citação ou de aforização, em que evidenciam um

²⁸ Reconhecemos que essa gradação entre destacamentos forte e fraco apresenta problemas. Não nos aprofundaremos essa discussão neste momento, mas acreditamos que esses limites podem ser problematizados em níveis menos estáticos.

destacamento forte) ou próximos (em formas de título, intertítulo, olho, etc. evidenciam um destacamento fraco).

Neste trabalho, as coerções genéricas dos debates não são capazes de impedir que os atores políticos sobreasseverem em suas falas. Quando um jornalista retoma uma fala de um debate, seja ela sobreasseverada ou não, esse processo corresponde a um destacamento forte, já que o trecho retomado não está inscrito no texto da notícia, mas em outra enunciação, o debate. Nesse contexto, acreditamos que dificilmente alguém buscará a origem dos enunciados destacados nas notícias. Para o leitor, a busca por essa origem não é necessária, pois o funcionamento midiático dispõe de recursos diversos (uso de aspas, travessões, discurso direto, etc.) que afastam, ilusoriamente, a necessidade do confronto e a possibilidade de o trecho estar em desacordo com sua fonte.

O funcionamento dos enunciados destacados tem sido recorrente nos trabalhos de Dominique Maingueneau e de alguns estudiosos brasileiros, especificamente no que se refere às sobreasseverações e aforizações. Esses dois fenômenos compreendem, cada um ao seu modo, problemáticas centrais de nossa pesquisa. Dessa forma, faz-se necessário realizar uma discussão específica para cada um deles.

2.2 Sobreasseveração: a (tentativa de) antecipação do destacamento

O conceito de sobreasseveração, cunhado por Maingueneau, tem sido explorado em diversos momentos de sua trajetória. Antes de nos atermos especificamente às características e problemáticas levantadas em seus trabalhos, julgamos importante fazer uma breve retomada dos aspectos que formularam essa noção. O termo 'sobreasseveração' também é traduzido como 'sobreasserção', versão mais próxima da francesa 'surassertion'. A primeira versão é a mais utilizada nas traduções dos trabalhos de Maingueneau no Brasil, sobretudo aquelas realizadas pelo grupo FEeTA.

Também, em trabalhos anteriores, sobreasseveração tem sido nossa opção ao abordar esse fenômeno de antecipação de destacamentos, escolha que repetimos nesta pesquisa.

Neste momento, o retorno ao termo em francês parece ser interessante para dar ao conceito uma ancoragem maior, especificamente em relação ao seu ponto de partida. Esse ponto está relacionado à noção de 'Asserção', conceito que tem sido explorado em diferentes momentos no desenvolvimento da ciência linguística. Charaudeau (2008b) apresenta uma trajetória para o termo asserção retomando dois grandes momentos: o primeiro em torno dos trabalhos de Arnauld e Lancelot, especificamente a Gramática de Port-Royal, para quem 'asseverar' se confundia com afirmar, julgar; o segundo a partir dos trabalhos de Frege, em relação aos pressupostos da lógica formal, que questionam o valor de verdade da 'asserção' proposto até aquele momento.

A asserção que se estabelece a partir do que compreendemos como processo de sobreasseveração, que a grosso modo pode ser compreendido como a marcação de um ponto de vista sobre um tema e o uso de manobras discursivas e linguísticas para enfatizar essa marcação, parece estar relacionada a uma visão mais ampla e atual do termo asserção. Para Charaudeau (2008b, p. 68, inserção nossa),

[...] podemos utilizar esse termo [Asserção] para designar todo enunciado que contém uma certa visão de mundo, quer se apresente sob forma positiva, negativa, hipotética ou condicional. A asserção diz respeito ao próprio fato de pôr em relação elementos para dizer alguma coisa sobre o mundo, independentemente de sua forma negativa, afirmativa ou interrogativa.

Acompanhado do prefixo 'sur' em francês, que significa "mais alto, acima"²⁹, além de indicar saliência, excesso, sobreasseverar corresponde a uma tomada de posição em relação a um tema, a um ponto de vista, a um

²⁹ Le Robert (1994, p. 1075).

posicionamento específico, etc., independentemente se nesse processo o sujeito utiliza sua fala (ou texto) para afirmar, negar ou questionar algo no mundo³⁰. Dessa forma, a noção de ‘verdade’ enraizada no termo não se relaciona com o conteúdo do enunciado, mas ao que Charaudeau (2008b) denomina de “acontecimento do discurso”, que confronta pontos de vista, posicionamentos.

Essa asserção, que pode ser produzida tanto no discurso oral quanto no discurso escrito, terá ainda mais evidência (por isso ‘sur’) no plano textual se acompanhada de características destacáveis, que formatam esses trechos para uma possível retomada citacional. Em trabalho recente, Maingueneau (2014b) elenca algumas dessas características que colaboram para uma possível antecipação do destacamento. Para o autor, o que caracteriza uma sobreasseveração é, grosso modo, sua forma relativamente breve, que atribui ao excerto também a característica de ser memorizável, e a tomada de posição que o enunciado carrega. Essas características podem ser marcadas de diferentes maneiras:

por uma posição saliente, principalmente o *incipit* ou o fecho de uma unidade textual [...];

por um valor generalizante ou genérico;

por uma estruturação pregnante do seu significante (simetria, silepse...)e/ou do significado (metáfora, quiasmo...);

pelo metadiscurso: em particular por meio de retomadas categorizantes [...] ou de conectores de reformulação (MAINGUENEAU, 2014b, p. 15).

Essas propriedades destacáveis de um trecho dentro do plano textual se assemelham bastante àquelas já levantadas neste trabalho sobre os enunciados destacados: sua forma breve, sua posição relevante no texto, sua

³⁰ Qualquer ato ilocucional, nesse sentido, parece poder ser sobreasseverado. Isso depende, além das características formais da língua, de questões relacionadas à valência genérica, as quais abordaremos no processo de análise.

forte ligação temática considerada como possibilidade de tomada de posição e o *ethos* condizente com o momento da enunciação. Para o autor, trechos que acumulem todas essas características são percebidos como naturalmente sobreasseverados.

Analisar uma sobreasseveração, seja ela oral ou escrita, não é um trabalho fácil. As características levantadas por Maingueneau (2008a, 2014b) como atributos destacáveis de uma porção textual não são as únicas existentes, e podem variar de gênero para gênero. Em um texto filosófico, por exemplo, elas são mais facilmente observáveis (tom generalizante, doutrinal), talvez prototípicas, e localizadas em partes específicas (início ou fim do texto); já na fala política, em um debate, a força de trechos passíveis de sofrer o destaque parece estar mais relacionada à marcação de um ponto de vista que singulariza os candidatos, sem que isso se repita sempre em um ponto específico de suas falas quando recebem o direito à palavra.

O analista, nesse sentido, deve observar nuances na produção discursiva sobre a qual se debruça, a fim de evidenciar as mudanças que possam favorecer partes da enunciação a tomar corpo em relação ao conjunto de falas. De maneira geral, as sobreasseverações são enunciados que condensam uma tomada de posição no interior de uma cena enunciativa, o que corresponde a dizer que ao autor (de um discurso oral ou escrito) pode

[...] marcar um fragmento como destacável, como candidato ao destacamento, colocando-o em evidência no fio da enunciação. Nesse caso, não se trata de destacar um fragmento, mas de fazê-lo se destacar sobre o fundo do texto (MAINGUENEAU, 2015, p. 154, tradução nossa)³¹.

Dessa forma, sobreasseverar corresponde a atribuir certa saliência a um ou outro fragmento na ordem do texto, o que pode ser efetuado tanto em textos

³¹ "[...] marquer un fragment comme détachable, comme candidat au détachement, en le mettant en évidence dans le fil de l'énonciation. Dans ce cas il ne s'agit pas de *détacher* un fragment mais de le faire *se détacher* sur le fond du texte".

escritos quanto em textos orais. Há na sobreasseveração “um tipo de amplificação de certas sequências do texto” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 89), marcada de maneiras mais ou menos explícitas na ordem textual, que evidencia uma tentativa de “antecipar um destacamento” (MAINGUENEAU, 2014b, p. 14). A lógica da sobreasseveração se insere, então, numa dinâmica de textualização onde se operam alterações no fluxo da enunciação, evidenciando o estatuto pragmático da noção.

Qualquer que seja a modalidade da asseveração imposta pelo gênero implicará a figura do enunciador que não apenas diz, mas mostra aquilo que diz. Paradoxalmente, o sobreasseverador se responsabiliza pelo que diz ao tomar um posicionamento autorizado diante do mundo, amplificando sua figura de enunciador por meio de um *ethos* apropriado à cena da enunciação e, ao mesmo tempo, pode se desresponsabilizar pelo seu dizer, operando seu apagamento no recorte enunciativo que produz, elaborando um discurso generalizante e consensual.

O que especifica uma sobreasseveração é a característica de ser proferida pelo locutor dentro de uma lógica do texto, com características destacáveis que indiquem certa ‘força’, capaz de sugerir sua saída desse plano textual.

Certamente, um texto filosófico agrupará mais das características elencadas por Maingueneau (2014b) do que uma notícia de jornal. Esse processo de tensão que resulta na saída de um enunciado de um gênero (o texto-fonte) para figurar em outro (uma notícia, por exemplo), Maingueneau (2010, 2014b) denomina “destextualização”.

Esta destacabilidade, que abre a possibilidade de uma destextualização, de uma saída do texto, entra em tensão com a dinâmica da textualização, que vai na direção oposta à de integrar os constituintes do texto em uma unidade orgânica (MAINGUENEAU, 2014b, p. 15).

Alguns gêneros são realmente mais propícios à produção de sobreasseverações e, efetivamente, de destextualização, como vimos no tópico sobre o princípio da centralidade do gênero. No debate político-televisivo, por exemplo, as produções de sobreasseverações acabam sendo intensificadas. Nas notícias que relatam os debates acontece o contrário, dada a estratégia dos jornais de produzir um efeito de seriedade e objetividade ao relatar, e não em se posicionar explicitamente como sujeito no mundo. Isso está fortemente relacionado com o tipo de discurso empregado pelos jornais ao retomar e apresentar os debates políticos, o do relato.

Sobreasseverados ou não, o grande número de excertos de falas destextualizadas dos debates, que circulam em gêneros diversos (notícias, postagens em redes sociais, e-mails, etc.), atesta que mesmo enunciados não sobreasseverados, que não reúnem características destacáveis, podem circular de maneira intensa e compor outros gêneros.

Para finalizar essa discussão, enfatizamos a relação das sobreasseverações com o processo de irradiação abordado anteriormente³². Por mais que não tenham controle total sobre seu dizer em situações como a dos debates, a sobreasseveração surge nesse processo como uma manobra que tenta controlar a irradiação de suas falas. Os avatares, reconhecidos no âmbito externo do processo de irradiação, exercem influência sobre as produções discursivas dos candidatos, que devem ser capazes de produzir, durante seu turno de fala, asserções com características destacáveis para uma possível retomada citacional.

No âmbito das relações internas da irradiação, a constituição do gênero debate denota um processo bastante sofisticado de trabalho sobre a fala e sua adaptação no interior da cenografia do debate, índices que criam novas cenografias como veremos nas análises. Esse processo de especialização da fala política ancora-se em fontes diversas, como os materiais impressos que os

³² Cf. Item 1.4.

atores políticos leem durante os debates³³, os trabalhos de assessorias de imprensa, as estratégias corporais de uso de palco, de uso da voz, etc. que profissionalizam, ainda mais, a fala política na atualidade. Isso tudo acontece no âmbito interno das relações de irradiação, a fim de que o controle da fala política seja, no âmbito externo, o mais eficaz possível, a ponto de evitar a criação de avatares indesejáveis, que colocam os políticos na condição de sobreasseveradores de trechos que eles não produziram para tal finalidade, deixando os candidatos em situações complicadas, a ponto de, às vezes, eles terem que se explicar sobre aquilo que disseram.

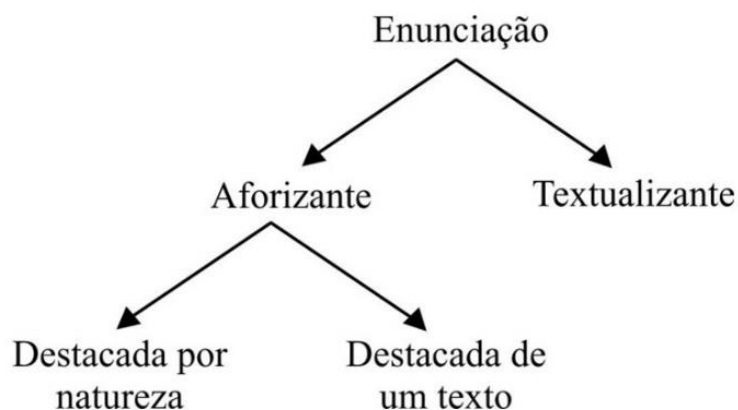
Todo esse processo está relacionado à produção do debate político-televisivo. Embora ele seja desenvolvido na modalidade oral, a fala dos políticos é influenciada por um material escrito que serve como um norteador daquilo que deve ser dito, consultado com frequência pelos candidatos, conforme abordaremos em nossas análises. Essa influência pode ser menor em discursos menos controlados e mais espontâneos, produzidos em gêneros que sofram maior interferência dos participantes da enunciação como, por exemplo, a do público em um pronunciamento de um ator político.

Ainda que as características mais recorrentes das sobreasseverações possam ser utilizadas como norteadoras para análises desse fenômeno, toda a abrangência do gênero, de seus agentes e da sua circulação, justifica, ainda mais, a necessidade de um trabalho específico para cada produção discursiva, no que se refere às condições de existência dos gêneros em análise, no âmbito das relações de irradiação, para pesquisas que proponham abordar o fenômeno da sobreasseveração.

³³ Por mais que encenem um diálogo a partir dos seus conhecimentos de mundo sobre o tema debatido, as perguntas e as respostas utilizadas durante as falas já estão elaboradas, prontas e organizadas para ser utilizadas. Os candidatos são orientados por esse material impresso, que restringe o que pode e deve ser dito em relação a um tema, assim como indicam o que deve ser questionado, criticado, explorado em relação ao outro. Esse falar, que mais se assemelha à leitura de um texto, revela um paradoxo em relação à proposta (tradicional) do debate, já que o candidato pode optar, durante o seu turno de fala, por responder ou não o que foi questionado, dar ou não continuidade ao enquadramento temático proposto pelo adversário.

2.3 Aforizações: frases sem texto

Em seu livro *Doze Conceitos em Análise do Discurso*, Maingueneau (2010) considera que os enunciados destacáveis e os enunciados destacados, que vimos anteriormente, correspondem a lógicas distintas, e complementares, do processo de destacamento de textos, como é possível observar no esquema a seguir:



Esquema 3 - Enunciações aforizante e textualizante
 Fonte: Maingueneau (2010, p. 13).

O esquema 3 nos permite observar dois planos enunciativos distintos, um aforizante e um textualizante. Não há uma oposição entre eles, ambos estão inscritos no horizonte dos gêneros discursivos, uma vez que todo enunciado destacado está sempre inserido em um gênero.

De acordo com Maingueneau (2010, p. 13), todo texto corresponde a “uma rede de pensamentos articulados por meio das restrições de jogos de linguagem de diversas ordens: argumentar, narrar, responder a uma pergunta, maldizer...”. Na enunciação textualizante, os enunciados se constituem como parte integrante da ordem do texto. Conforme abordamos no tópico anterior, os

enunciados sobreasseverados apresentam características destacáveis e pertencem a esse regime textualizante porque compõem o fundo textual.

No regime aforizante, ao contrário, essa ordem discursiva não se prende à textualidade: “não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13). Nele, estão inscritos dois tipos distintos de enunciados: O primeiro diz respeito a enunciados naturalmente destacados, como as máximas, os slogans, os provérbios, os ditos populares e todos os enunciados. Essas aforizações são pequenas frases fortemente generalizantes e normalmente curtas, o que favorece a sua repetição e a sua memorização³⁴.

A segunda modalidade de enunciado destacado corresponde àqueles provenientes de um texto. Retirados de um texto-fonte, originários ou não de sobreasseverações, são recortes de texto que passaram pelo processo de retomada e são inseridos em destaque no gênero que os acolhe³⁵. Particularmente, são esses enunciados destacados de um texto que nos interessam neste trabalho.

Com a pretensão de “escapar ao fluxo de comunicação, ser pura fala” (MAINGUENEAU, 2010, p.13), as aforizações não compreendem o quadro delineado pelo gênero (como acontece com as sobreasseverações). Embora precisem de um gênero para existir, há sempre uma tensão constitutiva entre as aforizações e o fundo textual que as acolhe. Para Maingueneau (2010, p.

³⁴ Pequena frase não significa frase pequena. O tamanho e a estrutura favorecem, conforme dissemos, a memorização e a repetição desses aforismas. Contudo, o tamanho dessas pequenas frases pode variar.

³⁵ Esse destacamento pode ser de dois tipos: a) Um destacamento fraco, em que o trecho destacado está inserido no mesmo gênero que o originou, como acontece em destaques de títulos, olhos, legendas, etc. nas produções de entrevistas, reportagens, comunicados, dentre outros. O destacamento fraco está relacionado à possibilidade de acesso ao texto-fonte, o que não significa que a proximidade entre o destaque e sua fonte evite que os excertos sofram alterações diversas; b) Um destacamento forte, em que o trecho destacado é retomado de outros lugares, sem que o interlocutor tenha acesso ao texto-fonte. É o que acontece nas notícias que relatam os debates. Embora seja possível rever os debates disponíveis em formato de vídeo na internet, esse acesso ao texto-fonte é improvável. Em nossa pesquisa, interessa-nos esse tipo de destacamento forte.

14), “a enunciação aforizante implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que atualiza o ‘memorável’: enunciando e mostrando que enuncia, ela se dá como parte de uma repetição constitutiva”.

Devido às diversas situações comunicativas existentes, o aforizador (sujeito pleno) pode responder por aquilo que diz, pois a “descontextualização das aforizações é acompanhada por uma opacificação de seu sentido” (MAINGUENEAU, 2010, p.15), o que exigirá uma interpretação para que o sentido seja pertinente. “O aforizador é um enunciador que relativiza; com o *ethos* de um homem autorizado, afirma valores para a coletividade. Não somente ele *diz*, mas ainda *mostra que diz*” (MAINGUENEAU, 2014b, p. 28, grifos do autor). Por se encontrar em um regime aforizante, o enunciado é recebido e legitimado pelo interlocutor em sua totalidade situacional.

O caráter aforizante dos discursos pode, no momento da enunciação, sofrer intervenções situacionais, o que pode resultar em enfraquecimento, aumento ou até mesmo impedir que um enunciado adquira esse estatuto aforizante. Maingueneau (2010, p. 22) resume esses fatores em:

- i) Textuais: são a *aforização forte* (em que a citação já é validada) e *aforização fraca* (a citação não possui ou possui autonomia restrita).
- ii) Lexicais, evidenciadas pelo significado do verbo que introduz a aforização.
- iii) Modais: em que há uma hierarquia dos pontos de vista, uma distância entre enunciado e enunciação em que o locutor citante e o locutor citado estão no mesmo plano.
- iv) Aspectuais: em que a generalização do enunciado favorece a aforização.
- v) Sintáticos: o enunciado sofre maior evidencia por causa de um destaque sintático.
- vi) Semânticos, em que o enunciado sofre uma evidência maior por seu conteúdo heurístico, metafórico, paradoxal.

Os enunciados destacáveis só chegam ao estatuto de aforizações se possuírem mais ou menos essas características explanadas por Maingueneau (2010). O destaque não prende os enunciados destacados ao gênero, embora eles precisem de um para existir. “Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação construída por outro locutor, um citador” (MAINGUENEAU, 2010, p. 23). Ao transitar por diferentes gêneros, a aforização pretende se manter fiel ao seu enunciado de origem. No entanto, as aforizações provenientes de textos costumam ser modificadas ou adaptadas a fim de atenderem a uma necessidade pragmática do enunciador.

A questão que se coloca frente a essas características dos enunciados aforizantes é se as falas dos atores políticos, destacadas pelos jornalistas para compor as notícias, podem ser consideradas ou não como aforizações destacadas de um texto. Os enunciados que nos interessam como objeto de análise são normalmente excertos de textos que figuram no gênero notícia em forma de citação, com o uso de marcadores como aspas e travessão. Nesse contexto, o problema que logo se impõe corresponde a compreender se toda aforização pode ser considerada uma citação, e se toda citação pode ser considerada uma aforização.

A resposta para esse impasse parece ser, simultaneamente, sim e não. A retomada é fator preponderante para o fenômeno da aforização, que corresponde à lógica da citação. Contudo, nem toda citação corresponde a uma aforização. Trechos muito longos, sem características destacáveis, que não marquem posicionamentos generalizantes nem permitam que uma instância superior (um hiperenunciador que valide o dizer) se enfatize, podem ter seu caráter aforizante enfraquecido, até mesmo extinto, ainda que utilizem aspas e sejam empregados por discurso direto em uma lógica de citação. Isso quer dizer que nem todo recorte de fala utilizado para compor uma notícia pode, pelo fato de ser ter como fonte uma fala anterior, ser considerado aforizante, ainda que seja retomado como citação.

Essa constatação parece ser problemática e nos permitirá, logo a diante, apresentar uma proposta de análise que considera níveis de aforização e de

citação em um *continuum* apresentado entre enunciados com maior ou menor força aforizante.

2.4 O apagamento e o silenciamento: recusas e recortes no sentido

Ao trabalharmos com as noções de destacamento, destacabilidade, aforização, sobreasseveração, citação, elegemos, de certa forma, sujeitos, nos papéis de atores políticos e de jornalistas, que fazem escolhas, destacam elementos em seus discursos que gostariam que fossem retomados, enfatizando partes de suas falas nos debates, e realizam recortes a partir do debate como núcleo genérico, a fim elaborar as notícias como as que são utilizadas no *corpus* desta pesquisa. Essas não são escolhas aleatórias, e sim opções que cumprem uma ação pragmático-enunciativa na elaboração dos textos, o que significa dizer que ao eleger certa parte e não outra, certo recorte e não outro, certa frase e não outra, ao nosso ver, operam-se silêncios, tanto nas palavras escolhidas pelo recorte quanto nas palavras deixadas de lado para essa escolha (ASSIS, 2013).

Esses silenciamentos são operadores de sentidos e diferem, por esse motivo, do que a gramática tradicional denomina de implícitos³⁶, pois ao falarmos em silenciamentos entendemos que há um “silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro[...]” (ORLANDI, 2010, p. 67)³⁷, e não que há um sentido posto/sobreposto ao texto, como algo pronto para ser descoberto, decifrado. Também, o silêncio

³⁶ Implícitos são sentidos sobrepostos pela intenção do locutor e pelo sujeito interpretante, algo pronto, o que não condiz com nossa visão de que o silêncio significa, não é algo posto, tão pouco acessível aos locutores. O silêncio está relacionado com o não-dizer, com o equívoco, com a incompletude, o que nos permite apreciar a errância dos sentidos (ORLANDI, 2010). Se considerarmos o silêncio como implícitos, cairemos na ilusão de que o discurso só pode ser um, o esquecimento número 2 de Pêcheux (1990).

³⁷ Fazemos essa breve distinção/especificação em relação ao silêncio por considerarmos, assim como Orlandi (2010, p. 66), “[...]a relação fundamental das palavras com o silêncio sem, no entanto, reduzir esta a um complemento da palavra”.

não significa apenas ausência (apagamento) de palavras, há silêncio também nas escolhas, uma vez que “as palavras são cheias, ou melhor, carregadas de silêncio. Não se pode excluí-lo das palavras assim como não se pode, por outro lado, recuperar o sentido do silêncio só pela verbalização” (ORLANDI, 2010, p. 67).

Para pensarmos como se manifesta o silêncio nas retomadas de falas, podemos inicialmente nos questionar o porquê da escolha de pôr em evidência uma porção de texto e não outra. Quais sentidos são evocados por um excerto sobreasseverado ou por um recorte colocado em circulação? Há alterações e o que elas silenciam? Há marcas, pistas que possam evidenciar esse silenciamento na produção discursiva? Quem seleciona um recorte o faz com objetivo de expor aquilo que lhe convém, isso, certamente, regulado por posicionamentos, se pensarmos em instituições que os jornalistas representam.

É importante ressaltar que “sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio” (ORLANDI, 2010, p. 45). Só é possível observá-lo pelos efeitos que ele produz, e pelos diferentes modos de ele significar nesses textos, pelas falhas que ele apresenta, pelos traços e pistas deixados ao longo dos discursos. Ainda em relação à produção da notícia, ao mesmo tempo em que um enunciador seleciona um excerto da fala de um ator político em um texto-fonte, o debate, para compor a notícia, ele deixou de selecionar outros textos do mesmo ou de outro ator político que talvez não fossem adequadas ao que se pretendia dizer, ao posicionamento que ele representa e ao efeito pretendido: eis o silenciamento, segunda categorização da forma do silêncio, significando.

Nessa linha de raciocínio, “[...] o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido” (ORLANDI, 2010, p. 53), recorte este que observamos como operado por um movimento pragmático pelo produtor da notícia, e que se

apresenta em forma de aforizações e citações nas notícias veiculadas nos jornais impressos e online de todo país.

Des(con)textualizados, os recortes de falas dos debates político-televisivos podem assumir sentidos diferentes, ser utilizados como mecanismos de produção de sentidos, evidenciar posicionamentos divergentes daqueles atrelados às sobreasseverações produzidas no texto-fonte. Alguns mecanismos frasais são lembrados por Orlandi (2010) como responsáveis por atribuir ao silêncio uma identidade positiva, a autora elenca a elipse, a reticência, a descontinuidade temática, a subdeterminação semântica e a preterição. Acrescentamos a essa lista todas as alterações que modificam os sentidos produzidos pelos atores políticos, transformando-os no processo de destaque e de aspeamento produzidos pelo jornal na intenção de dar ao texto noticioso um efeito de verdade (ASSIS, 2013).

A utilização dos recursos das aspas e dos travessões proporciona o silenciamento e a produção de sentidos, apresentam-se como mecanismos que afastam o apagamento de parcialidade em relação à notícia veiculada, à fala marcada como discurso do outro: “é uma interpretação de um discurso anterior, e não a sua reprodução” (BENITES, 2002, p. 59). Esses mecanismos de atribuir ao outro o dizer, pelo recurso do discurso direto, é muito recorrente em textos midiáticos, como podemos perceber nas notícias de nosso *corpus* e na maior parte de revistas e jornais em circulação.

Os processos de destextualização, que vimos anteriormente e que envolvem os fenômenos das sobreasseverações e das aforizações, a nosso ver, manifestam/operacionalizam mecanismos de silenciamentos, o que evidencia a incompletude constitutiva da linguagem.

Em face do discurso, o sujeito estabelece necessariamente um laço com o silêncio; mesmo que essa relação não se estabeleça em um nível totalmente consciente. Para falar, o sujeito tem necessidade de silêncio, um silêncio que é fundamento necessário ao sentido de que ele reinstaura falando (ORLANDI, 2010, p. 69).

A destextualização abre a possibilidade de esses discursos virem a circular por diferentes gêneros e/ou outros lugares, e essa circulação atesta a polissemia dos enunciados destacados que, em contextos diferentes, apagam “[...] necessariamente outros discursos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2010, p. 73). Dessa forma, não podemos pensar em escolhas aleatórias e sim pragmáticas.

Reconhecer o silêncio como parte integrante dos discursos nos permite pressupor que o silêncio funciona de maneira diferente em cada um desses processos de recorte, seleção e circulação de falas. E ainda que, para se compreender a linguagem, faz-se necessário compreender o silêncio, atribuindo-lhe estatuto de sentido presente tanto na ausência quanto na presença de palavras, já que as escolhas também produzem sentidos. Os movimentos de seleção, recorte e circulação contemplam todos esses sentidos envoltos ao silêncio. As sobreasseverações, as aforizações e as citações, contextualizadas ou não, modificadas ou não, manifestam posicionamentos, ao mesmo tempo em que silenciam posicionamentos diferentes, contrastantes, desnecessários. Além disso, podem ser objetos de modificações que afetam o seu sentido, transformando, em diferentes graus, e ao mesmo tempo em que o silencia, os sentidos das falas.

2.5 O *ethos* discursivo

Os estudos sobre *ethos* têm sido amplamente discutidos fora e dentro do Brasil nas últimas décadas e em diferentes linhas teóricas. Durante muito tempo, as pesquisas desenvolvidas a esse respeito abordaram, e ainda abordam nos dias atuais, a conceituação advinda dos trabalhos de Aristóteles, primeiro autor em que se encontra um trabalho conceitual a respeito do *ethos*.

A partir dos anos 1980, o conceito tomou maior visibilidade nos entremeios dos estudos discursivos em detrimento aos estudos relacionados

ao *ethos* retórico. Para Maingueneau (2011c, p. 11), esse “[...] interesse crescente pelo *ethos* está ligado a uma evolução das condições do exercício da palavra publicamente proferida, particularmente com a pressão das mídias audiovisuais e da publicidade”. Afinal de contas, vivemos em um momento bastante diferente daquele da retórica grega, a sociedade evoluiu, os dispositivos de comunicação evoluíram e isso impôs outras problemáticas à noção de *ethos*.

Embora não seja possível estabilizar essa noção em torno de um único arcabouço teórico, acreditamos que o interesse de áreas como a Análise do Discurso pela noção de *ethos* pode ser observada em trabalhos de autores como Maingueneau (2011b, 2011c, 2015), em sua proposta de *ethos* discursivo, e de Charaudeau (2008a), em sua tipologia dos *ethé*. Essas duas perspectivas, ao nosso ver complementares, permitem-nos levantar algumas problemáticas bastante atuais que se mostram em nosso *corpus*, sobretudo na produção da notícia.

Eminentemente ligado ao ato de enunciação, o *ethos* na perspectiva de Maingueneau (2011b) é compreendido como uma noção discursiva, e não apenas como uma imagem exterior de um enunciador. Para o autor,

[...] em termos mais pragmáticos, dir-se-ia que o *ethos* se desdobra no registro do ‘mostrado’ e, eventualmente, no do ‘dito’. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado (MAINGUENEAU, 2011b, p.70).

Essa visão de *ethos* relacionada à enunciação, não sendo explícita no enunciado, permite-nos evidenciá-lo não só em textos orais, onde uma confluência de características o tornam mais evidentes (gesto, tom de voz, etc.), mas também em textos escritos³⁸, como as notícias que compõem nosso

³⁸ De acordo com Maingueneau (2008b), “O discurso, por mais escrito que seja, tem uma voz própria, mesmo quando a nega”.

corpus, o que sugere uma ruptura com a retórica clássica. Nesse *ethos* que se mostra na enunciação³⁹,

[...] há uma espécie de desejo de essencialização tanto por parte do locutor quanto da do interlocutor, nessa busca de sentido do discurso. Barthes define o *ethos*, afirmando que o orador que enuncia diz: “Sou isto, não sou aquilo” [...] “Eu sou o que desejo ser, sendo efetivamente o que digo que sou.” (CHARAUDEAU 2008a, p. 116).

Maingueneau (2011c) ressalta que essa problemática não se reduz a simples interpretações ou decodificação, o coenunciador⁴⁰ participa do mundo criado pela enunciação, ao mesmo tempo permite que um fiador se instaure fazendo o movimento corporal de aproximação de uma identidade, “[...] alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. As ‘ideias’ suscitam a adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser” (MAINGUENEAU, 2011c, p. 29). Pode acontecer de essa imagem de si ser compreendida de forma diferente da que o indivíduo quer mostrar, ele pode querer passar uma imagem, mas estar equivocado quanto à recepção dela. Isso acontece porque o *ethos*

[...] não é totalmente voluntário (grande parte dele não é consciente), tampouco necessariamente coincide com o que o destinatário percebe, reconstruído ou construído, o destinatário pode muito bem construir um *ethos* do locutor que este não desejou, como frequentemente acontece na comunicação política (CHARAUDEAU 2008a, p. 116).

³⁹ Em trabalhos mais recentes, Maingueneau (2014c) admite também a existência de um *ethos* prévio e de um *ethos* que perpassa, além da enunciação, o enunciado.

⁴⁰ O termo indica que o interlocutor participa do processo de comunicação. Em nosso trabalho, coenunciador pode ser considerado como correlato de leitor e eleitor, coparticipantes, cada um a seu modo, dos processos enunciativos do debate político-televisivo e das notícias impressas e *online*.

Em falas espontâneas, isso é ainda mais evidente quando o *ethos* que se deseja construir não é o *ethos* efetivamente construído. Maingueneau (2011c, p. 16) exemplifica:

Um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como um demagogo. Os fracassos em matéria de *ethos* são moeda corrente.

Em um debate-televisivo, ocorre a mesma situação. Mesmo que o participante estude temas e se prepare em relação às possíveis respostas, os deslizos, os gestos, o tom da voz, os movimentos frente às câmeras, dentre outros fatores, podem contribuir para que o telespectador construa um *ethos* diferente daquele almejado pelo político, sem contar que há uma força por parte do outro para desconstruir a imagem que se tem como objetivo. E isso não está relacionado apenas a essas categorias,

[...] uma outra série de problemas advém do fato de que, na elaboração do *ethos*, interagem fenômenos de ordens muito diversas: os índices sobre os quais se apóia o intérprete vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modulação... (MAINGUENEAU, 2011c, p. 16).

Esses aspectos só podem ser observados a partir da confluência indissociável existente entre tom, caráter e corporalidade⁴¹. Nesse sentido, a noção de *ethos* proposta por Maingueneau relaciona-se às noções de reflexibilidade enunciativa e do corpo enunciante, uma vez que o autor considera insuficiente a noção de *ethos* de perspectiva clássica que se

⁴¹ De acordo com Souza-e-Silva (2012, p. 110) “Tom, caráter e corporalidade provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas sobre as quais se apoia a enunciação.

configura em torno de estatuto e de papéis⁴². Para o Maingueneau (2011c, p. 70), o *ethos* se “manifesta também como ‘voz’ e, além disso, como ‘corpo enunciante’, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente”.

Partindo do princípio de que o *ethos* se mostra, ele não é dito (MAINGUENAU, 2011b, p. 72), o autor propõe que

[...] qualquer discurso escrito, mesmo que a negue, possui uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse: o termo “tom” apresenta a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral: pode-se falar do “tom” de um livro.

Essa noção de tom⁴³ é de suma importância para pensarmos o *ethos* e a cena da enunciação em nosso *corpus*, principalmente na produção das notícias que são escritas e produzidas coletivamente. Os recursos das citações e das aforizações de enunciados materializam-se em textos noticiosos que, por sua vez, são construídas por meio de uma cena visual da página do jornal, como veremos nas análises.

Isso nos leva a pensar que nos debates políticos, como os que nos servem de *corpus*, o *ethos* pode estar relacionado à construção da imagem dos atores políticos envolvidos; à tentativa de desconstrução da imagem do outro; à construção da imagem do jornal. Essas problemáticas relacionadas ao *ethos* discursivo, envolvendo tanto enunciadores individuais quanto coletivos, permitem-nos evidenciar o discurso como uma configuração sócio-histórica indissociável de seus conteúdos e da sua forma de legitimação em uma cena discursiva.

⁴² Maingueneau propõe o estudo de um *ethos* “escritural” em oposição a um *ethos* “oral” tradicionalmente relacionado a Aristóteles. A diferença está em observar que são dois regimes completamente diferentes, pois “[...] o segundo impõe a fala imediata de um locutor encarnado, enquanto o primeiro exige do leitor um trabalho de elaboração imaginária a partir de indícios textuais diversificados.” (MAINGUENEAU, 2011b, p. 74).

⁴³ Tom corresponde a um ‘modo de dizer’, observável tanto na escrita quanto na oralidade.

2.6 As cenas da enunciação

A noção discursiva de *ethos*, abordada na seção anterior, está intimamente relacionada à noção de cena enunciativa. Em uma perspectiva discursiva, falar em construção da imagem de si sempre nos remeterá a uma cena enunciativa, em que estão postas configurações específicas, inscritas em um momento enunciativo, que implicam papéis e um modo de circulação dos enunciados provenientes desse lugar e momento enunciativos.

O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente (MAINGUENEAU, 2011b, p. 75).

A ‘Cena da Enunciação’ a que o autor se refere compreende três cenas que se complementam: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante evidencia o caráter pragmático da enunciação, definido pelo tipo de discurso (jurídico, político, midiático, etc.); “[...], é ela quem define a situação dos parceiros e um certo quadro espaço-temporal” (MAINGUENEAU, 2011a, p.86).

A cena genérica, por sua vez, corresponde ao gênero discursivo que se instaura na enunciação. Como tal, implica “[...] um contexto específico: papéis, circunstâncias (em particular, um modo de inscrição no espaço e no tempo, um suporte matéria, uma finalidade etc.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 116). Essas duas primeiras cenas, em muitos casos, podem compreender o que se entende por cena da enunciação, uma vez que

[...] definem conjuntamente o que poderia ser chamado de quadro cênico do texto. É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero de discurso (MAINGUENEAU, 2011a, p.87).

No entanto, uma terceira cena pode compreender a cena da enunciação. Trata-se da “cenografia”, [...] a qual não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, sendo instituída pelo próprio discurso” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 116). O discurso em si já impõe uma cenografia, pois sua construção é sempre acompanhada de uma encenação que busca convencer e instituir essa cena de enunciação para se legitimar.

Para que a cenografia se legitime, então, é necessário que o discurso faça que os lugares, por ele estabelecidos na enunciação, sejam aceitos por seus leitores, uma vez que a cenografia implica a presença de duas figuras: o enunciador e (seu correlato) o coenunciador. De acordo com Maingueneau (2008a, p.117), “[...] esses dois lugares supõem igualmente uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar), das quais pretende originar-se o discurso”. Trata-se, portanto, de três polos inseparáveis que fundam a enunciação responsável pelo discurso, o direito à palavra.

Além disso, pensar a cenografia não nos permite pensar em um lugar, um quadro, em que o discurso se encaixa dentro de um espaço já construído, que existe alheio ao discurso e independente um do outro; pelo contrário, “[...] é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala.” (MAINGUENEAU, 2011a, p. 87). Paradoxalmente, a fala supõe uma enunciação que é validada no quadro cênico pela própria enunciação.

Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria...” (MAINGUENEAU, 2011a, p. 87 – 88)

O que se diz nos discursos deve ser validado pelo próprio discurso, pelo conteúdo que ele engendra. Dessa forma, em uma notícia é possível controlar a enunciação de forma que ela se adapte à cenografia que se quer construir.

Já em debates político-televisivos, como os que nos servem de *corpus*, fica mais difícil encenar por meio de criações próprias de cenografia, pois não há o controle efetivo da enunciação, e sim uma ameaça constante à construção das imagens, além da necessidade de agir imediatamente às perguntas e às críticas levantadas pelos interlocutores.

Parte II

Pressupostos Metodológicos

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA, SELEÇÃO E TRATAMENTO DO CORPUS

3.1 Implicações metodológicas

Depois de especificarmos o tipo de discurso que nos interessa e de levantar as categorias de base para nossa análise, apresentaremos agora a metodologia e o *corpus* que nos permitirão analisar a fala política e o discurso jornalístico. Conforme dissemos anteriormente, a proposta que apresentamos nesse trabalho está relacionada ao funcionamento dos enunciados destacados na mídia impressa e *online*. Em nossa sociedade, “[...] a fala política é um lugar onde se misturam expectativas e ações, vinculado a um contrato de idealização social entre dirigentes e cidadãos” (CHARAUDEAU, 2015, p. 7)⁴⁴. Fonte incessante de polêmicas, a fala política é bastante produtiva e garante às mídias material diário para a elaboração de suas pautas e gêneros, produzidos por diferentes segmentos impressos e *online*.

Para que possamos nos debruçar sobre o fenômeno discursivo dos enunciados destacados no discurso jornalístico, e observar todos os fenômenos que essa prática convoca, delimitamos nosso *corpus* em um material constituído por três diferentes gêneros discursivos⁴⁵ produzidos pela mídia: i. debates político-televisivos; ii. notícias de jornais impressos; iii. notícias de jornais *online*.

Em relação aos debates, optamos pela seleção daqueles que foram veiculados no segundo turno das eleições de 2014. Difundidos pelas emissoras

⁴⁴ “[...] la parole politique est alors un lieu où se mélangent espérances et actions dans lequel se noue un contrat d’*idéalité sociale* entre dirigeants et citoyens”.

⁴⁵ Gêneros discursivos compreendidos na perspectiva de Bakhtin (2003) como enunciados relativamente estáveis em suas proporções discursivas e dialógicas determinadas sócio-historicamente.

Bandeirantes, *Globo*, *SBT/UOL* e *Record*, os debates entre os candidatos Dilma Rousseff (DR) e Aécio Neves (AN) foram sempre intermediados por apresentadores dos telejornais desses canais de TV. Como precisávamos de um material verbal para constituição do *corpus* desta pesquisa, e os vídeos estavam disponíveis em formato digital, realizamos as transcrições dos quatro debates para a língua escrita⁴⁶, os quais denominamos de textos-fonte. Reconhecemos que esse movimento de passagem do oral para o escrito constitui a produção de um novo *corpus*, mas

[...] para poder ser analisado, o discurso oral deve ser 'transcrito', isto é, transformado em um objeto gráfico, a análise é realizada em um vai-e-vem constante entre o texto e a gravação em si, ou seja, entre o que chamamos às vezes de dados 'primários' (a gravação do evento) e 'secundários' (sua transcrição), já que não se tem acesso aos dados 'brutos' (o próprio evento) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2012, p. 25, tradução nossa)⁴⁷.

Embora o resgate dos debates seja importante para nossa pesquisa, especificamente ao tratarmos da noção de sobreasseveração como antecipação do destacamento, a textualidade oral não foi nosso objeto de análise. A transcrição realizada por nós é a do tipo ortográfica e se justifica em razão de nossos objetivos, os quais estão relacionados à observação das práticas discursivas do jornalismo, que relatam falas. Essa transcrição nos permite realizar o confronto entre aquilo que foi dito pelos candidatos e as falas destacadas nas notícias. Dessa forma, nosso interesse está relacionado à produção das modalidades de comunicação impressa e digital⁴⁸ das notícias

⁴⁶ Essa transcrição se justifica em razão dos nossos objetivos.

⁴⁷ "[...] mais pour pouvoir être analysé le discours oral doit être « transcrit », c'est-à-dire transformé en un objet graphique, l'analyse s'effectuant dans un va-et-vient constant entre cet artefact et l'enregistrement lui-même, c'est-à-dire entre ce que l'on appelle parfois les données « primaires » (l'enregistrement de l'événement) et « secondaires » (sa transcription), étant donné que l'on n'a pas accès aux données « brutes » (l'événement lui-même)".

⁴⁸ Digital e *online* são considerados termos equivalentes neste trabalho quando se referem a modalidades de comunicação.

que relatam os debates, verbalizados nos destacamentos, considerando a totalidade do material linguageiro na construção desses discursos.

Heterogêneos, os dois tipos de comunicação, o digital e o impresso, denotam textualidades também diferentes. Entre elas, destacamos as retificações de notícias após a publicação do jornal impresso, relegados às próximas edições (no caso do material impresso) ou efetuadas a qualquer momento (no caso do material da internet), neste caso sinalizadas apenas pela data de atualização. Para evitar textos que tenham sido alterados desde a sua primeira publicação, definimos o dia seguinte à veiculação dos debates na TV como período para efetuar as coletas dos textos noticiosos.

Sobre o *corpus* jornalístico, nosso trabalho privilegia as notícias produzidas por jornais de grande circulação no Brasil: *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Correio Braziliense*, *Gazeta do Povo*, *Estado de Minas*. Ao todo, analisamos um total de quarenta e oito notícias que relatam os quatro debates.

A primeira análise foi quantitativa, em que levantamos nesse material as ocorrências dos enunciados destacados, ou seja, as citações e as aforizações que compunham os elementos da notícia. Esses elementos serão apresentados e convocados nas análises, sempre que necessários. A análise qualitativa, na sequência, corresponde à observação dos aspectos discursivos da produção jornalística. Esses resultados serão apresentados em nossas análises, sempre que necessário.

3.2 Os debates

O discurso político tem adentrado o campo midiático desde o surgimento da televisão (TV), nas décadas de 1970 e 1980. A partir de então, a TV foi e continua sendo fonte de informação para a maioria das pessoas, e seu alcance é muito maior do que outras mídias e suportes. Nos dias atuais, mesmo com os avanços da internet, a televisão continua sendo um lugar privilegiado para a

veiculação de produtos, marcas, pontos de vista, etc. Durante o período eleitoral brasileiro, por exemplo, os partidos políticos se agrupam em coligações para, juntos, deterem maior espaço no horário gratuito de propaganda eleitoral (HGPE), a fim de veicular seus candidatos, suas propostas, seus posicionamentos.

Também na TV, o tempo disponível nos debates político-televisivos é de suma importância para que os candidatos possam construir sua imagem, a imagem do seu governo, e também construir/desconstruir a imagem do outro, seu oponente. Nesse gênero oral, o princípio de disputa é latente e 'ganha' quem tiver maior domínio sobre a oratória, sobre a temática, maior força argumentativa na desconstrução do outro.

O debate político na TV possui um grande poder de irradiação, de reprodução de novos gêneros, como vimos anteriormente. Um dos espaços dentro do campo midiático que se apropriam dessa irradiação é o espaço jornalístico, ao retomar as falas proferidas durante os debates e transformá-las em excertos e comentários, propagando simulacros⁴⁹. Como gênero, o debate pode ser definido de diferentes maneiras. Para Charaudeau (2000, p. 97), trata-se de

[...] uma forma de diálogo organizado de forma a fazer surgir a verdade, seja qual for a sua configuração, a propósito de um tema problematizado, através da confrontação de saberes diferentes sobre o tema, por intermédio de um dispositivo televisivo (organização, gestão, apresentação) que permite que a exposição destes saberes e a sua confrontação desvendem certos aspectos da problematização, tornando-os, ao mesmo tempo, o mais inteligíveis possível.

⁴⁹ Na perspectiva de Maingueneau (1997; 2008b), simulacro é compreendido como uma tradução que cada discurso faz dos outros discursos, a partir de suas próprias categorias de análise. Dessa forma, o simulacro que aqui se constrói está relacionado à interpretação dos jornais a respeito do discurso dos atores políticos.

Essa definição talvez esteja mais relacionada a certo tipo de debate, bastante recorrente na França, realizado entre *experts* em determinado assunto, que se propõem a esclarecer e a debater sobre diferentes temas. Nesse sentido, ela parece não dar conta de abarcar as características específicas do debate político-televisivo, sobretudo os que têm sido realizados no Brasil, como os que compreendem nosso material de análise. Preferimos, dessa forma, considerar esse gênero como uma discussão organizada e dirigida, definida por Sandré (2013) como variante argumentativa da conversação.

Nesse sentido, o debate é considerado um gênero oral que apresenta características de discurso dialogal, já que necessita de pelo menos dois debatedores; e monologal, pois ao receber o direito à palavra os debatentes produzem, por um período de tempo, seus discursos. A cenografia dominante do gênero debate se desenvolve de maneira orquestrada, com regras específicas que definem e limitam a forma e o momento de participação de cada um dos candidatos.

Ainda que, nesse gênero, a oralidade por vezes apresente falhas, discursos incompletos, incoerências, características de fala/oralidade a que não nos ateremos especificamente neste trabalho, as cenografias construídas nos debates político-televisivos são duplamente controladas pelos programas de TV e pelos participantes. Isso afeta bastante a relação dialogal que parece ser inerente ao gênero.

Como existem diferentes modalidades do gênero debate, parece-nos interessante realizar um levantamento das características desse gênero que utilizamos como material de análise, para que possamos compreender a constituição cenográfica específica dos debates político-televisivos que nos servem de *corpus*.

Por se tratar de programas que dificilmente promovem o debate em si, a pretensão das emissoras que veiculam esse gênero é a de dar as mesmas possibilidades de respostas para ambos os atores políticos. O que podemos perceber nas quatro transcrições que realizamos para essa tese é que, mesmo

com o controle de tempo, espaço de vozes, material a ser apresentado, assim como postula Charaudeau (2000, p. 95),

[...] a temática por vezes derrapa, os participantes não são todos bons e claros, o trabalho de pesquisa documental tem falhas ou fraquezas notórias, o modo de gestão é frequentemente frustrante, não deixando aos convidados o tempo de se explicarem, a estratégia de apresentação pode ser perturbadora a pretextos de tornar o programa mais vivo, lesto e dinâmico.

Cada um dos debates que selecionamos operam lógicas diferentes de construção, de contrato, em que os discursos não são consensuais. Pelo contrário, há constante dissenso nas discussões sobre temas, o que acirra a competitividade entre os políticos participantes, mas não promove o debate. Isso acontece porque embora realizem questionamentos uns aos outros, o turno de fala é utilizado para a produção de um discurso que, muitas vezes, não condiz com uma resposta à pergunta anterior. Os candidatos enquadram suas falas em um tema maior, fazem afirmações, julgam o outro, etc., mas não necessariamente respondem àquilo que foram questionados⁵⁰. Nesse sentido, “[...] o debate consiste, então, em jogar de maneira competitiva na cooperatividade” (VION, 1992, p. 138, tradução nossa)⁵¹. Diferem-se, contudo, entre si, na forma de organização do espaço, de cena (no sentido estrito), mas continuam “a caracterizar-se por uma tendência para se colocar ao serviço do diálogo” (CHARAUDEAU, 2000, p. 95) e a determinar os papéis da cena genérica. Esse diálogo é esvaziado, como vemos nas análises, nesse tipo de *corpus* que selecionamos.

⁵⁰ Esse esvaziamento do debate de ideias e de propostas é tão evidente que, por vezes, torna-se alvo de críticas na sociedade pelos excessos de trocas de acusação presentes nas falas políticas, sobretudo com enfoque na vida pessoal dos candidatos. Os dados quantitativos e a análise qualitativa que apresentaremos na parte III desta pesquisa justificam essas afirmações.

⁵¹ “[...] le débat consiste donc à jouer de manière compétitive dans la coopérativité”.

Os debates político-televisivos brasileiros parecem estar mais próximos à definição proposta por Plantin (2013). Para o autor, “[...] promover o debate é também promover uma forma de agressividade, mais precisamente uma forma de agressiva de argumentação” (PLANTIN, 2013, p. 126)⁵². Não é nosso interesse abordar tal agressividade, mas essa constatação contribui para a compreensão de que os debates políticos, por vezes, apresentam uma exauribilidade muito baixa em relação ao tema enquadrado na discussão, já que os turnos de falas nem sempre apresentam encadeamentos coerentes em torno da temática proposta pelo adversário.

3.2.1 Organização do *corpus*

Após efetuarmos a transcrição ortográfica de cada um dos quatro debates, que estavam disponíveis em formato de vídeo, realizamos uma análise inicial nesse *corpus* que nos permitiu observar as diferenças e as aproximações dos formatos de organização e da apresentação de cada um dos debates. Esse levantamento teve como proposta observar como cada emissora tenta controlar essas produções genéricas. O resultado completo dessa análise está disponível no Anexo B, onde apresentamos seis tabelas (A1, A2... A6), uma para cada debate, que contemplam as características e as limitações desses gêneros, tais como as formas disponíveis de intervenção dos candidatos, a sequência e o tempo disponível de suas participações, a presença ou não de público, a quantidade de blocos, dentre outros. Essas características serão especificadas no próximo tópico e retomadas durante as análises, quando for necessário resgatar as diferenças entre essas produções.

Após esse levantamento que compreende, de forma ampla, o contrato estabelecido pelas emissoras, e acatado pelos políticos, para a produção genérica dos debates, procuramos as ocorrências de falas que pudessem ser classificadas como sobreasseverações, produzidas nos momentos em que os

⁵² “Promover el debate es también promover una forma de agresividad, más precisamente, una forma agresiva de argumentación”.

candidatos recebiam o direito à palavra. Demarcamos nessas falas, a partir das características das sobreasseverações apresentadas no capítulo anterior, enunciados fortes, que marcavam os posicionamentos dos candidatos frente aos temas por eles debatidos, falas que pudessem ser candidatas à retomada pelos jornais.

Como os trechos demarcados por nós correspondem ao que denominamos ‘modos de controle da irradiação da fala política’, utilizamos cores e grifos para diferenciá-los, conforme trecho que destacamos a seguir do debate da Record:

AN: Candidata, quando eu penso em educação, eu penso em primeiro lugar na creche, porque não há nada que atenda mais a mulher hoje do que ter creches para deixar seus filhos. Infelizmente, aquelas seis mil creches prometidas há quatro anos atrás não foram construídas. A senhora chega a falar em duas mil, mas na verdade, pelo Governo Federal um pouco mais de 400, mas em parceria os municípios, um terço daquilo que foi entregue. Nós temos que garantir, candidata, se é para falarmos de educação, é prioridade absoluta da nossa ação de governo, que todas a criança de até quatro anos de idade tenha uma vaga garantida na pré-escola. A partir daí, candidata, nós temos que qualificar a escola. Por isso eu tenho proposto nós criarmos a nova escola brasileira, uma escola que funcione, que ensine, nós queremos avançar nas escolas de tempo integral. Eu me orgulho muito de ter levado Minas Gerais a ter hoje a melhor educação fundamental do Brasil não sendo o mais rico dos estados, e tampouco o mais homogêneo dos estados brasileiros. Nós temos que no ensino médio, candidata, flexibilizar os currículos, valorizando os professores, qualificando-os para que as crianças e os jovens estejam estimulados a ficar nas escolas, concluírem os seus cursos, e foi isso que eu fiz em Minas com o Poupança Jovem.

A partir de marcações como essas, em cada um dos debates e a partir das análises de todas as falas dos candidatos, levantamos quantitativamente as ocorrências de diferentes tons empregados pelos atores políticos nesse processo que evidencia uma tentativa de antecipação de seus destacamentos, ou seja, sobreasseverar suas falas. Cada cor ou destaque representa um emprego diferente (que pode ser acumulado, criando encadeamentos de

sobreasseverações⁵³) nas falas dos atores políticos (o verde, um tom de crítica ao outro; amarelo, um tom generalizante; o grifo, propostas; o azul, a fala de si), em trechos que consideramos como fortes candidatos ao destacamento. Esses resultados serão apresentados de forma mais fina nas análises⁵⁴.

Para que fique claro, neste momento, como os debates que nos servem de *corpus* são apresentados, realizaremos a seguir um breve contexto histórico das produções desse gênero pelas emissoras de TV em foco, assim como apresentamos suas principais características genéricas.

3.2.2 O debate na BAND

O debate da BAND utilizado por nós nesta pesquisa foi veiculado em 14 de outubro de 2014. Historicamente, a BAND tem sido, há mais de 30 anos, a primeira das emissoras a veicular os debates entre os candidatos à eleição. Moderado pelo jornalista e apresentador Ricardo Boechart, o cenário do programa era composto por um meio círculo, onde os dois candidatos ficavam frente a frente para fazer perguntas e dar respostas um ao outro.

⁵³ Ao tratar da fala sentenciosa, Maingueneau (2014b) observou esse tipo de encadeamento que revela uma sucessão de duas ou mais sobreasseverações em textos clássicos do período Renascentista. Contudo, essa prática não se restringe a esse período. Para o autor, “quer se trate de pregações contemporâneas ou do humanismo da Renascença, a aforização secundária é indissociável de certas práticas e de certas comunidades. Como qualquer citação, por um lado, ela obedece a um modo de *funcionamento* do qual a linguística, a semiótica, a pragmática e a lógica têm vocação para dar conta; por outro lado, ela participa de um conjunto de *práticas* que podem ser qualificadas, na falta de um termo melhor, de ‘culturais’, na medida em que envolvem atores (quem cita?), motivações (por que se cita?) que conferem à citação *status*, funções e valores muito variáveis, tanto em sincronia quanto em diacronia” (MAINGUENEAU, 2014b, p. 83).

⁵⁴ As cores e grifos utilizados nas sobreasseverações construídas pelos atores políticos não serão apresentadas nos exemplos que selecionamos para explanação de nossa pesquisa. Esse recurso metodológico nos serviu para diferenciar e levantar os diferentes empregos nos debates. Os resultados serão apresentados e problematizados por nós no momento das análises.



Figura 1 – Cenário do debate da BAND
Fonte: Disponível na internet⁵⁵.

Antes do debate da BAND, cada candidato teve direito a dois minutos para falar sobre o que considerava ser mais importante a realizar no seu governo, caso vencesse as eleições. O debate foi dividido em cinco blocos, sendo o último deles específico para as considerações finais. No primeiro e segundo blocos, cada candidato pôde realizar uma pergunta para o outro. No terceiro e quarto blocos, duas perguntas. O tempo para realizá-las era de um minuto, com resposta de dois minutos; réplica e tréplica de um minuto cada. O público não teve participação. No último bloco, cada candidato teve direito a dois minutos para finalizar suas considerações.

3.2.3 O debate no SBT/UOL

O debate da SBT/UOL, segundo a ser veiculado na televisão aberta, foi ao ar em 16 de outubro de 2014. O moderador foi o jornalista e apresentador Carlos Nascimento. O cenário, em formato de círculo, dispôs os candidatos frente à frente, sentados. Ao centro, e um nível acima dos demais, estava o moderador.

⁵⁵ Disponível em: <<http://i.imgur.com/DvYVkgw.jpg>>. Acesso em: 18 nov. 2014.



Figura 2 – Cenário do debate do SBT/UOL
Fonte: Disponível na internet⁵⁶.

Inicialmente, cada candidato teve um minuto e meio para responder à pergunta 'Porque o senhor ou senhora quer ser o presidente da república?'. O debate foi dividido em três blocos, neles cada candidato pôde fazer duas perguntas ao outro. As perguntas tinham duração de um minuto; as respostas, dois minutos; réplicas e tréplicas, um minuto cada. No terceiro bloco, ao final das perguntas, cada candidato teve um minuto e meio para fazer suas considerações finais. Não houve participação do público.

3.2.4 O debate na RECORD

O debate da RECORD foi o terceiro veiculado na TV, em 19 de outubro de 2014. Diferentemente dos demais, esse debate foi moderado por dois apresentadores: Adriana Araújo e Celso Freitas. O cenário, em formato de círculo, posicionou os candidatos distantes um do outro, em pé e às margens da bancada. Os moderadores ficaram posicionados ao centro.

⁵⁶ Fonte: Disponível em: <http://d.sambavideos.sambatech.com/account/37/33/2014-10-16/thumbnail/73080381debe65b4ddd4eac44e6ed92d/debate_bloco2_161014mp4_853x480.jpg>. Acesso em: 18 nov. 2014.



Figura 3 – Cenário do debate da RECORD
Fonte: Disponível na internet⁵⁷.

O debate foi dividido em 3 blocos. Em todos eles, os candidatos fizeram perguntas entre si. Cada um elaborou quatro perguntas no primeiro bloco, duas no segundo e uma no terceiro. Para realizá-las, cada um teve quarenta e cinco segundos. Para as respostas, os candidatos dispunham de dois minutos; as réplicas e as trélicas foram de um minuto cada. Também no terceiro bloco, ao final das perguntas, cada candidato teve dois minutos para realizar suas considerações finais. Nesse formato, o público também não teve participação.

3.2.5 O debate na GLOBO

O debate da Rede Globo foi ao ar em 24 de outubro de 2014. Historicamente, a emissora veicula os últimos debates do primeiro e do segundo turnos, normalmente às vésperas das eleições. O moderador foi o apresentador William Bonner. O cenário, disposto em formato de círculo, tinha duas poltronas onde os candidatos descansam durante os intervalos. Ao

57 Fonte: Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/files/2014/10/DEBATE-RECORD_007_FOTO-EDU-MORAES.jpg>. Acesso em: 18 nov. 2014.

centro, uma mesa de vidro deixou os candidatos frente a frente no momento em que faziam perguntas e davam respostas.



Figura 4 – Cenário do debate da GLOBO

Fonte: Disponível na internet⁵⁸.

O debate foi dividido em quatro blocos. No primeiro e no terceiro blocos, os candidatos fizeram três perguntas entre si. Eles tiveram trinta segundos para a pergunta, um minuto e meio para a resposta, cinquenta segundos para a réplica, e também cinquenta segundos para a tréplica. No segundo e no quarto bloco, o público participou e fez perguntas aos candidatos. Esse público foi composto por setenta ‘eleitores indecisos’, selecionados pelo IBOPE, dos quais doze deles tiveram suas perguntas selecionados para participar do sorteio final, durante o debate, daquelas que seriam direcionadas aos candidatos.

Em um momento específico do debate, no segundo e no quarto bloco, o apresentador realizou esse sorteio e indicou o nome do eleitor. A pergunta não tinha um destinatário específico; ambos os candidatos tiveram que responder a ela, com direito a réplica e tréplica, respeitando a ordem de participação

⁵⁸ Fonte: Disponível em: <http://oplanetatv.clickgratis.com.br/_upload/galleries/2014/10/09/09-10-2014-5436985cd1b2f.jpg>. Acesso em: 18 nov. 2014.

(primeiro um candidato, depois o outro). No total, foram oito perguntas selecionadas dessa maneira em dois blocos do programa. O eleitor sorteado leu a pergunta, sem poder fazer qualquer alteração. O palco, em formato de círculo, permitia a circulação dos candidatos nos momentos em que a plateia participava. Ao final do debate, no último bloco, cada candidato teve um minuto e meio para tecer suas considerações finais.

3.3 As notícias impressa e *online*

Em nossa sociedade, a urgência é quase uma necessidade diária, uma imposição social. Nesse contexto, a velocidade da internet se consolidou em um campo gigantesco e gerador de produtos/serviços em que circulam informações dos mais diversos tipos, materializados em diferentes gêneros discursivos⁵⁹, pertencentes aos mais variados campos discursivos.

É nessa conjuntura que se encontra nosso *corpus* composto por notícias impressas e *online*: gênero discursivo que pertence à ordem do relatar (DOLZ; SCHNEWLY, 2004). São notícias organizadas de forma particular, com a finalidade primeira de ser claras, imparciais e esclarecedoras dos acontecimentos sociais. O papel do jornalismo corresponde ao de colocar em circulação os acontecimentos da última hora (*online*) ou do último dia (impresso). Em relação aos debates político-televisivos, a seleção das falas dos atores políticos (sobresasseveradas ou não) podem ser observadas pelas citações que dão corpo às notícias.

Embora as notícias impressas e as *online* não divirjam muito (em relação ao gênero e tipo discursivo), uma das características da notícia *online* é

⁵⁹ Nosso aporte teórico em relação aos gêneros está embasado nos estudos de Bakhtin que os define como discursivos, dialógicos, considerando não só as características textuais do gênero, sem no entanto menosprezá-las, para observá-los também no âmbito social. Algumas condições específicas relacionadas ao objetivo da comunicação, de acordo com a esfera em que os enunciados circulam, elaboram “tipos relativamente estáveis de enunciados”, chamados por Bakhtin (2003, p.262) de “gêneros do discurso”. Estes, emanam de uma situação social imediata determinando a estrutura da enunciação de uma comunicação verbal concreta.

fazer emanar, a partir de uma notícia ‘tronco’, na velocidade do seu acontecimento, notícias laterais, que são os ‘galhos’ interligados por meio de outra característica da notícia *online*, os *hiperlinks* dispostos na página onde as notícias são veiculadas. A possibilidade de atrelar ao corpo ou ao *layout* das notícias *online* recursos como *hiperlinks*, vídeos, imagens e sons dão uma dimensão nova e imprevisível às interpretações, permitindo que a leitura das notícias *online* fuja às coerções interpretativas que o gênero impresso poderia direcionar.

Por receberem diversos ‘galhos’ durante o dia, as notícias *online* são sempre atualizadas e complementadas, a fim de formar esses ‘galhos’ sempre ligados ao ‘tronco’, de forma que “no final do dia, a matéria textual da internet deveria estar tão ou mais completa que a do jornal do próximo dia” (MARTINEZ, 2010, p. 20). A árvore que se forma parece ser o resultado do processo de diferentes aforizações, por vezes criadora de sobreasseverações, das notícias tronco. Aliás, muitas vezes, são essas árvores que se transformam na notícia do jornal impresso.

As notícias que nos servem de *corpus* foram retiradas de jornais impressos, e dos portais desses jornais, que veiculam notícias sobre os debates, especificamente no dia seguinte à veiculação do debate político-televisivo no segundo turno das eleições de 2014. Como seguem um mesmo padrão composicional⁶⁰ (resumem-se a título e texto, normalmente escritos em terceira pessoa), a prática jornalística pode ser observada a partir de uma rotina do jornalista, que coloca em circulação a notícia *online*, uma vez que as etapas dessa elaboração são objeto de normas. Nas palavras de Maingueneau (2006, p. 155), “o gênero do discurso restringe ‘acima’ seu modo de elaboração, assim como restringe ‘abaixo’ seu modo de difusão”.

⁶⁰ Não nos aprofundaremos nas características de tema, estilo e estrutura composicional do gênero propostas por Bakhtin (2003), embora cumpra observar que elas a situação de comunicação definem essas características que podem ser mais ou menos estabilizadas e sua construção depende, ainda, do posicionamento do veículo.

As especificações do gênero notícia serão retomadas nas análises, momento em que poderemos especificar ainda mais as diferenças e similaridades existentes entre as duas modalidades de jornal que nos servem de *corpus*.

3.3.1 Organização do *corpus*

A partir do levantamento das características dos debates e da especificação dos diferentes empregos de tons realizados pelos atores políticos ao sobreasseverar suas falas, conforme apresentamos no tópico anterior, realizamos a coleta dos dois outros materiais de análise que nos interessam: notícias impressas e *online*. Após a delimitação do jornal e a coleta desse material, composto por notícias que relataram os debates do segundo turno, realizamos um levantamento quantitativo das retomadas de falas dos atores políticos utilizadas em destaque na página dos jornais e/ou no corpo do texto dessas notícias. Esses resultados, assim como os das sobreasseverações, serão apresentados de forma mais finas nas análises.

Após a quantificação, produzimos uma tabela para cada debate onde constaram todos os excertos de falas presentes nas notícias de cada jornal, separados por seus respectivos nomes e pelos nomes dos candidatos. Depois de apreender os excertos de falas citados pelos jornais, inserimos nessa tabela os trechos de falas do material retirado e transcrito por nós. Entre os excertos destacados pelos jornais e as falas transcritas dos debates, inserimos uma linha na tabela para que fosse possível realizar uma breve análise desse confronto. Esse procedimento de organização de nosso *corpus* pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 01 – Exemplo de organização das falas destacadas

FOLHA DE S. PAULO		ESTADÃO	
DILMA	AÉCIO	DILMA	AÉCIO
“Não sei porque o senhor está tão pessimista com o crescimento do Brasil. É melhor rever as contas” (Folha de S. Paulo, destaque).	“Quando governei Minas Gerais entre 2003 e 2010 a taxa de homicídios na capital caiu 87%” (Folha de S. Paulo, destaque).	“Mandei investigar. Nunca impedi a investigação. Agora vocês impediram” (Estadão, destaque).	“Que triste de um país onde um presidente manda investigar, isso funcionaria em ditaduras amigas de seu governo. Quem investiga são as instituições” (Estadão, destaque).
Substituição de ‘é’ por ‘está’; ‘acho’ por ‘é’. Apagamento de trecho.	Sem alteração.	Contextualização da primeira parte.	Substituição de partes ‘que determina quem seja investigado’ por ‘manda investigar’; ‘isso pode funcionar’ por ‘isso funcionaria’.
Candidato, eu não sei porque, mas o senhor é muito pessimista em relação ao crescimento do país. Eu não concordo que o Brasil vai crescer 0,3%. Candidato, acho melhor o senhor rever as suas contas.	Ao contrário, o meu governo, e aí eu lhe dou os números exatos, quando governei Minas Gerais, entre 2003 e 2010, a taxa de homicídios na capital caiu 87% e no conjunto do Estado os crimes violentos caíram 87%... e segundo o Ministério da Justiça Minas foi o estado que mais gastou em segurança pública...	Eu nunca impedi a investigação, candidato. Eu nunca impedi que falassem, que olhassem ou que verificassem o que estava acontecendo. Agora, vocês impediram.	Candidata, mais uma vez a senhora não mandou investigar, que triste um país onde o Presidente da República é que determina quem seja investigado, isso pode funcionar em algumas ditaduras amigas do seu governo, mas não no Brasil. Na verdade quem investiga são as instituições, candidata. As instituições, as instituições é que investigam.

Fonte: Elaboração própria, com base no debate da RECORD (19 out. 2014) e nas notícias dos jornais FS e ES (20 out. 2014, ambas).

A tabela 1 compreende um recorte que abrange quatro exemplos de falas retomadas pelas mídias, duas de Dilma e duas de Aécio Neves, seguidas de uma breve análise, em uma linha, e das falas descritas dos debates na

outra. As especificidades dessas retomadas, as alterações que realizam em relação à fala dos debates e o seu funcionamento na página do jornal e na composição das notícias serão detalhadas na terceira parte desta pesquisa, que é dedicada às análises. Neste momento, a fim de especificar ainda mais essas notícias que compreendem o *corpus*, faremos uma breve apresentação de cada um dos jornais, no que se refere a sua história, sua marca e as possibilidades de acesso ao material que produz, para que possamos conhecer e delimitar esse nosso objeto.

3.3.2 O jornal *Folha de S. Paulo*

Parte integrante do *Grupo Folha* (GF), o jornal FS foi criado em 1960 na cidade de São Paulo por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha com o nome *Folha da Noite*. O nome *Folha de S. Paulo* é resultado da união entre a *Folha da Noite*, a *Folha da Manhã* (edição matutina do anterior), e a *Folha da Tarde*. É o jornal impresso de maior circulação no país. A versão *online* do jornal foi veiculada inicialmente em 1995 pelo UOL, empresa de conteúdo e serviços na internet que pertence ao GF e à Folhapar.

Atualmente, é possível ter acesso ao jornal FS em sua versão digital, exatamente como a versão vendida nas bancas de jornais ou entregue aos assinantes, mediante cadastro e pagamento de assinatura. Essas edições são disponibilizadas para consulta no site do “Acervo Folha”⁶¹ (que reúne as publicações da Folha de S. Paulo, Folha da Manhã e Folha da Noite), quinze dias após sua data de publicação. Nesse ambiente, o acesso para a leitura é livre e sem a necessidade de cadastro.

Os assinantes têm acesso livre à *Folha Online*, portal de notícias do jornal. Os internautas, não-assinantes, têm acesso limitado a esse ambiente. Atualmente, esse número corresponde a 20 acessos para usuários sem cadastro, e 40 acessos para usuários cadastrados no portal. Durante as

⁶¹ Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em 18 nov. 2014.

eleições de 2014, as notícias sobre os debates compunham, junto com outros artigos sobre as eleições, um caderno específico, intitulado “Eleições 2014”.

3.3.3 O jornal *O Globo*

O jornal OG foi criado em 1925 por Irineu Marinho, na cidade do Rio de Janeiro. Irineu faleceu 21 dias após a inauguração do jornal, que passou a ser conduzido por Roberto Marinho, seu filho, até então repórter e secretário do pai no jornal. É hoje um jornal de circulação nacional. Integra o *Grupo Globo* (GG), a quem pertencem também os jornais *Extra*, *Expresso* e *Valor Econômico*, esse último em parceria com o *Grupo Folha*. É o segundo jornal impresso de maior circulação no país. A versão *online* do jornal foi lançada em 29 de julho de 1996, hospedada pelo provedor *globo.com*, também integrante do GG.

Os assinantes do jornal impresso podem acessar também o jornal na versão digital, que corresponde à mesma versão vendida nas bancas de jornais ou entregue aos assinantes pagantes. Todas as edições do jornal, desde sua fundação em 29 de julho de 1925, estão disponíveis para consulta no site do “Acervo O Globo”⁶². Porém, o acesso só é permitido aos assinantes. No portal de notícias *O Globo*, o acesso aos artigos jornalísticos é livre sem a necessidade de cadastro.

Durante as eleições de 2014, as notícias impressas sobre os debates foram publicadas na seção “País” do jornal, sob a rubrica “Eleições 2014”. Na internet, as notícias compunham a página “Brasil”, também sob a rubrica “Eleições 2014”.

3.3.4 O jornal *O Estado de S. Paulo*

Criado em 04 de janeiro de 1975, o jornal ES só passou a ter esse nome em 1980. Antes, chamava-se “A Província de São Paulo”. Atualmente, é o

⁶² Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

único jornal a integrar o *Grupo Estado* (GE). O jornal também disponibiliza a versão digital de sua edição impressa, além de notícias publicadas no *site* do *Estadão Online*. Os assinantes dessas modalidades têm acesso à versão digital do dia, que corresponde à mesma versão impressa, além do acesso ao *Acervo Estadão*, onde estão agrupadas as publicações impressas (em formato digital) realizadas desde a fundação do jornal, em 1975. Não assinantes têm acesso ao acervo, mas visualizam apenas uma versão em miniatura das edições (a última atualização é de 30 dias atrás), podendo ampliar 20 delas em cada mês, desde que realizem um cadastro no site. As demais notícias, publicadas no site do jornal, são de acesso livre aos internautas.

Durante o período das eleições, as notícias impressas veiculadas sobre os debates foram publicadas sob a rubrica “Política”. O portal de notícias do jornal é chamado de *Estadão*, e durante as eleições veiculou as notícias do debate em sua página “Política Eleições”, com a rubrica “Eleições 2014”.

3.3.5 O jornal *Correio Braziliense*

O jornal CB foi fundado por Assis Chateaubriand em 21 de abril de 1960, mesmo dia da fundação do Distrito Federal (DF), em Brasília, sede do jornal. Homônimo do primeiro jornal brasileiro (editado fora do país), o jornal integra o grupo *Diários Associados* (DA), a quem pertencem outros doze jornais⁶³ impressos em circulação por diferentes estados brasileiros. O portal *Correio Web*, onde é veiculada a versão *online* do jornal, foi lançado em agosto de 1996. Sua circulação, bem como o maior número de acessos, concentra-se no DF.

É possível assinar apenas a versão digital e ter acesso ao espelho do jornal publicado diariamente. Os assinantes do jornal impresso têm acesso

⁶³ *Correio Braziliense* (Brasília-DF), *Estado de Minas* (Belo Horizonte-MG), *Diário Mercantil* (Rio de Janeiro-RJ), *Diário de Pernambuco* (Recife-PE, em parceria com o Sistema Opinião de Comunicação), *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro-RJ), *O Imparcial* (São Luís-MA), *Aqui Betim* (Betim-MG), *Aqui BH* (Belo Horizonte-MG), *Aqui DF* (Brasília-DF), *Aqui PE* (Recife-PE), *Aqui CE* (Fortaleza-CE), *Aqui MA* (São Luís-MA).

gratuito a essa versão durante um ano. No *site*, não é disponibilizado um acervo para acesso, apenas assinantes podem navegar em edições mais antigas do jornal. No portal de notícias, o acesso aos artigos jornalísticos é livre, sem a necessidade de cadastro. No período de eleições em 2014, as notícias impressas que relatavam os debates foram publicadas na página “Política”, com a rubrica “Eleições 2014”. Na internet, elas compunham a página “Especiais”, também sob a rubrica “Eleições 2014”.

3.3.6 O jornal *Gazeta do Povo*

A GP foi criada por Benjamin Lins e De Plácido e Silva, em 3 de fevereiro de 1919, na cidade de Curitiba, no Paraná (PR). O jornal, publicado pela *Editora Gazeta do Povo S. A.*, é o de maior circulação no Estado do PR, em termos de tiragem e abrangência. Não há informações de quando o portal do jornal foi disponibilizado.

Os assinantes do jornal impresso têm acesso livre à versão digital do jornal. Há também a possibilidade de assinar apenas essa versão. O acesso aos artigos jornalísticos publicados no portal é livre e sem necessidade de cadastro. Durante as eleições de 2014, as notícias impressas sobre os debates foram publicadas nas seções “Vida e Cidadania” do jornal, sob a rubrica “Eleições 2014”. Na internet, as notícias compunham a página “Vida pública”, também sob a rubrica “Eleições 2014”.

3.3.7 O jornal *Estado de Minas*

O jornal EM também pertence ao grupo DA. Fundado por Pedro Aleixo, Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa, em 07 de março de 1928, a partir da aquisição do acervo do *Diário da Manhã*, é um dos jornais de maior circulação dentro do estado de Minas Gerais. Não há informações de quando o portal do jornal foi disponibilizado.

Os assinantes do jornal impresso do EM também têm acesso livre à versão digital do jornal, e há opção de assinatura apenas da versão digital. O

acesso aos artigos jornalísticos publicados no portal é livre e sem a necessidade de cadastro. Durante as eleições de 2014, as notícias impressas sobre os debates foram publicadas nas seções “Política”, com rubrica “Eleições 2014”. Na internet, as notícias compunham a página “Especiais”, também sob a rubrica “Eleições 2014”.

3.4 Novos rumos: os movimentos da pesquisa

A composição do *corpus*, as escolhas teóricas e metodológicas e a realização das análises nos permitiram ter uma visão global das ocorrências de destacamentos que, ao propor essa pesquisa, eram de nosso interesse. Acreditamos, desde o início, que seria possível levantar uma grande quantidade de aforizações nas notícias selecionadas, e que elas, por sua vez, nos possibilitariam realizar análises a fim de observar os principais recursos e estratégias utilizados pelos veículos na produção de notícias que retomam as falas dos atores políticos.

Como “o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou zigzagueantes [...]” (CERTEAU, 2008, p. 35), nossas expectativas iniciais não foram de todo atendidas. As notícias que selecionamos como *corpus* não possuem muitas aforizações, o que pode parecer, em um primeiro momento, ir contra nossa hipótese inicial. Nas eleições de 2010, quando nos dedicamos às análises de notícias *online* divulgadas em portais de informação na internet (ASSIS, 2013), o fenômeno das aforizações retomadas em notícias *online* foi muito recorrente. No mesmo ano, Mareco (2013) também analisou e observou grande quantidade de retomadas e empregos de aforizações pelas mídias. Quatro anos depois, o que é possível observar, de forma mais recorrente e acentuada em nosso *corpus*, corresponde às retomadas de falas que não são aforizações prototípicas, embora sejam empregadas pela lógica da citação.

Essa constatação modificou a forma de organização desta pesquisa, e nos colocou diante de duas grandes possibilidades para continuar o trabalho. A

primeira delas seria descartar nosso *corpus* e partir em busca de ocorrências das aforizações, em gêneros diversos. Isso poderia ser realizado a partir da análise de fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2009), de pequenas frases e de aforizações prototípicas (MAINGUENEAU, 2014b), que são frases curtas, bem estruturadas, normalmente polêmicas, e circulam de forma pandêmica no espaço público em certo período de tempo; ou metaforizações (BARONAS, 2013), pequenas frases que possuem um histórico, mesmo que perene, de retomadas. Essas abordagens revelam percursos interessantes em torno de unidades não-tópicas de análise. Porém, trata-se de um caminho em torno das recorrências que destoaria muito de nossa proposta inicial.

A segunda opção, no entanto, não abandonaria nosso interesse voltado aos enunciados destacados, nem desprezaria nosso *corpus*. Contudo, essa escolha faz emergir outras questões relacionadas aos fenômenos das aforizações e das citações. A análise de nosso *corpus* desestabilizou nossas hipóteses em relação ao fenômeno das aforizações, fazendo-nos levantar novos questionamentos como o porquê da recusa e da pouca utilização de enunciados aforizantes, em contraponto à grande intensidade de usos das citações, e quais seriam os limites que diferenciam, aproximam/distanciam as citações das aforizações, uma vez que ambas compartilham características muito próximas, mas funcionam de forma bastante diferenciada na produção genérica.

Essa segunda abordagem com enfoque conjunto em sobreasseverações e aforizações nos permite realizar uma análise voltada aos destacamentos fortes (aforizações e/ou citações), que possuem como texto-fonte uma enunciação oral (como os debates), e foi uma grata sugestão dada pelo professor Dominique Maingueneau, que nos recebeu em Paris, na *Université Paris Sorbonne* (Paris IV), para o período de doutorado sanduíche no ano de 2015. Dessa forma, esse foi o caminho que escolhemos trilhar por acreditarmos que ele seria o mais proveitoso para nossa pesquisa.

Parte III

Análises

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DEBATES POLÍTICO-TELEVISIVOS

Na segunda parte deste trabalho, apresentamos algumas das principais características e especificidades dos debates político-televisivos que dão origem às notícias que nos servem de *corpus*. Elementos fundamentais de suas enunciações, a oralidade e o confronto de falas são aspectos importantes em todos os quatro debates que transcrevemos para essa pesquisa. Contudo, é possível observar que há diferenças entre os debates apresentados no que se refere a sua forma: a disposição dos candidatos no palco, a distribuição dos blocos e das perguntas, a participação ou não participação do auditório, além do tempo disponível para cada intervenção dos candidatos, em forma de perguntas, respostas, réplicas e trélicas, considerações iniciais e/ou finais.

As análises que realizamos neste quarto capítulo buscam reconhecer, de forma ainda mais profunda, as características do gênero debate político-televisivo, a partir da observação de como nele se apresentam as falas dos candidatos, elencando e especificando essas características por meio de análises que enfocam quem são os destinatários dessas falas, já que a sua produção envolve públicos diferentes, e de que forma esses discursos se apresentam em um gênero aparentemente bastante delimitado em sua cenografia.

Nesse percurso, nossa intenção consiste em especificar e categorizar as recorrências e as diferentes maneiras utilizadas pelos atores políticos na elaboração de sobreasseverações, utilizadas como modos de controle da irradiação de suas falas no espaço público.

4.1 O debate político na TV: um (simulacro de) acontecimento duplamente orientado

O conceito de acontecimento discursivo é uma noção abordada em disciplinas diversas, como a filosofia, a história, as ciências da linguagem, a psicologia, e etc. que utilizam a mesma noção, mas não o mesmo objeto, para abordar fatos sociais de grande repercussão na vida das pessoas. Na linguística, o termo foi inicialmente tratado por Benveniste, acerca da noção de enunciado performativo, marcando a singularidade do conceito. O estatuto discursivo do termo só pode ser observado a partir dos trabalhos de Foucault, acerca da relação enunciado-tempo (GUILHAUMOU, 2008).

Na análise do discurso, disciplina em que o conceito tem se desenvolvido ao longo dos tempos, acontecimento não só está relacionado ao conceito de enunciação, mas também se constitui como uma inscrição histórica na linguagem, recuperável e atestada (CALABRESE, 2013). Essas condições históricas são construídas pelo próprio contexto de enunciação, mas sua singularidade não se reduz a ele. Acontecimento, em AD, corresponde a um “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Trabalhos atuais, como os de Ringoot (2014) e Possenti (2008), vão além de um arcabouço histórico do termo e propõem certo alargamento para o conceito de acontecimento, enfatizando nele princípios de retomada de repetição (do enunciado, e não da enunciação). Para Possenti (2008, p. 125-126),

[...] é certo que algum manifesto ou congresso pode ser um grande acontecimento discursivo, em torno do qual se organiza um arquivo (tudo o que se passa a dizer – ou se pode recuperar de datas anteriores – em revistas, jornais, simpósios, livros, entrevistas etc.) Mas há mais: por debaixo deles, ou ao seu lado, surge por exemplo, um discurso do corpo, da beleza da sexualidade, do controle de natalidade, da saúde; e, ainda, da fidelidade, do divórcio, das alternativas sexuais; e, ainda, o

das creches, do trabalho feminino, do assédio sexual, [das discussões – religiosas e médicas - sobre a interrupção voluntária da gravidez, eu acrescentaria]. Não esqueçamos de todos os textos novos de humor que todos esses acontecimentos permitem, por sua vez.

Nesse sentido, podemos compreender acontecimento não só o enunciado fundante, mas também os discursos que dele surgem, muitas vezes carregados de novos sentidos, como ocorre em novas produções oriundas de um núcleo genérico, conforme especificamos na primeira parte dessa pesquisa.

Em Ringoot (2014, p. 77, tradução nossa)⁶⁴, o acontecimento traz também à discussão a questão da legitimação. Para a autora, o jornal “[...] em seu conjunto, opera a distinção primordial entre o que merece nele figurar e o que dele deve ser excluído” como acontecimento. Isso nos permite ampliar a discussão não só no que se refere à validação do jornal, mas também à validação do debate como acontecimento pelas mídias em geral, mesmo com todas as coerções existentes na produção do debate e mesmo com todas as tentativas de controle da irradiação dessa enunciação, como veremos a diante.

Se considerarmos acontecimento como enunciados (em sentido amplo) que se repetem, não fica difícil considerar as mídias como construtoras desses acontecimentos a partir de uma perspectiva comunicacional.

Essa dimensão comunicacional do acontecimento se inscreve na coconstrução da informação [...]. Para o acontecimento, assim como para a informação em geral, o discurso midiático se alimenta dos discursos sociais que os atores têm interesse em transmitir aos jornalistas (RINGOOT, 2014, p. 78, tradução nossa)⁶⁵.

⁶⁴ “[...] dans son ensemble opère la distinction primordiale entre ce qui mérite d’y figurer et ce qui en est exclu”.

⁶⁵ “Cette dimension communicationnelle de l’événement s’inscrit dans la co-construction de l’information [...]. Pour l’événement comme pour l’information en général, le discours de presse se nourrit des discours sociaux que les acteurs ont intérêt à transmettre aux journalistes”.

Esse conceito de acontecimento corresponde a tipos específicos de produções genéricas, que são retomados, repetidos e legitimados socialmente, aparentemente sem que exista um controle sobre eles. Nesse sentido, o debate político-televisivo cria um efeito discursivo de um acontecimento, uma vez que ele se apresenta características necessárias para ser considerado como um acontecimento, mas figura em um quadro bastante coercitivo no que se refere à produção genérica. Coproduzido pelas mídias e pela política, trata-se de um simulacro de um acontecimento singular, já que corresponde a uma enunciação não-espontânea, com contratos e limitações bem definidos, incessantemente reproduzido por dispositivos diversos. Essas características definem-no como um (simulacro de) acontecimento orientado tanto pela mídia quanto pela política, instâncias que se beneficiam mutuamente dessa produção.

4.2 A sequencialidade de uma oralidade-escrita

Embora seja desenvolvido por meio da oralidade, a influência do gênero escrito nos debates é muito forte. Dilma Rousseff e Aécio Neves estão o tempo todo consultando um material impresso que os informa sobre questões específicas, números, etc., e os condiciona à produção de falas que correspondem mais à leitura de textos do que à espontaneidade da oralidade.

Esses materiais consultados pelos atores políticos compreendem textos escritos que antecipam pontos a serem debatidos e, provavelmente, norteiam estratégias de respostas sobre temas e críticas levantados durante o debate. Trata-se, desta forma, de um material pronto para ser utilizado (lido, parafraseado), com perguntas e respostas já elaboradas pelas assessorias, objeto de estudo e de leitura anterior pelos candidatos. Nesse sentido, os candidatos encenam “[...] debates verdadeiramente falsos ou falsamente

verdadeiros” (BORDIEU, 2008, p. 32, tradução nossa⁶⁶), encenando um diálogo e um confronto de falas que, na verdade, não existem.

A engrenagem midiática televisiva também é bastante restrita no que se refere aos limites daquilo que pode colocar em circulação. Para Bourdieu (2008, p. 39, tradução nossa)⁶⁷ :

A televisão é um instrumento de comunicação de muito pouca autonomia sobre o qual pesam toda uma série de coerções que incide sobre as relações sociais entre os jornalistas, relações de concorrência feroz, impiedosa, que beiram até o absurdo, e que são também as relações de convivência, de cumplicidade objetiva, fundadas sobre os interesses comuns ligados a sua posição no campo de produção simbólica.

Em meio a essa produção cerceada por posicionamentos que ditam regras, que denotam uma maneira de fazer o debate, estão os candidatos que não costumam ser *experts* em temas muito específicos, mas são confrontados a responder perguntas com temáticas que seguem um rol já estipulado, ou ao menos previsível. Há todo um ritual a seguir, o que permite aos participantes jogar em um ambiente aparentemente estável.

Nessas condições, a oralidade é praticamente encenada entre intervenções concordantes e, sobretudo, discordantes, em um constante gerenciamento de faces, regulados por um material disponível para consulta e a partir de premissas impostas pelo contrato de comunicação, um *dejà-là* nas palavras de Charaudeau (1995).

⁶⁶ "[...] débats vraiment faux ou faussement vrai".

⁶⁷ "La télévision est un instrument de communication très peu autonome sur lequel pèsent toute une série de contraintes qui tiennent aux relations sociales entre les journalistes, *relations de concurrence acharnée*, impitoyable, jusqu'à l'absurde, qui sont aussi des *relations de connivence*, de complicité objective, fondées sur les intérêts communs liés à leur position dans le champ de production symbolique".

4.3 O(s) destinatário(s)

Podemos também nos questionar sobre a quem são endereçadas as falas dos atores políticos nos debates veiculados na TV. Embora se adequem às coerções midiáticas e correspondam à tentativa de antecipação do destaque, os discursos dos políticos nos debates não são produzidos especificamente para o seu oponente, embora ele influencie suas produções. Para Emediato (2011, p. 148-149), “[...] o telespectador, verdadeiro alvo e destinatário das intervenções dos participantes, embora não esteja presente na situação de comunicação, participa como um terceiro (tiers) discursivo na cena da enunciação”.

Por mais que exista um público presente nos estúdios, lugar onde acontecem fisicamente os debates e onde há um público pequeno composto por correligionários, convidados, jornalistas e mesmo cidadãos comuns (no caso específico do debate da GLOBO), e por mais que exista um oponente que participa do debate, os candidatos falam para as câmeras, falam para os telespectadores, àqueles que assistem ao programa e que compreendem a grande parcela da população que pode elegê-los.

Esse tipo de discurso, afirma Sandré (2013, p. 20, tradução nossa)⁶⁸, “[...] pode se apresentar, sucessivamente, sob a forma monologal e dialogal”. Os dois tipos de discurso podem, portanto, se entrelaçar”. Essa mistura entre as formas monologal e dialogal se justifica porque na produção discursiva, “[...] constituímos o objeto de acordo com as categorias de percepção do receptor” (BOURDIEU, 2008, p. 51, tradução nossa)⁶⁹. As perguntas e respostas dos candidatos são produzidas em função de uma encenação dialógica, que abrange o papel dos participantes; mas, sobretudo, tentam alcançar o público eleitor. Nesse contexto, a argumentação deve ser consistente para que um

⁶⁸ “[...] peut se présenter successivement sous forme monologique et dialogale [...]. Les deux types de discours peuvent ainsi être entremêlé”.

⁶⁹ “[...] on construit l’objet conformément aux catégories de perception du récepteur”.

candidato se sobressaia na cenografia do debate em relação ao outro, sobretudo de forma a demonstrar seus domínios e conhecimentos em relação ao tema, ao seu posicionamento, de forma a garantir a adesão e corresponder às expectativas dos telespectadores.

O próprio cenário das emissoras, como mostramos na parte dois desta pesquisa, colabora para que os candidatos falem para as câmeras, como quem fala para os telespectadores, e não para o seu adversário no debate, embora a presença do outro não possa ser ignorada em suas produções discursivas. Dessa forma, a produção do discurso dos candidatos deve ser duplamente direcionada ao outro candidato e ao público que assiste ao debate: “[...] assim como o toureiro em uma arena, ele deve, ao mesmo tempo, combater o adversário e seduzir o público” (CHARAUDEAU, 2015, p. 111, tradução nossa)⁷⁰.

4.4 As cenografias periféricas

Destacaremos, neste momento, a questão relacionada à elaboração das cenografias nos gêneros debates em foco. Enquanto na enunciação do debate a cena englobante se refere ao discurso político (que é predominante, embora afetado pelo discurso midiático) e a cena genérica corresponde ao gênero debate, a cenografia parece ser, entre as três cenas, a que mais sofre interferências na cena da enunciação que se institui. Embora o gênero debate pareça ser bastante controlado pelo aparato televisivo, que busca criar um quadro em que a *mise en scène* seja estática, observamos que a enunciação dos debates produz pelo menos duas categorias de cenografias, complementares entre si: uma cenografia contratual, mais evidente e controlada, que orienta o debate e, por isso, intenta dificultar a criação de

⁷⁰ “[...] tel le torero dans l’arène, il doit à la fois combattre l’adversaire et séduire le public ”.

outras cenografias pelos participantes; outras cenografias periféricas, construídas pelos candidatos, mesmo sob coerções da cenografia contratual.

A cenografia contratual corresponde àquela em que os atores políticos estão submetidos por meio de um contrato que estabelece regras claras de conduta, de turno de voz, de lugares na cena e de participação como um todo. Para afinar essa categoria, podemos pensá-la de duas formas em relação à enunciação dos debates:

a) Uma cenografia contratual *implícita*, que estabelece regras de boa conduta, de escolha de vocabulários, de uso da voz, de vestimenta, etc. São, ao todo, convenções sociais que agrupam o comportamento, o vestir e técnicas de oratória.

b) Uma cenografia contratual *explícita*, que correspondem às regras adotadas, sejam elas acordadas entre os participantes (ordem de sorteio, por exemplo) ou impostas pelos programas de TV (tempo de fala, impedimento de participação do auditório, etc.).

Ao participar dos debates, os candidatos estão submetidos a essa cenografia contratual que define, de forma implícita e explícita, as regras do jogo. Não se trata de escolher entre uma ou outra modalidade, as duas compreendem o quadro imposto pela cenografia contratual. Dessa maneira, o candidato que melhor se adequar às cenografias agrupadas nesse contrato de produção genérica poderá ter uma melhor performance durante seu turno de fala. Isso não quer dizer que os candidatos respondam ao que são questionados e obedeçam, o tempo todo, ao tempo estipulado de fala, à sequência encadeada tematicamente a partir de perguntas, respostas, réplicas e tréplicas. Pelo contrário, o que se vê é uma fuga constante a essa sequência, os candidatos usam seus turnos de voz para perguntar e já fazer comentários, perguntar ou questionar quando deveriam responder, não responder àquilo que foi perguntado, e etc.

Aparentemente, essa cenografia contratual funciona em torno da ideia de um debate ideal, em que os políticos deveriam expor suas opiniões,

questionar o outro, seguir uma sequência bem delimitada de participações (primeiro uma pergunta, depois a respostas, e assim sucessivamente) em torno de uma temática ou discussão levantada pelo outro ou pelo moderador. Essas ações esperadas representam regras de funcionamento que tentam ser bastante rígidas, conforme é possível observar na tabela do anexo B, e delimitam, tal qual observamos brevemente na parte 2 desta pesquisa, a participação dos atores políticos, dos mediadores e do público nos debates.

Apesar de não afetar a cenografia contratual, a participação do público composto por eleitores no debate da Globo, ausente nos demais, mudou completamente as cenografias periféricas que surgem durante a enunciação. As cenografias periféricas são as responsáveis por dar o tom das intervenções orais dos políticos quando eles recebem o direito à palavra (respostas, réplicas, tréplicas, considerações iniciais e finais). Elas são produzidas discursivamente nos momentos em que os candidatos realizam a defesa de suas faces, constroem seu *ethos* e refutam o do outro, marcam um posicionamento em relação às temáticas debatidas, etc. Os tons utilizados nessas falas produzem diferentes e diversificadas cenografias periféricas, os atores políticos podem se apresentar como *experts*, como vítimas de acusações, como didáticos, como críticos, como honestos, etc.

Por mais que exista uma cenografia contratual que intenta ser dominante, as cenografias periféricas constituem grande parte dos debates e são o que, normalmente, chamam a atenção para ser objetos de destacamento pelas mídias e singularizam os candidatos e suas falas. São nessas cenografias periféricas, construídas por um corpo enunciante que agrupa tom, caráter e corporailidade, que são produzidas as sobreasseverações. A cena do debate, portanto, corresponde a uma cenografia bastante difusa, em que a cenografia contratual do debate é acompanhada de múltiplas cenografias periféricas produzidas pelos candidatos.

Todas essas especificidades a respeito dos debates, tratadas nos tópicos anteriores, evidenciam que há as condições necessárias nessas produções genéricas para que as falas tomem corpo e se transformem em

enunciados autônomos, ou enunciados que chamem a atenção para um possível destacamento. A produção dessas falas envolve tudo o que apresentamos nesse capítulo, elementos que são as condições de produção de uma fala produzida para ser destacada.

4.5 As sobreasseverações

Partindo do princípio de que os debates são acontecimentos produzidos pela mídia, destinados a um público amplo, porém específico, não podemos negar que os candidatos saibam que suas falas durante os debates terão grande repercussão, principalmente porque eles certamente reconhecem a sequencialidade existente entre as suas falas e a pluralidade de gêneros que se produz a partir delas. Esse reconhecimento parece restringir falas mais polêmicas, permitindo que os atores políticos se desviem de temas ou afirmações que possam comprometê-los. Isso talvez justifique por que as falas, nesse contexto, são intensificadas na produção de críticas ao outro e na exaltação de suas próprias qualidades. Para nós, essa é uma tentativa de antecipar destacamentos que falam de si e do outro, o que resulta a produção de sobreasseveração em suas falas.

Por mais que os candidatos tentem antecipar o destacamento de trechos de suas falas sempre que recebem o direito à palavra, as vezes com maior frequência, outras vezes com menor intensidade, não podemos afirmar que o controle da irradiação dessas falas se dê em momentos específicos da enunciação. Acreditávamos, inicialmente, como acontece em outras produções⁷¹, que as sobreasseverações figurassem ao final das falas, deixando os trechos com maior força para os minutos finais das intervenções orais. Contudo, os candidatos sobreasseveraram momentos alternados, não

⁷¹ Por exemplo textos filosóficos em que os trechos mais fortemente sobreasseverados, que agrupam aquelas características anteriormente abordadas (MAINGUENEAU, 2014b), situam-se em posição inicial ou final de textos.

sendo recorrente um lugar específico em suas falas para realizar essa tentativa de controle da irradiação.

O exemplo a seguir ilustra o que queremos dizer:

[01]

AN: Candidata, a senhora está com a obrigação agora de dizer aonde a minha irmã trabalha. **Não pode, candidata, fazer uma campanha com tantas inverdades. É mentira atrás de mentira, a sua propaganda é só mentira.** A senhora mente aos brasileiros para ficar no governo. **Não pode ser esse vale tudo em que a senhora transformou a campanha eleitoral. Como a senhora dizia, numa campanha faz-se o diabo, não é verdade, eleve o nível do debate.** Os brasileiros estão aqui para saber o que vamos fazer para o nosso futuro. Eu terminei o meu mandato sem qualquer denúncia, não respondo nenhum processo, candidata, ao contrário do **seu governo que virou um mar de lama. A grande verdade é essa.** Eu trago aqui a indignação dos brasileiros e brasileiras com os quais eu encontro em toda a parte do Brasil que me pedem que diga isso. **Sabe qual a palavra candidata que eu mais tenho ouvido? É libertação. O que os brasileiros têm me pedido é seguinte: Aécio, nos liberte desse governo do PT, nós não merecemos tanta irresponsabilidade, tanto descompromisso com a ética e tanta incompetência** (BAND, grifos nossos).

O trecho [01] corresponde a uma tréplica de Aécio Neves, em resposta à Dilma Rousseff que o critica, sobre ele ter parentes empregados no governo. Os destaques que realizamos nesse trecho correspondem às possíveis sobreasseverações de suas falas, pontos em que Aécio fala ao telespectador, ao responder algumas acusações de sua adversária. Esses extratos grifados se apresentam tanto em tom pessoal como em tom de vitimização. Os trechos iniciais marcam um posicionamento contrário, polêmico, em relação à recusa da acusação, em que o candidato se vitimiza pelas acusações e pela campanha realizadas por Dilma, ao mesmo tempo em que acusa a adversária de ser mentirosa. Já os trechos finais de Aécio marcam um tom mais solene, generalizante, enfatizados pela produção de uma pergunta retórica. Todos eles são fortes candidatos ao destaque.

Aécio sobreassevera com frequência em suas falas, o que nos permite observar que nesse gênero os trechos considerados como fortes candidatos ao destaque não figuram apenas em posições de destaque (inicial ou final) em seus discursos. Talvez, a não espontaneidade da fala, mesmo que se busque esse efeito na oralidade, e a necessidade de uma resposta crítica sejam as responsáveis pela elaboração de sobreasseverações menos localizadas. De qualquer forma, as sobreasseverações são abundantes e aparecem com certa frequência durante o tempo que os candidatos possuem para questionar, responder, etc. No exemplo [01], elas podem ser percebidas por índices como a repetição da estrutura 'Não pode...' e da palavra 'mentira', retomadas diversas vezes por AN, que marcam um ponto de vista bastante crítico em relação à DR. A metáfora 'mar de lama' também confere ao trecho uma saliência maior em relação ao restante da fala, chama a atenção para um possível destaque. A repetição e a metáfora são categorias que parecem definir, de forma mais acentuada, a tentativa de antecipação do destaque de trechos de falas no gênero debate político-televisivo. Vejamos agora um outro exemplo:

[02]

DR: Candidato, **o senhor recentemente teve uma condenação no Supremo Tribunal Federal** que julgou inconstitucional o senhor ter contratado sem concurso um conjunto de funcionários públicos e determinou que esses funcionários públicos fossem afastados das suas funções. Ora, esses funcionários públicos, se eu não me engano, em torno de 98 mil, eles são importantes porque prestam serviços na área educacional. **Eu quero dizer, candidato, que o senhor não pode usar pesquisas para contrariar resultados da urna. O senhor perdeu as eleições em Minas Gerais e foi muito mal avaliado por ter perdido. O senhor pode fazer qualquer outro sofisma, mas o senhor perdeu, e é um fato inconteste.** Além disso, candidato, eu queria dizer que é muito importante esclarecer para o telespectador, para a pessoa que até agora está nos assistindo, dona de casa, que de fato nós estamos discutindo muito Minas Gerais porque o senhor teve a sua vida política lá em Minas Gerais. **Eu de fato saí de Minas Gerais, mas eu não saí a passeio, viu, senador. Eu saí porque eu fui perseguida pela Ditadura Militar, que posteriormente me**

deteve por três anos. Agora, candidato, eu quero dizer para o senhor, que **eu acredito fundamentalmente que o Brasil precisa de políticas sociais consistentes, e políticas de serviço público. Por quê? Porque tem um acúmulo de atraso.** Não investiam no Brasil em mobilidade urbana. O meu governo foi o primeiro governo que investiu R\$ 143 bilhões. Nove metrô, vários VLTs, 189 corredores de ônibus. É isso que aconteceu, candidato, é um déficit nos serviços públicos brasileiros (BAND, grifos nossos).

As sobreasseverações de Dilma, marcadas em negrito no excerto acima, também estão diluídas em todo seu período de fala. No início, o tom crítico é o mais marcante, em que as falas intentam construir uma imagem negativa de Aécio Neves. Novamente, no excerto acima é possível observar a repetição como um índice de trechos sobreasseverados, marcado pela repetição de ‘perdeu’, antecedida por uma retomada categorizante ‘Eu quero dizer, candidato’, que funciona como uma espécie de síntese do que a candidata apresentou nos momentos finais de sua fala. Ao final, DR fala de si, vitimizandose, de forma crítica, por ocasião da acusação de ter saído de Minas, produzindo asserções generalizantes acerca das necessidades do país.

Tanto em [01] quanto em [02] temos uma grande quantidade de enunciados que se apresentam, alguns mais outros menos, como propensos ao destaque, marcados de diferentes formas. Em [01], com uso de marcadores de negação ‘não pode’, ‘não é verdade’ e ‘é mentira’, que denotam também uma repetição que chama a atenção para o trecho; ao apresentar-se como o responsável pela ‘libertação’ do Brasil; ao produzir um enunciado metafórico ‘mar de lama’; ao utilizar de marcadores como ‘a grande verdade é essa’ e ‘o que os brasileiros tem me pedido é o seguinte’ que trazem um sentido profético, de reconhecimento por todos. Esses enunciados de Aécio reforçam o tom de vitimização e o tom profético daquilo que se anuncia como verdade. Em [02], a antecipação é apresentada com marcadores como ‘eu quero dizer’ e ‘eu acredito que’ que chamam atenção à fala da candidata; a construção ‘de fato... mas’, que retoma a fala do outro para refutá-lo

criticamente, etc. Essas estratégias são utilizadas por todos os candidatos, de forma mais ou menos acentuadas em alguns momentos.

Os trechos metafóricos e mais generalizantes parecem atribuir aos enunciados uma autonomia maior, se comparados aos trechos de falas dos candidatos que focam em sentimentos, acusações, promessas e defesas de faces. Essa autonomia dos enunciados pode ser explicada de duas maneiras: “[...] de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações)” (MAINGUENEAU, 2014b, p. 14).

Contudo, quando pensamos no processo de destacabilidade que envolve as sobreasseverações, não estamos mencionando apenas enunciados que possam se transformar em aforizações prototípicas, totalmente autônomos, mas em enunciados fortes, que marquem um posicionamento frente a um tema ou frente à atitude do outro, sendo por isso bons candidatos ao destacamento que será realizado pelos jornais. Nesse sentido, o processo de destacamento que analisamos envolve também os destacamentos realizados em enunciados que não possuem características aforizantes no momento de sua enunciação, trechos que podem ser utilizados em situações diversas por marcar um posicionamento forte em relação a um tema e, porque não, serem transformados em aforizações a partir de sua irradiação, de um tratamento realizado por veículos diversos.

Não podemos negar a interferência dos diferentes enunciadores (jornais, jornalistas, blogueiros, assessores, etc.) nos avatares que se apropriam, muitas vezes, de enunciados pouco propensos à aforização e os transformam em falas modificadas ainda mais aforizantes. Esses processos foram analisados por Assis (2013), pesquisa na qual se observou as diferentes manobras realizadas pelas mídias ao atribuir, muitas vezes à revelia, a condição de sobreasseverador a falas de enunciadores que não as produziram como sobreasseverações. Essa passagem da sobreasseveração ao destacamento propriamente dito (citações e aforizações) corresponde, por todo o processo de tratamento dispensado às falas dos atores políticos, ao ponto de conflito entre

a fala do candidato, que participa do debate, e o leitor dos avatares, que pode ser uma notícia, um vídeo, uma postagem, um tuite, etc. Abordaremos essas mudanças especificamente nas análises dos enunciados destacados.

Durante o percurso de análise em torno dos modos de antecipação do discurso, que apresentaremos no próximo tópico, observamos que alguns enunciados sobreasseverados podem não apresentar características prototípicas, se consideradas aquelas elencadas por Maingueneau (2008a, 2014b). Isso pode ser observado no primeiro exemplo em negrito da fala de DR, em [02]: “Candidato, o senhor recentemente teve uma condenação no Supremo Tribunal Federal [...]”. Essa afirmação de DR não é generalizante, não marca um ponto de vista sobre um tema, características que, grosso modo, definem um texto sobreasseverado. Em um primeiro instante, definir um trecho assim como sobreasseveração pode ser considerado um problema, já que aparentemente a noção perde sua força. Contudo, para nós, esse fenômeno da sobreasseveração não está apenas relacionado às categorias formais de produção discursiva, mas ele também é influenciado por questões relacionadas à valência do gênero.

As condições de produção, que definem, mais ou menos, as características e o lugar de circulação do gênero, interferem também nas produções de sobreasseverações que compõem os debates. Com isso, queremos dizer que mesmo enunciados que não se apresentem antecidos por um conectivo reformulativo, que não sejam generalização, metáforas ou um ponto de vista muito forte pode ser considerado como sobreasseverado se: a) consideradas as condições de existência do gênero, sobretudo ao alcance irradiador que ele pode ter a partir de sua enunciação b) considerada a força pragmática das sobreasseverações, que corresponde à tentativa de antecipar um destaque.

Nesse sentido, uma acusação, uma proposta, uma crítica pessoal, uma constatação (como a do primeiro trecho em [02]) são asserções⁷² que podem

⁷² Compreendidas em uma perspectiva ampla, conforme já pontuamos.

ser consideradas objetos de retomadas de gênero avatares diversos, sobretudo o que se refere ao tom de acusação e ao ataque à imagem do outro. Isso não quer dizer que tudo é sobreasseverado na fala política, ou que o conceito se generaliza. Pelo contrário, para ser sobreasseverado o texto deve levar em conta tanto os mecanismos metalinguísticos, que evidenciam o destaque, quanto considerar as características da produção genérica. Quanto mais agrupe essas características, mais fortemente sobreasseverado o enunciado será. Se pensarmos a sobreasseveração em relação a sua retomada, não fica difícil compreender, na conjuntura política brasileira, que enunciados críticos em relação à conduta do adversário são candidatos ao destacamento de certos tipos de mídias, principalmente as que se posicionam de maneira objetiva em relação a um ou outro candidato.

Portanto, o esvaziamento do diálogo de ideias substituído por críticas intensas, que as vezes se assemelham a um bate-boca durante o turno de falas, tem razão de existir. São esses enunciados que nutrem alguns tipos de mídias e algumas produções genéricas, sobretudo as que não fazem questão de parecer isentas de posicionamento, que costumam retomar esses enunciados, colocando-os em situação de destaque nas suas produções. Eles veem, nesse tipo de construção, características destacáveis que não são aquelas elencadas por Maingueneau, mas que interessam à produção do gênero e aos seus destinatários, especialmente por seu tom marcadamente crítico em relação ao outro. Seria inocente de nossa parte acreditar que a fala política, aparato de estudos e de interferências diversas, conforme destacamos neste capítulo, não se aproprie dessa condição de possibilidade para tentar antecipar um destacamento que desqualifica seu adversário, como o primeiro excerto grifado na fala de Dilma, em [01].

Outro problema que se impõe em relação à produção de sobreasseverações está relacionado a sua irradiação, especificamente a sua chegada em outros gêneros. Mesmo que se reconheça essa sequencialidade de gêneros, e que isso afete as produções de falas, não há qualquer garantia da eficácia dessas antecipações realizadas pelos políticos, pois os enunciados

sobreesseverados, como os exemplos que grifamos em [01] e [02], podem ou não ser escolhidos para compor uma notícia ou uma página de jornal, uma matéria de revista, uma postagem em página de rede social, um blog, e etc. Trata-se, conforme expomos anteriormente, de condições de possibilidades que não podem ser descartadas. As escolhas do que será destacado dependem de fatores muito subjetivos, como o posicionamento político dos enunciadores individuais ou coletivos.

No caso específico da produção jornalística, o jornalista, sujeito responsável por relatar o debate político, dispõe de uma produção textual muito grande para efetuar suas escolhas, já que esse gênero concentra horas de falas sobre temas variados⁷³. Os excertos de falas que irão compor as notícias de um jornal podem não fazer parte da composição do outro, e vice-versa, como foi possível observar em nossas análises. Essas escolhas perpassam o olhar do jornalista, mas são impostas pela maquinaria midiática, a qual ele representa, assim como são impostas pelo gênero que ele produz, onde ele será inserido, sob qual rubrica etc.

Antes de adentrarmos essa discussão da produção da notícia e do destacamento ou não dos enunciados sobreesseverados, queremos nos aprofundar um pouco mais nesse conceito para que possamos especificar seu funcionamento no texto-fonte, nesse caso o debate político-televisivo.

4.5.1 As ocorrências nos debates

Para começar, julgamos importante destacar algumas questões relacionadas à produção das sobreesseverações pelos políticos durante os debates televisivos. Deve-se considerar que os políticos não são igualmente produtivos em sobreesseverações. Essa constatação pode ser observada no levantamento quantitativo que realizamos, sintetizado na tabela abaixo:

⁷³ Os quatro debates selecionados por nós compreendem pouco mais de seis horas de gravação. Transcritos, eles acumularam cerca de 114 páginas de texto. A especificação do tempo de duração de cada debate está descrita no anexo B.

Tabela 02 – Ocorrências de sobreasseverações nos debates

	BAND		RECORD		UOL/SBT		GLOBO	
	DILMA	AÉCIO	DILMA	AÉCIO	DILMA	AÉCIO	DILMA	AÉCIO
Críticas	20	17	12	13	17	26	24	20
Generalizações	10	21	11	17	17	10	6	8
Imagem de si	10	17	25	7	13	8	18	5
Propostas	4	19	1	14	3	2	18	23
TOTAL	44	74	49	51	50	46	66	56

Fonte: Elaboração própria.

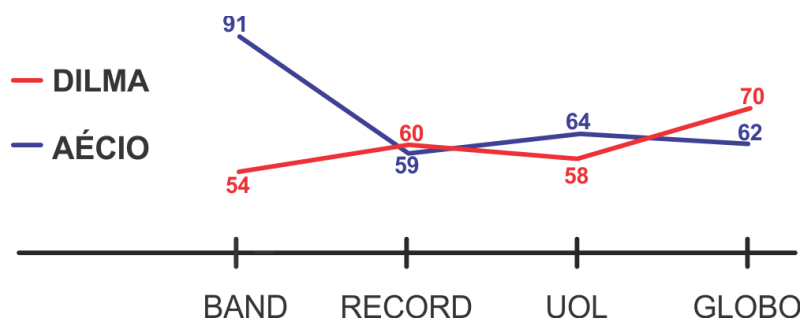
O processo metodológico, realizado por nós, que possibilitou chegar a esses números, seguiu os seguintes procedimentos e definições:

- a) Marcamos nos debates as ocorrências de sobreasseverações, enunciados fortes que marcam posicionamento em relação ao tema tratado.
- b) Observamos as estratégias mais recorrentes na construção das sobreasseverações, e delimitamos cinco campos de sentidos mais utilizados pelos atores políticos.
- c) Separamos as ocorrências em tabelas, por debates, delimitados em modos e em candidatos.
- d) Quantificamos as ocorrências em uma única tabela.
- e) Elaboramos um gráfico para a visualização da totalização das sobreasseverações de cada candidato.

Definimos que as sequências de uma mesma modalidade de sobreasseverações contam apenas uma ocorrência. Os encadeamentos (sequência de diferentes modalidades) foram mensurados separadamente. Nos casos em que uma asserção poderia ser encaixada em duas modalidades (por exemplo, um enunciado generalizante e uma proposta), consideramos na

contagem a modalidade mais utilizada. O resultado total das sobreasseverações por debates é o que segue no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Totalização de sobreasseverações nos debates



Fonte: Elaboração própria.

Pelos números expostos na tabela 2 e no gráfico 1, podemos observar que tanto Dilma quanto Aécio são produtivos em sobreasseverações. Embora Aécio tenha um percentual de produções bem maior de falas sobreasseveradas no primeiro debate, isso não se sustenta nos demais, onde a diferença é bem menor. As alterações entre um maior índice de ocorrências em um debate e um menor índice em outro podem revelar, por exemplo, trabalhos retóricos realizados pelos candidatos sobre temáticas específicas, ou o controle de tom nas respostas que elabora, a fim de equilibrar suas estratégias.

Outro número que chama a atenção é a quantidade maior de propostas apresentadas no último debate. O formato do programa veiculado pela Rede Globo contou com a participação de um público que realizava perguntas para os candidatos. Isso pode ter forçado os políticos a ser mais objetivos, pois é possível observar nesse formato a diminuição das generalizações e o aumento de propostas nas falas, índices que vão na contramão dos três debates anteriores. Também não podemos desconsiderar que esse debate da Globo é,

pela proximidade com as eleições, a última possibilidade de os candidatos mostrarem suas diferenças e apresentarem suas propostas de governo.

Reconhecemos que esse levantamento quantitativo não é capaz de nos possibilitar um aprofundamento analítico em questões discursivas, que exigem uma análise mais fina. Esse percurso será realizado no próximo tópico. Neste momento, contudo, esses resultados permitem elaborar nossa metodologia para a análise quantitativa de sobreasseverações, lançar um olhar geral sobre as tentativas de controle da irradiação da fala política nos debates, separando-as em grupos temáticos, reunindo informações que, nos próximos capítulos, nos permitirão observar se as sobreasseverações produzidas nos debates são aproveitadas na construção das notícias, de que forma elas são apresentadas, se sofrem alterações, etc.

A partir desse levantamento, passaremos agora para uma análise qualitativa desse fenômeno em que propomos um trabalho em torno dos modos de controle da irradiação.

4.6 Os modos de controle da irradiação da fala política

Acreditamos ter deixado claro no início desse tópico que as sobreasseverações correspondem a uma tentativa de exercer o controle da irradiação em trechos de falas que carregam certa força, marcada pelo ponto de vista, pela tomada de posição, pelo uso de estratégias metalinguísticas, pelo valor generalizante. No caso em tela, trata-se de uma tentativa de controle, realizada pelos políticos sobre suas falas, em relação àquilo que irá circular em gêneros avatares, a partir de suas enunciações nos debates. Para especificarmos ainda mais a aplicação dessa noção de sobreasseveração, observaremos a seguir de que maneira essa tentativa de controle é exercida nas falas dos debates.

Em nossa pesquisa, ter realizado o levantamento das sobreasseverações e, posteriormente, analisá-las quanto a sua formação e o seu funcionamento é

duplamente importante. Primeiro, porque os enunciados sobreasseverados correspondem à maneira como os atores políticos dão maior destaque para trechos de seu discurso, na pretensão de antecipar o seu destacamento, ou seja, na pretensão de controlar a irradiação de suas falas, enfatizando trechos que gostariam que fossem destacados. É como se dissessem aos jornalistas, blogueiros, simpatizantes, e etc. 'destaquem essa fala, pois ela me representa nessa questão'. Segundo, porque nos permitirá, no capítulo 5, observar se os enunciados sobreasseverados são os mesmos enunciados destacados pelos jornais, e se há alterações entre aquilo que foi dito pelo político e aquilo que foi inserido como sendo sua fala na composição da notícia.

Neste momento, analisamos as características das sobreasseverações. Nos quatro debates do segundo turno que compreendem nosso *corpus*, os diferentes e recorrentes tons utilizados pelos candidatos em suas falas, quando sobreasseveram, nos permitiu classificá-los em quatro diferentes modos. Ao sobreasseverar, os candidatos:

- a) Criticam uns aos outros.
- b) Falam de si.
- c) Produzem asserções generalizantes.
- d) Apresentam propostas.

A sequência apresentada acima corresponde às asserções mais utilizadas pelos atores políticos nos quatro debates, apresentados de forma crescente (do maior para o menor índice total). A maior ocorrência de sobreasseveração realizadas pelos atores políticos durante os debates corresponde a falas em que eles criticam uns aos outros. Os exemplos que

levantamos nesse capítulo correspondem a excertos retirados do primeiro debate do segundo turno, veiculado pela BAND⁷⁴:

[03]

DR:

[...]. Quando o governo de Minas foi dirigido pelo senhor, vocês tiveram um, vocês não cumpriram o que manda a Constituição, que é destinar um mínimo para a saúde.

[...]. Eu queria dizer que nenhum dos governos tucanos fizeram creches em número suficiente para as crianças brasileiras.

[...]. O senhor perdeu as eleições em Minas Gerais e foi muito mal avaliado por ter perdido (BAND).

AN:

[...]. Quem vê a sua campanha acha que a senhora não governou o Brasil ao longo dos doze anos. Lamento que não tenha feito ao longo do seu mandato o que se propõe fazer agora.

[...]. O seu governo, candidata, infelizmente perdeu a capacidade de atrair investimentos, perdeu a confiança dos mercados.

[...] a senhora perdeu em Minas, porque as candidaturas de oposição, portanto contra o seu governo, foram amplamente vitoriosas (BAND).

Esses excertos em [03] são apenas algumas das sobreasseverações que compõem o debate da BAND. Em comum, elas apresentam críticas diretas aos candidatos ('o senhor', 'a senhora', 'candidato', 'candidata'), que pode ser o correlato de campanha ('a sua campanha'), de partido ('o seu partido', 'o PT'), de gestão ('vocês', 'o governo tucano'), etc.

⁷⁴ As sobreasseverações dos demais debates apresentam as mesmas características levantadas nos exemplos da BAND, conforme apresentamos anteriormente no levantamento quantitativo das ocorrências. Neste tópico 4.6, optamos por apresentar apenas as ocorrências do debate da BAND, para que fique claro que todos os modos de controle da irradiação, realizados na tentativa de antecipação dos destacamentos, são recorrentes e abrangem os debates no seu todo, dos quais selecionamos apenas um. Não desprezamos os demais exemplos, eles serão retomados nos próximos tópicos.

Essa constatação de que a maior parte das sobreasseverações, dentro dos debates, corresponde a críticas que os atores políticos direcionam um ao outro é um dado interessante, pois nos permite pensar que os candidatos consideram mais importante, durante o período que possuem para falar, criar uma imagem negativa do seu adversário e de suas práticas, do partido e da postura negativa do outro nos debates, do que fortalecer sua própria imagem. Ao criticar o outro, pelo princípio da negação, subentende-se que quem critica não possui as características criticadas, ou que não fará aquilo que vê como errado na prática do seu adversário.

Mesmo em enunciados que afirmam algo positivo do seu oponente, os candidatos recorrem à estratégia do contraste para se distanciar. Os elogios, em número muito menor em comparação com as críticas, são sempre marcados pelo uso do 'mas':

[04]

DR:

[...] O Ministério Público disse que não aceitou a ação criminal, mas mandou se investigar a obra do aeroporto de Cláudio no que se refere a improbidade administrativa (BAND).

AN:

[...] O Pronatec é um bom programa, mas precisa ser aperfeiçoado (BAND).

O que se percebe, portanto, é um esforço constante por parte dos candidatos em negar o outro, em distanciar-se do outro. Essa negação é sempre marcada por uma relação negativa-positiva, em que aquele que fala está sempre do lado positivo. Elogios e/ou reconhecimento de uma qualidade (de um político ou de uma prática) aparecem acompanhados de adversativos, como se dissessem: 'Isso é bom, mas farei melhor'. Quanto mais os candidatos utilizam suas falas para criticar, posicionando-se contrariamente às ações e práticas do outro, mais chances eles têm de que seus enunciados possam ser

retomados em avatares diversos, como as notícias que analisaremos no próximo capítulo.

Atacar a imagem do outro é um recurso muito utilizado na fala política de gêneros diversos, como as entrevistas, os comícios, os programas de TV, os HGPE, etc. Ao criticar o outro, como vimos, constrói-se também uma imagem de si. Não por acaso, a segunda característica mais recorrente nas sobreasseverações dos debates é falar de si, negando o outro. Isso acontece de forma silenciada nos exemplos que vimos anteriormente, pelo viés da crítica, mas é explícito nos exemplos que apresentamos a seguir:

[05]

DR:

[...]. O meu governo garantiu, neste período que nós estamos vivendo, uma inflação controlada dentro dos limites da meta.

[...]. A educação é prioridade no meu governo. Se considerar eu e o Presidente Lula, nós triplicamos o valor gasto na educação. Da creche à pós-graduação.

[...]. Candidato, eu tenho uma vida toda de absoluto combate à corrupção e de nenhum envolvimento com maus feitos (BAND).

AN:

[...]. Minas Gerais, governada por mim, tem a melhor qualidade de atendimento de saúde de toda a região Sudeste.

[...]. Eu fiz milhares de obras no meu governo, milhares, todas elas atestadas como obras corretas para beneficiar as pessoas.

[...]. Durante os meus oito anos de governo, oito anos de governo honrado em Minas Gerais, os crimes de homicídios em Belo Horizonte, a capital do nosso estado, diminuíram em 37% (BAND).

Nos exemplos acima, é possível perceber que os candidatos falam de si de diferentes maneiras. Eles exaltam características pessoais, como em ‘eu tenho uma vida toda de absoluto combate à corrupção’ (DR) e ‘oito anos de governo honrado’ (AN). Também, exaltam as características dos seus governos

de forma ampla, como por exemplo em ‘A educação é prioridade no meu governo’ (DR); ou de forma específica, como em ‘Minas Gerais, governada por mim, tem a melhor qualidade [...]’ (AN), ‘nós triplicamos o valor gasto na educação’ (DR), ‘eu fiz milhares de obras no meu governo’ (AN), dentre outros. Em construções que evidenciam afirmações e conclusões, os candidatos sobreasseveram na tentativa de fazer circular uma imagem específica, a sua imagem, condicionada as suas próprias impressões.

Criticar o outro e falar de si são as duas características mais recorrentes das sobreasseverações em nosso *corpus*. No discurso, elas denotam um modo de controle da irradiação das falas proferidas durante os debates, em um movimento constante de ataque, defesa e valorização das faces. Esses enunciados podem ser facilmente objetos de retomadas em produções de avatares diversos, tanto para exaltar quanto para questionar as atitudes e as imagens dos atores políticos. São enunciados que circulam com muita frequência em postagens nas redes sociais, em pequenos vídeos em sites de compartilhamento, nos sites dos candidatos e em suas páginas do *Twitter*, etc.

Contudo, esses não são os únicos modos de construção das sobreasseverações. Em nosso *corpus*, ainda há um índice considerável, embora em menor número, de dois outros tipos de tentativa de controle da irradiação: a produção de asserções generalizantes e a apresentação de propostas.

Ainda que tenhamos listado alguns excertos em que os políticos sobreasseveram falando de si e do outro, esses recortes não são enunciados prototipicamente aforizantes. A não ser que passem por um tratamento, por uma adequação, eles não são bons candidatos a se transformarem em aforizações, embora sejam fortes candidatos para figurar como citações nas composições de gêneros como as notícias. Contudo, há também a produção de enunciados generalizantes nas sobreasseverações realizadas durante as falas dos candidatos, como os que seguem:

[06]

DR:

[...] eu acredito fundamentalmente que o Brasil precisa de políticas sociais consistentes, e políticas de serviço público.

[...] eu acredito que o Brasil precisa de avançar. E acho que esse avanço é fundamental que seja feito.

[...] eu considero que é fundamental reformar os currículos de tanto do ensino fundamental, mas sobretudo do ensino médio (BAND).

AN:

[...]. A grande verdade é que o Governo Federal vem diminuindo a sua participação ao longo dos últimos doze anos no financiamento da saúde.

[...]. É preciso, candidata, ter humildade para admitir que vocês fracassaram na condução da política econômica.

[...]. Educação, candidata, é essencial para que qualquer país avance na busca de um futuro melhor (BAND).

As falas com maior poder de irradiação, e conseqüentemente maior probabilidade de se transformar em aforizações, parecem ser aquelas que acumulam as características elencadas por Maingueneau (2010, 2014b) como curtas, bem estruturadas, de modo a impressionar, que carregam uma verdade constitutiva e generalizante, que podem ser proferidas em tom enfático e solene, e que se destinam a um público amplo. Nos exemplos listados em [06], trechos como 'eu acredito fundamentalmente que o Brasil precisa de políticas sociais consistentes, e políticas de serviço público' e 'Educação, candidata, é essencial para que qualquer país avance na busca de um futuro melhor', proferidas por DR e AN, respectivamente, são falas generalizantes que invocam verdades universais, enunciados e posicionamentos que são socialmente inquestionáveis e irrefutáveis. Contudo, o tom solene dessas afirmações parece ser enfraquecido pelas constantes marcações de um Eu, implícito ou explícito, o que dificulta a classificação desses enunciados em uma etiqueta 'aforizante'.

As propostas apresentadas pelos candidatos seguem a mesma lógica dos enunciados generalizantes.

[07]

DR:

[...]. Fizemos também, candidato, o Pronatec, são 8 milhões [de matrículas]. Se eleita, farei mais 12 milhões.

[...] Agora, o que eu quero dizer sobre segurança é que nós vamos, sim, mudar a constituição (BAND).

AN:

[...]. Vamos criar, vamos tratar de formar mais médico no Brasil.

[...]. Eu vou dar transparência aos financiamentos, que seu governo não vem dando.

[...]. O Bolsa Família é um avanço, vai ser continuado no nosso governo, vai ser aprimorado com o programa família brasileira que eu já apresentei (BAND).

Em relação à categorização dessas promessas [07] como falas sobreasseveradas, destacamos que a força desses enunciados só pode ser observada se consideradas as condições de produção do gênero debate político televisivo. Em um debate, espera-se que as propostas sejam abundantes, e que esses enunciados tenham uma força maior em relação aos demais, porque marcam um posicionamento, normalmente de mudança ou de ampliação, em relação a uma demanda social. Dessa forma, mesmo que as propostas não sejam marcadas por conectivos reformulativos, por repetições ou pela presença de metáforas, características que agregam maior saliência ao enunciado, no contexto de produção do gênero debate político-televisivo não podemos negar que as propostas chamam atenção em relação ao restante das falas dos atores políticos. Isso porque a proposta é o tipo de enunciado que irá circular em gêneros diversos.

No debate, portanto, a proposta é o tipo de formulação esperada na fala dos candidatos, praticamente necessária na produção desse tipo de gênero, sobretudo se considerarmos que os debates acontecem pouco tempo antes das eleições e que os candidatos estão interessados em captar a adesão dos eleitores indecisos, os telespectadores que assistem ao debate pela TV e, no caso do debate da Globo, o público presente na plateia. Nesse sentido, uma

proposta pode ser uma asserção destacável, propensa ao destaque, porque interessa aos sujeitos eleitores. Por isso, as investidas dos atores políticos nesse tipo de produção genérica não podem ser desconsideradas. Conforme observamos no exemplo [02], as sobreasseverações estão relacionadas às condições de existência de um gênero e a sua força pragmática, ou seja, às relações de irradiação (interna/externa) que configuram a produção genérica e ao alcance em relação aos possíveis avatares criados a partir da enunciação dos debates, observável nas retomadas. AN teve uma produção maior de propostas nos dois primeiros debates, se comparada ao número de produções de DR (tabela 02). Esse número só aproxima nos dois últimos debates, sendo que o maior índice de propostas no debate da Globo se deve à configuração do programa, que exigia dos candidatos essas produções.

Os enunciados que apresentamos em [06] são também propostas que silenciam, por meio das generalizações, discursos de críticas e conclusões amplas. Os exemplos de [07], por sua vez, são propostas mais pontuais em relação aos planos de governos dos atores políticos. Muitas vezes, contudo, há generalizações no que se refere a como essas propostas serão realizadas. No exemplo [07], assim como no anterior, as falas são marcadas pela singularidade dos enunciadores, o que não permite que os enunciados adquiram o estatuto aforizante por si só.

Todo esse levantamento realizado a partir da análise dos quatro debates revela resultados importantes a partir das análises da frequência das sobreasseverações, o que nos permitiu observar quais os modos de antecipação de destaque mais utilizados pelos políticos durante suas falas. A partir dessas informações e desses resultados, será possível observar se há uma modalidade mais recorrente na retomada realizada pelos jornais ao relatar os debates, e ainda observar se há mudanças no estatuto pragmático desses enunciados, no que se refere ao tom produzido pelo político na enunciação do debate e o tom que esses enunciados são submetidos no tratamento que recebem no interior das produções jornalísticas.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DAS NOTÍCIAS IMPRESSAS E *ONLINE* NOS JORNAIS

5.1 A página dos jornais

Durante todo o percurso que realizamos até aqui, focalizamos nosso interesse em analisar notícias impressas e *online* para a apreensão das práticas jornalística, no que diz respeito ao destacamento de enunciados, falas dos candidatos DR e AN, oriundos dos debates político-televisivos. O percurso em torno dos debates foi importante para que pudéssemos especificar as características desse gênero, analisar a produção de sobreasseverações e, por fim, a chegada das falas dos atores políticos nos jornais.

Em relação à produção genérica, os jornais impressos e os jornais *online* possuem características semelhantes e destoantes. A semelhança está relacionada ao padrão composicional dos gêneros. Nas duas modalidades analisadas, a composição geral da notícia se resume, grosso modo, a título, subtítulo, fotografia (esses últimos não necessariamente nesta ordem) e texto, normalmente em terceira pessoa, com atributos que analisaremos posteriormente.

O que notamos como maior mudança, em relação às modalidades impressa e *online*, está relacionado à disposição do conteúdo na página impressa e na página *web*. Como exemplos, vamos observar a composição da notícia veiculada pelo jornal Folha de S. Paulo.

corresponde especificamente a essa diferenciação entre os formatos. Embora não divirjam em termos de estrutura, há uma diferença constante nos materiais analisados, em relação ao aprofundamento da informação, ao nível informacional das notícias.

Os jornais impressos costumam ter um material mais denso em relação ao conteúdo que relatam. Dedicam-se mais à interpretação do evento televisivo, o debate, e às retomadas de falas dos atores políticos, como veremos em momento específico, em forma de citação. Já a notícia *online* se apresenta de forma mais breve, normalmente em formato de resumo, porque seu conteúdo é multifacetado, dividido em diferentes notícias disponíveis no site.

A possibilidade de atrelar ao corpo ou ao *layout* das notícias *online* recursos como *hiperlinks*, vídeos, imagens e sons dão uma dimensão bastante diferente do que se compreende como leitura de um jornal. O que não quer dizer que o conteúdo *online* seja limitado. Quando a imprensa afirma que nos sites de informação há apenas uma projeção da informação, essa afirmação é totalmente falsa. Há conteúdos diferenciados, construídos a partir de lógicas bastante diversificadas que afetam a neutralidade pretendida pelo jornal.

Especialmente, a produção da notícia *online* está mais próxima do núcleo genérico do debate. A fragmentação da notícia em diferentes ‘galhos’, que são adicionados na plataforma *online* no decorrer do debate, permite que uma informação, sobre um bloco do debate ou sobre uma fala relatada do ator político, retome outra informação anterior, e outras que surjam, e assim sucessivamente. A metáfora da árvore proposta por Martinez (2010) é interessante. Ela representa um organismo composto por um tronco, que reflete a ligação com o núcleo genérico, lugar onde se nutrem as raízes de informações; e múltiplos galhos, que representam as fases de criação e renovação do conjunto chamado de ‘árvore’. Essa árvore é um avatar previsível (MAINGUENEAU, 2014a), já que notícias são prescritas quando dois atores políticos, que disputam as eleições para presidência de um país, confrontam-se em um debate; e a leitura desses galhos possibilita diferentes, mas não

ilimitadas, leituras sobre esse acontecimento midiático, já que o leitor pode escolher, dentre os existentes, quais galhos percorrer⁷⁵.

Outro ponto que diferencia as modalidades impressa e *online* corresponde às alterações do conteúdo das notícias publicadas pelos jornais. Enquanto nos jornais impressos essa alteração é impossível de acontecer no material em si, sendo relegada às notas de erro publicadas na próxima edição; a alteração é possível e previsível em ambiente *web*, o que resulta em um problema: “O texto é modificado e basicamente a informação que o leitor tem é o horário da atualização e não a informação do que foi acrescentado ao original” (MARTINEZ, 2010, p. 18). Essa ação de atualização sobre o texto traz questionamentos em relação às alterações e problematiza a relação entre as mídias e o leitor, uma vez que as mídias podem efetuar correção, inclusão ou apagamento das informações publicadas.

Essas características são interessantes e nos permitem pensar ao menos duas problemáticas discursivas que nos interessam. A primeira delas corresponde ao *ethos* do jornal, que denominaremos aqui de *ethos* de marca. A segunda corresponde à cenografia visual construída em cada notícia. Analisaremos cada uma delas separadamente, embora suas ocorrências sejam simultâneas.

5.1.1 Uma cenografia iconoverbal

Vamos começar com uma constatação: as cenografias das notícias que relatam os debates são iconoverbais. Essa afirmação se justifica porque a *mise en scène* da notícia depende da disposição de todos os elementos, que a compõe, à página: o conteúdo icônico (imagens, gráficos e desenhos) e o conteúdo verbal (os textos). Contudo, essa aparente equivalência entre textos

⁷⁵ Essa possibilidade de diferentes leituras gera a sensação de liberdade de escolha do leitor sobre qual caminho vai direcionar sua leitura. Essa liberdade é uma ilusão, pois os ‘galhos’ são restritos, logo as leituras possíveis também são. A diferença está relacionada à sequência de leitura não-linear que a notícia *online* permite aos leitores, e não ao limite de possibilidades delas.

e ícones é muito ampla e incapaz de explicar a pluralidade de nosso *corpus*, pois, embora iconoverbal, a cena criada nos jornais impressos e *online* divergem bastante em relação ao funcionamento do gênero.

O título em caixa alta, as imagens e textos em destaque, o subtítulo, o texto da notícia, os gráficos, etc. são harmoniosamente distribuídos na página da notícia de versão impressa do jornal, como dissemos anteriormente. Há uma simetrização aparente, em relação à disposição desses elementos, que contribui para construir uma cenografia de duelo entre Dilma Rousseff e Aécio Neves. No caso das notícias impressas, a simetria fortalece visualmente aquilo que tradicionalmente denominamos como gênero (estilo, conteúdo e estrutura, além do contrato), dando contornos para o que se reconhece socialmente como notícia impressa.

Para Maingueneau (2014a, p. 14, tradução nossa)⁷⁶, as limitações da cena genérica são particularmente evidentes quando se combinam texto e imagens em gêneros na internet, onde “[...] o funcionamento não corresponde à concepção clássica do gênero”. O autor explica que

[...] o gênero de discurso é estruturado sobre diversos níveis: tipo de discurso > gênero de discurso > situação de enunciação singular; o que, de nossa parte, expressamos utilizando a tripartição: cena englobante > cena genérica > cenografia (MAINGUENEAU, 2014a, p. 14, tradução nossa)⁷⁷.

Enquanto a notícia impressa parece estabelecer uma relação de maior destaque à cena genérica, o hipergênero possui um papel periférico nesse enlace.

⁷⁶ “[...] le fonctionnement ne ressortit pas à la conception classique du genre”.

⁷⁷ “[...] le genre de discours est structuré sur divers niveaux : type de discours > genre de discours > situation d’énonciation singulière ; ce que pour notre part nous exprimons à l’aide de la tripartition : scène englobante > scène générique > scénographie”.

Na Web, a situação é bem diferente. As limitações impostas pela cena genérica são, de fato, enfraquecidas. As unidades de comunicação, ou seja, os sites são, de fato, de mesma natureza e estão sujeitos a um conjunto de limitações de ordem técnica; essa homogeneização é reforçada pela necessidade de poder circular por hiperlinks de um site a outro (MAINGUENEAU, 2014a, p. 15, tradução nossa)⁷⁸.

Na internet⁷⁹, os pivôs da enunciação são a cenografia e o hipergênero, responsáveis por mobilizar e gerir os elementos verbais e multimodais que tratamos anteriormente. Essa multimodalidade do gênero notícia *online* parece ser a responsável por dar maior destaque à cenografia e ao hipergênero, como podemos observar nos exemplos que seguem:



Figura 7 – Páginas da FS
Fonte: FS online (25 out. 2014).



Figura 8 – Página do ES
Fonte: ES online (20 out. 2014).

⁷⁸ “Sur le Web la situation est bien différente. Les contraintes qu’impose la scène générique sont en effet faibles. Les unités de communication, à savoir les sites, sont en effet de même nature et sont soumises à un ensemble de contraintes d’ordre technique ; cette homogénéisation est renforcée par la nécessité de pouvoir circuler par hyperliens d’un site à l’autre”.

⁷⁹ Neste trabalho, consideramos os termos Internet e Web como equivalentes.

Os exemplos de jornais *online* que apresentamos nas figuras 7 e 8 não apresentam textos noticiosos restritos à apresentação de um título, uma foto e um texto que relata o debate. O que vemos nesses exemplos são verdadeiros mosaicos construídos por gênero diversos (notícia, comentários, mapas, propagandas, etc.), agrupados em uma única página, que não estão submissos às lógicas tradicionais de textualidade e de produção genérica.

Diferentemente da página do jornal impresso, a notícia *online* é acompanhada por fotografias (estáticas e/ou em movimento), links, áudios, vídeos, outras notícias e páginas ligadas por hiperlinks, dentre outros elementos multimodais que desestabilizam a textualidade planejada (tipos de discurso e instituições de fala definidos) da notícia impressa. Para Maingueneau (2014a, p. 184)⁸⁰, “[...] tal evolução ocorre às custas de limitações institucionais, mas também às custas do Um do texto”.

Trata-se de uma evolução que agrupa diferentes domínios de fala em uma amplificação da cenografia e do hipergênero, uma confluência entre elementos verbais e icônicos que desestabiliza o que se compreende tradicionalmente como texto. O Um do texto corresponde a todo o conjunto de elementos unificados que constroem a ilusão de um bloco único e completo.

Essa cenografia visual da página é tão importante quanto a cenografia textual. Elas compreendem duas dimensões complementares do texto noticioso: uma dimensão verbal e uma dimensão visual. A dimensão verbal, compreende a produção textual e as retomadas de falas que envolvem a lógica da citação. Essa dimensão, que corresponde ao processo de retomada de enunciados na composição da notícia, será nosso objeto de análise no próximo capítulo.

A dimensão iconovisual, por sua vez, corresponde a todos os elementos que, em harmonia, colaboram para a criação de uma cenografia visual. Ela compreende, por exemplo, o todo que consideramos no Um da notícia

⁸⁰ “[...] telle évolution se fait aux dépens des contraintes institutionnelles, mais aussi aux dépens de l’Un du texte”.

veiculada pela página da web da Folha online (figura 07) e do Estadão online (figura 08).

5.1.2 Uma hierarquia de *ethos*

No que se refere à composição da página do jornal, que perpassa escolhas visuais e verbais, é possível observar que há uma interação entre diferentes *ethé*: o *ethos* de marca do jornal; o *ethos* do jornalista; o *ethos* do candidato. Sistemáticamente hierarquizados, o *ethos* dominante é o de marca, e funciona como uma espécie de filtro dos demais.

Quando o jornal se apresenta organizado por uma simetria (das imagens e também dos usos de citações, como veremos à diante), ele se projeta como sério, neutro e etc. Essa simetria afeta o *ethos* do jornalista, que tem sua produção restrita a parâmetros bastante definidos e também se projeta como sério; e o *ethos* do candidato, porque a apresentação dos dois políticos nas páginas dos jornais também mostra que a política é levada a sério (lugar de debate, de direitos iguais, de exercício de democracia, etc.).

Assim, há um círculo vicioso onde, mesmo em concorrência e interação, o *ethos* dominante afeta os demais, sobretudo pelas coerções que impõe à prática jornalística. Há uma convergência entre eles, que pode não acontecer em outros gêneros ou mesmo em outras rubricas do jornal. Essa convergência confere um efeito de seriedade ao *ethos* do jornal.

5.2 O *ethos* de marca

No capítulo 2, delineamos a perspectiva discursiva a respeito do *ethos* a qual nos ancoramos. Discursivamente, o *ethos* é a imagem que um enunciador constrói, a imagem de si. Essa definição se complica se a aproximarmos da concepção de jornal como um enunciador coletivo, composto por diferentes

instâncias de produção, paradoxalmente reconhecido pela unidade representada por uma marca.

Esse *ethos* de marca corresponde, inicialmente, àquele dito pela linha editorial do jornal, aquilo que o identifica a partir de um rol de práticas em torno de um nome, o nome do jornal. Contudo, a representação de uma marca vai além das implicações paratextuais e adentra questões discursivas. Além dos aspectos composicionais, o *ethos* de marca do jornal se mostra pelas escolhas efetuadas pelo jornalista e pelos responsáveis pela diagramação do jornal, pelas diferentes formas de se mostrar e de se dizer, e pelo agrupamento e convergência de diferentes *ethé* na cena enunciativa que produz.

O *ethos* de marca se apresenta de maneiras diversas na composição da página do jornal. Ele corresponde a um conjunto de características uniformes, observáveis a partir da prática jornalística, das formas de apresentação das cenografias, das escolhas icônicas e verbais, e da força hierárquica que exerce em relação aos demais *ethé* que concorrem com ele na elaboração do produto noticioso, no caso dos jornais. Como cada uma dessas manifestações são processos que nos interessam, faremos a seguir uma análise que as especifica.

5.2.1 O jornalismo como um discurso sério

O discurso jornalístico, o qual delimitamos como material de análise, não pode ser considerado como um discurso constituinte, como os discursos filosófico, religioso, científico e literário. Esses discursos, formulados e recebidos no interior de uma comunidade restrita, são legitimadores de outros discursos que também os legitimam. Não sendo constituinte, o discurso jornalístico se apresenta como um discurso segundo, que reformula e mediatiza os discursos primeiros, os constituintes, a partir de características e contratos de comunicação que lhes são próprios e que visam à difusão (as vezes vulgarização) de saberes. Nesse sentido, Ringoot (2014) considera o discurso jornalístico como um interdiscurso, que possui mecanismos específicos e que

é capaz de reivindicar sua interdiscursividade. Essa relação com os outros discursos se mantém por meio de uma interação interdiscursiva.

A interação com os outros discursos sociais é significava pelos dispositivos enunciativos: a categorização da informação em cadernos ou rubricas (política, econômica, esportiva...), as citações de fontes nos artigos (notáveis ou anônimas, socialmente identificáveis), a fala concedida às personalidades exteriores ao jornal (escritor, acadêmico, político, científico, assinando um artigo)... A interdiscursividade subjaz a todos os elementos de nossa proposição metodológica: interdiscurso no âmbito do jornal, interdiscurso entre os jornais, interdiscurso entre as mídias, interdiscurso entre o jornalismo e os outros discursos sociais (RINGOOT, 2014, p. 39)⁸¹.

Para a autora, essa relação interdiscursiva do discurso jornalístico pode ser resumida como o interdiscurso entre três instâncias: os profissionais (os jornalistas), as fontes (uma autoridade sobre o tema abordado, um ator político ou social que tem sua fala retomada, uma agência de notícias, etc.) e o público (os leitores). Na enunciação jornalística, cada uma dessas instâncias possui valores diferenciados, a depender dos lugares específicos de que participam de forma mais ou menos ativa. A figura do leitor, por exemplo, pode ser mais valorizada em um local específico do jornal, onde se abre espaço para publicar sua opinião, uma crítica, ou uma resposta; o discurso da fonte será mais valorizado em gêneros onde o recurso ao uso de falas tenha maior evidência; o jornalista é mais valorizado em gêneros onde a sua imagem é evidenciada, como ponto de vista ou como assinatura.

Nas notícias *online* que compõem nosso *corpus*, o discurso do jornalista e o discurso das fontes parecem ser mais valorizados. O jornalista, que assina

⁸¹ "L'interaction avec d'autres discours sociaux est signifiée par les dispositifs énonciatifs : la catégorisation de l'information en cahiers ou rubriques (politique, économique, sportive...), les citations des sources dans les articles (notables ou anonymes socialement identifiés), la parole donnée à des personnalités extérieures au journal (écrivain, universitaire, politique, scientifique, signant un article)... L'interdiscursivité est sous-jacente à tous les éléments de notre proposition méthodologique : interdiscours au sein d'un journal, interdiscours entre les journaux, interdiscours entre les médias, interdiscours entre journalisme et autres discours sociaux ".

ou não a notícia, manifesta-se pelo ponto de vista que narra o debate e pelas escolhas das falas e discussões que realiza em relação as suas fontes, atribuindo-lhes as mesmas condições de visibilidade em sua escrita. Essas fontes, nestes casos, são os políticos que participaram do debate, retomados em falas para compor as notícias, gêneros que seguem a lógica de um relato.

Por mais que coocorram nesse processo, parece-nos que há um dispositivo regulador do discurso do jornalista, legitimando-o como *expert* em política, e do discurso das fontes. Essa regulação se manifesta de diferentes formas: no discurso do jornalista, pelas regras estabelecidas pela profissão jornalística, pelo gênero, pelas normas do jornal, pela presença ou ausência de sua assinatura, pelas escolhas das vozes que insere no seu texto, a fim de dar credibilidade a sua escrita; no discurso dos políticos, pelas escolhas que o jornalista opera e pela forma como as coloca em evidência, até mesmo o tratamento que dá a elas, escolhas que envolvem tanto a seleção quanto a rejeição de falas. Ambos, discurso dos jornalistas e discurso das fontes, são dominados por uma entidade maior dentro do jornal, que chamaremos aqui de *ethos* de marca.

O *ethos* de marca parece estar, sobretudo, relacionado ao modo de dizer do jornal, delimitado em suas normas e práticas, e perceptível no tom que adota a partir de um ponto de vista de seriedade, de neutralidade nas suas produções discursivas, como veremos nas análises dos elementos da página do jornal. O esforço constante das mídias de referência para manter esse padrão de discurso é patente, e envolve estratégias diversas que juntas mostram-se não apenas ao satisfazer o funcionamento de toda uma maquinaria, mas também por meio de um *ethos* que representa o nome do jornal, a sua marca.

5.2.2 A cenografia de rotina do gênero notícia e da página do jornal

Outro aspecto que corresponde ao *ethos* de marca do jornal está relacionado à cenografia construída para a página do jornal, onde figuram as

notícias. Não se trata aqui de apresentar uma cenografia validada, ancorada socialmente, mas de uma rotina do jornal. As notícias que analisamos compreendem o que se considera, de maneira clássica, uma notícia em que a base do gênero é o relato.

A página, unidade espacial intrínseca ao suporte de papel e desmaterializada na web, delimita uma cena de enunciação. De acordo com os formatos, dependendo se é simples ou dupla, a página unifica um tema de informação dividido em múltiplos blocos enunciativos (RINGOOT, 2014, p. 46, tradução nossa)⁸².

Na concorrência de *ethé*, de que tratamos anteriormente, observa-se uma tensão existente na encenação do texto, em que o jornalista deve se mostrar objetivo nas suas escolhas, na sua escrita. Isso afeta também a imagem dos candidatos, que são reconhecidos da mesma forma.

Em gêneros como as notícias, que projetam uma imagem constante de objetividade, todos os sujeitos envolvidos são afetados por esse efeito. A produção jornalística fica, de certa forma, impedida de ultrapassar os limites que aí se impõem, por exemplo para produzir uma piada, uma ironia, utilizar uma metáfora, etc.

5.2.3 As escolhas de fotografias

Para dar continuidade à questão da manutenção do *ethos* de marca na produção jornalística, observaremos algumas fotografias que compõem as notícias em tela.

⁸²“La page, unité spatiale intrinsèque au support papier et dématérialisée sur le web, délimite une scène d'énonciation. Selon les formats, selon qu'elle soit simple ou double, la page unifie un sujet d'information éclaté en plusieurs blocs énonciatifs”.



Figura 9 – Fotografia dos candidatos
Fonte: OG (15 out. 2014).



Figura 10 – Fotografia dos candidatos
Fonte: GP (15 out. 2014).



Figura 11 – Fotografia dos candidatos
Fonte: ES (15 out. 2014).

As figuras 9, 10 e 11 correspondem a fotografias utilizadas nas versões impressas dos jornais OG, GP e ES, respectivamente. As regularidades perceptíveis nessas e em outras fotografias revelam um esforço constante de simetria dos jornais. Se o jornal opta por inserir uma ou mais fotografias de um candidato na página, onde relata o debate em forma de notícia, ele também o faz em relação ao outro candidato, e vice-versa, adotando os mesmos critérios de seleção. Isso se repete em todas as 48 notícias de nosso *corpus* que utilizaram fotografias na sua composição genérica.

Nos jornais impressos, a utilização de apenas uma foto de cada candidato é mais recorrente. Essa simetria constante colabora para a manutenção do *ethos* de sério do jornal, que acompanha uma imagem de

credibilidade ao dar o mesmo espaço para ambos os candidatos. Essas escolhas são orientadas por questões diversas, que só podem ser apreendidas a partir da análise do conjunto composto pela página do jornal. Isoladas, como apresentamos acima, as figuras 9, 10 e 11 não dizem muita coisa, porque perdem a força do conjunto que se manifesta na página. Porém, elas mostram tanto uma simetria da prática jornalística quanto os mecanismos de escolhas que refletem o *ethos* do jornal.

Dessa forma, ao serem inseridas dentro da página que compõe a notícia, essas fotografias nos permitem levantar o mesmo questionamento que levantamos em relação às escolhas dos enunciados destacados: Por que essas imagens e não outras? Certamente o jornalista, ou o responsável pela elaboração da página, que se utiliza da gravação do debate para escolher uma imagem ou as escolhe entre as que foram fotografadas por um profissional, teve outras e múltiplas escolhas. No nosso *corpus*, as imagens priorizam, sempre, o rosto e as mãos dos candidatos.

Esses dois elementos, rosto e mãos, aproximam a construção da notícia ao evento do debate político-televisivo, seja pelo rosto que indica as faces dos políticos que participaram do debate, fonte responsabilizada pelos enunciados retomados pelos jornais; seja pelas mãos que indicam e reforçam determinada força verbal, ou mesmo agressividade, durante o debate, pelo movimento corporal que sugerem. As mãos indicam certa ênfase sobre aquilo que se fala, características impossíveis de serem transmitidas por uma fotografia que não agrupe essas expressões. O embate fica caracterizado em fotografias como as das figuras 5 e 11, formas mais recorrentes em nosso *corpus*. Mãos e rosto parecem evidenciar as características destacáveis das fotos que figuram nas notícias.

Contudo, observamos algumas ocorrências de escolhas que contrariam essa lógica. Embora exista uma fotografia para cada candidato, elas não os apresentam em posição de debate, se considerarmos a tradição relacionada à discussão e à força argumentativa. Isso pode ser observado nas fotografias das figuras 9 e 10, em que Dilma Rousseff e Aécio Neves, respectivamente,

não agrupam as características de alguém que debate. Na figura 9, Dilma não parece estar em posição de debate, já Aécio sim. O contrário acontece na figura 10, em que o candidato AN aparenta um ar calmo, tranquilo; enquanto DR parece estar mais agressiva, como quem se expressa de forma mais acentuada, forte.

O dispositivo das fotos é o responsável por criar esse antagonismo entre os participantes, porque um deles, em cada uma das imagens em tela, não tem o corpo de quem está debatendo, não parece interagir com a outra pessoa. Esses contrastes apresentam imagens totalmente fora do contexto, artificiais, em que os políticos não parecem interagir, ao mesmo tempo que podem sugerir calma e tranquilidade por parte de um deles em cada uma das figuras 9 e 10. Essas são leituras possíveis, se considerarmos o contexto. Contudo, apenas pelo dispositivo icônico, a fotografia, não é possível perceber que há um debate, o conjunto de fotografias da figura 9 e o conjunto das fotografias da figura 10 estão em desacordo, criando esse antagonismo.

Fotografias como essas nos permitem questionar a aparente simetria de exposição dos rostos dos candidatos e as escolhas realizadas em virtude de condicionar uma interpretação. A mesma situação acontece com as mãos. Cumpre ressaltar que há apenas três ocorrências de imagens em destaque que contemplam todo o corpo dos candidatos: uma ocorrência no jornal GP (15 out. 2014), EM (15 out. 2014, figura 15); e outra no jornal ES (20 out. 2014).



Figura 12 - Fotografia de corpo dos candidatos
Fonte: EM (15 out. 2014).

Tudo é realizado de forma a criar um efeito de simetria, que evidencia uma hierarquia de diferentes *ethé*: o *ethos* de imparcialidade do jornalista, atrás do artigo jornalístico, que precisa estar em evidência, precisa se justificar; o *ethos* do jornal, que também pela simetria apregoa a isenção naquilo que publica e que regula o fazer do jornalista; o *ethos* dos candidatos, apagado em sua singularidade, conforme veremos no próximo tópico. É como se essas escolhas padronizadas dissessem para seus leitores ‘vejam, não somos partidários, somos neutros porque damos o mesmo espaço na matéria para ambos os candidatos’.

Obviamente, a noção de *ethos* de marca sobre a qual vimos falando não se relaciona apenas com as escolhas fotográficas que compõem as notícias. Outras características visuais e verbais, relacionadas à disposição da página, aos títulos, à construção da notícia, às rubricas e os nomes de páginas, o formato do jornal e a qualidade das imagens (e da impressão, no caso da versão impressa), além de outros elementos gráficos que compõem a página (quadros, figuras, símbolos, outros gêneros que são inseridos no mesmo espaço que a notícia) também reforçam a ideia de um *ethos* de marca. O jornal passa a ser reconhecido por suas escolhas e por aquilo que produz em bloco, pela maneira como coloca em circulação discursos verbais e icônicos.

Já que o debate dentro do jornal não é o debate real, essas escolhas gráficas têm papel importante na construção de uma cenografia iconoverbal⁸³, que se estabelece harmoniosamente no conjunto da página. A cenografia do jornal impresso parece estar bastante presa à cena genérica, com limites bastante aparentes, que reforçam a identificação do leitor à marca e ao gênero notícia. Isso se complica quando adentramos o jornalismo *online*, em que parecem figurar em primeiro plano a cena englobante e a cenografia. Trataremos sobre esse assunto no próximo tópico. Antes, especificaremos o apagamento do *ethos* dos candidatos submetidos na hierarquia estabelecida pelo jornal ao narrar os debates.

⁸³ Esse termo será especificado no próximo tópico.

5.2.4 O apagamento do *ethos* dos candidatos

Os três subtópicos que apresentamos anteriormente nos ajudam a pensar o *ethos* de marca como uma construção discursiva, de uma entidade coletiva, que perpassa diferentes dispositivos. Dentro de uma hierarquia estabelecida na enunciação, o *ethos* de marca se sobrepõe e afeta os demais, realizando uma sistematização, uma convergência entre eles.

Por mais que o jornal se esforce para marcar a presença do jornalista e dar o mesmo espaço aos candidatos na construção da cena visual, que compreende as cenografias iconovisual e verbal, percebemos que o *ethos* de marca aparece sempre em posição de evidência, mesmo quando os demais estão em concorrência. Nesse processo, as imagens dos candidatos são aquelas representadas pelo jornalista, que as seleciona a partir de fotografias e excertos de falas que respondem a um padrão. Por sua vez, o jornalista não cria essas regras, mas se submete àquelas que determinam sua prática a partir do *ethos* do jornal.



Figura 13 – Página do jornal OG
Fonte: ES (20 out. 2014).



Figura 14 – Página do jornal EM
Fonte: EM (20 out. 2014).

Assim como na figura 5, apresentada anteriormente, as fotografias que compõem as páginas dos jornais nas figuras 13 e 14 mostram os candidatos de

forma parecida (rosto, mãos) com as mesmas características (como quem fala ao outro), e em posição de debate. Dessa forma, o leitor que se depara com as páginas desses jornais não consegue identificar diferenças entre o *ethos* de um candidato e do outro, porque essas diferenças são apagadas. A simetria condicionada pelo *ethos* do jornal, que é dominante hierarquicamente, apaga totalmente as diferenças existentes entre Dilma e Aécio, diferenças que são tão fortemente exploradas pelos candidatos durante os debates, como vimos nas produções de sobreasseverações realizadas por eles durante suas falas.

Na hierarquia que se estabelece nos jornais, o *ethos* de marca apaga o *ethos* dos candidatos ao padronizar e simetrizar as características que definem o que será inserido na página do jornal. Esse apagamento do *ethos* dos atores políticos reafirma o *ethos* de marca e, sendo assim, reafirma que o dispositivo jornalístico está num lugar neutro, entre o candidato e o público, nas representações que produz.

Há, como temos percebido ao longo dessa pesquisa, um esforço constante do jornal em parecer sério, de não dar mais ou menos condições para um ou outro candidato, mais ou menos espaço. As mídias realizam, dessa forma, um trabalho constante a fim de produzir efeitos de neutralidade, de objetividade, de seriedade nas produções de notícias que relatam os debates.

5.3 Os Títulos dos jornais

Vimos anteriormente que o nome do jornal compreende uma totalidade que se mostra por meio de um *ethos* de marca. Para Mouillaud e Porto (2012, p. 107), “[...] o nome-de-jornal é um título que designa todos seus enunciados e que os identifica à maneira de uma pressuposição”. Ao mesmo tempo em que designa uma assinatura, o *ethos* de marca sinaliza também um conjunto de práticas que permite ao jornal ser reconhecido em bloco.

Nesta seção, interessamo-nos pelos títulos propriamente ditos, aqueles que figuram em lugar de destaque nas páginas internas e externas dos jornais

(no caso do material impresso) ou na página inicial do portal de notícias e em páginas que são ramificações desta. Nas duas modalidades, podemos conjugar, de forma geral, duas variantes de títulos: os abertos e os fechados.

A oposição aberto/fechado está conjugada com a oposição topológica externo/interno. As páginas externas do jornal são suas páginas sensíveis. Constituem, de alguma maneira, uma membrana do jornal, que é sua membrana com o mundo exterior. [...] Já as páginas internas representam o coração do jornal, em que os itens só chegam após terem sido filtrados e classificados pelos títulos-assuntos (MOUILLAUD; PORTO, 2012, p. 117).

Embora a distinção entre aberto/fechado, externo/interno tenha sido objeto de análise, especificamente, em jornais impressos franceses por Mouillaud, essa noção pode ser facilmente aproximada do material impresso e *online* brasileiros, desde que sejam consideradas as especificidades da plataforma onde a página da *web* é inserida. Sobre a distinção, os títulos das páginas iniciais são considerados abertos porque são mais amplos; não estão, necessariamente, ancorados em um texto-fonte (não são citações); e normalmente compõem um conjunto de ocorrências na página inicial do jornal ou na página inicial do portal de notícias do jornal. Os títulos fechados, por sua vez, figuram nas páginas internas do material impresso e em páginas que são acessadas por meio de *hiperlinks*. São considerados mais específicos, dada a proximidade entre eles e o texto a que se referem. Em ambos os casos, são enunciados colocados em destaque, que podem ou não retomar enunciados destacados, na página do jornal.

Como nosso material de análise privilegia as páginas onde são apresentadas as notícias, interessa-nos observar, empiricamente, a produção do título interno ao jornal, aquele que se apresenta como um título-assunto, que pretende cobrir toda a página (MOUILLAUD; PORTO, 2012), analisando suas especificidades como produto do discurso jornalístico.

O título midiático funciona no centro de um microsistema enunciativo que os profissionais designam por 'preparação': título principal, subtítulo, sobretítulo e chapéu (resumo do

artigo). Os jornais utilizam essa combinação de enunciados de maneiras variadas, e notamos que a utilização simultânea do sobretítulo e do subtítulo caiu em desuso, tanto na mídia impressa quanto na mídia web (RINGOOT, 2014, p. 88, tradução nossa)⁸⁴.

Embora os usos dessas combinações tenham caído em desuso, o título midiático por si só continua sendo um elemento essencial na construção cenográfica da página dos jornais e do gênero notícia. Para que possamos prosseguir na análise, apresentaremos a seguir algumas das ocorrências retiradas de nosso *corpus*:

Tabela 3 – Título das notícias impressas e *online*

JORNAL	MOD	TÍTULO
FS	IMP	Acusação de corrupção e nepotismo acirram debate
	ON	Acusações de corrupção, nepotismo e mentiras acirram debate do 2º turno
ES	IMP	FRENTE A FRENTE, CANDIDATOS TRAVAM GUERRA DE GESTÕES
	ON	Frente a frente, candidatos travam guerra de gestões
OG	IMP	Um tom acima
	ON	Aécio chama Dilma de leviana e é acusado de nepotismo em debate na TV
CB	IMP	Ânimos acirrados no 1º duelo
	ON	Aécio critica “discurso do medo” de Dilma sobre política econômica
GP	IMP	Troca de acusações e guerra de números marcam debate entre Dilma e Aécio
	ON	Troca de acusações e guerra de números marcam debate entre Dilma e Aécio
EM	IMP	AÉCIO E DILMA ABREM DEBATES EM CLIMA TENSO
	ON	Aécio e Dilma abrem debates do segundo turno em clima tenso

Fonte: Os jornais (15 out. 2014). Elaboração própria.

⁸⁴ "Le titre de presse fonctionne au sein d'un microsysteme énonciatif que les professionnels désignent par « l'habillage » : titre principal, surtitre, sous-titre et chapô (résumé d'article). Les journaux utilisent cette combinaison d'énoncés de manière variable et l'on note que l'utilisation simultanée du surtitre et du sous-titre est tombée en désuétude, en presse imprimée comme en presse web".

A tabela 3 representa os títulos de todos os jornais que compõem nosso *corpus*, publicados no dia 15 de outubro de 2014, nas modalidades (MOD) impressa (IMP) e *online* (ON). É importante esclarecer que as características formais de apresentação dos títulos do jornal se repetem, o que corrobora nossa leitura em relação à repetição de uma prática que permite ao jornal ser reconhecido por uma marca.

A primeira delas corresponde à síntese das notícias de jornais impressos em relação aos títulos dos jornais *online*. Conforme admitem Mouillaud e Porto (2012), Calabrese (2013) e Ringoot (2014), a síntese dos títulos dos jornais está relacionada ao espaço que a eles é destinado nessa modalidade.

Na imprensa escrita, o acontecimento surge no título, espaço de nominalização por excelência. É aqui que ele é apresentado aos leitores, produzido segundo a economia linguística própria das mídias escritas e legitimado enquanto informação da atualidade. É ainda, nesse lugar de grande visibilidade, que o acontecimento, que nós desconhecemos e ao qual não temos acesso direto, se apresenta a nós como um 'já lá', segundo uma lógica de evidência (CALABRESE, 2013, p. 101, tradução nossa)⁸⁵.

A fragmentação e a economia dos títulos (seu encurtamento) são tendências. A depender da disposição da página, ou dos demais elementos que a compõem, esse espaço será maior ou menor. Em geral, o título é um enunciado curto e generalizante. Apenas os jornais *Estadão* e *Estado de Minas* grafam os títulos com letras maiúsculas nas notícias impressas. Em nenhum deles há a ocorrência de letras maiúsculas nos títulos da modalidade *online*.

O formato de letra (maiúsculo e minúsculo) não marca uma gradação em si, e sim corresponde a características específicas da composição dos títulos

⁸⁵ "Dans la presse écrite, l'évènement surgit dans le titre, espace de nomination par excellence. C'est là qu'il est présenté aux lecteurs, qu'il est nommé selon l'économie linguistique propre aux médias écrits et qu'il est légitimé en tant qu'information d'actualité. C'est encore à cet endroit de grande visibilité que l'évènement, que nous méconnaissons, auquel nous n'avons pas d'accès direct, se présente à nous comme un « déjà-là », dans une logique de l'évidence".

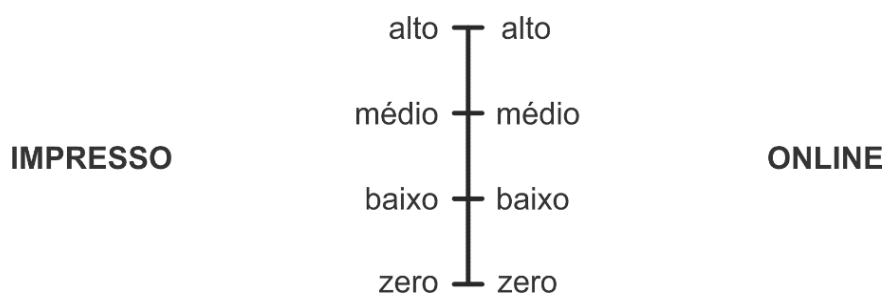
em cada uma das duas modalidades. Enquanto na notícia impressa o título pode se apresentar em sua totalidade maiúscula ou minúscula, dando maior destaque a ele em sua forma maiúscula, nas notícias *online* há tão somente a utilização da forma minúscula. Em ambiente web, a letra maiúscula costuma ser associada a um tom de exaltação, nervosismo, grito, o que pode justificar a rejeição desse uso.

É importante dizer que essa característica de colocar o enunciado em letras maiúsculas na notícia *online* funciona sempre relacionada a um dos níveis que apresentaremos logo a seguir, no esquema 4.

Ainda em relação aos títulos, as únicas ocorrências em que eles se repetem exatamente nas duas modalidades impressas e *online* das notícias pertencem ao jornal *Gazeta do Povo*, respectivamente nas edições de 15 e 25 de agosto de 2014.

5.3.1 As diferenças entre os títulos das modalidades impressa e *online*

Nos exemplos da tabela 3, foi possível observar que há diferenças de níveis diversos entre os títulos que relatam o mesmo acontecimento, o debate político-televisivo. Isso se repete nos títulos de todas as notícias que compreendem nosso *corpus*, como é possível observar nas tabelas disponíveis no Anexo A. Acreditamos, nesse sentido, que podemos falar em níveis de alteração entre as duas modalidades. Para que possamos caminhar nesse sentido, elaboramos o esquema 4, que será apresentado a seguir.



Esquema 4 – Nível de diferença entre os títulos dos jornais impressos e *online*
Fonte: Elaboração própria.

O esquema acima corresponde ao resultado das observações realizadas por nós nos títulos das 48 notícias que compreendem nosso *corpus*. Nele, as diferenças entre as modalidades foram classificadas em níveis zero, baixo, médio e alto. Esses níveis correspondem, cada qual, aos seguintes critérios:

- a) Zero alteração: as modalidades impressas e *online* são idênticas, como no caso da *Gazeta do Povo*.
- b) Baixa alteração: acréscimo de uma ou duas palavras na versão *online* do título (a depender da extensão do enunciado), como pode ser no exemplo da FS, em que há o acréscimo de ‘e mentiras’ e ‘2º turno’ (tabela 3) em relação ao título da versão impressa.
- c) Média alteração: A depender do tamanho, aproximadamente metade do título da notícia impressa é modificada na versão *online*, como o enunciado, exemplificaremos esse nível logo a diante.
- d) Alta alteração: em que o título das modalidades de notícias impressas e *online* são muito diferentes ou completamente destoantes, como os exemplos dos jornais OG e CB.

Dentre esses níveis, a modalidade ‘média alteração’ talvez seja a de maior dificuldade de definição. Como oscila entre os níveis baixo e alto, outras características como o sentido do enunciado podem ser consideradas para esse enquadramento, como o nível informacional do acréscimo ou mesmo seu conteúdo. Exemplo disso é a classificação do título do jornal FS (15 out. 2014): “Acusações de corrupção, nepotismo e mentiras acirram debate do 2º turno”. Embora o título da versão *online* tenha duas inserções, ‘e mentiras’ e ‘2º turno’, o que poderia classificá-lo como nível baixo, acreditamos que a primeira inserção ‘e mentira’ altera de forma considerável o nível informacional do título em relação a sua modalidade impressa.

Reconhecemos a dificuldade que uma análise baseada em níveis pode apresentar, mas essa qualificação parece ser necessária para que possamos

adentrar o *corpus* em situações nas quais possam interessar enunciados mais ou menos modificados entre uma e outra modalidade.

Outra questão recorrente nos títulos corresponde ao tempo presente marcado em todas as notícias.

As mídias têm como tarefa dar conta de acontecimentos que se situam numa co-temporalidade enunciativa. Por isso, devem tentar aproximar ao máximo os dois momentos opostos na cadeia temporal: *instante do surgimento do acontecimento* > instante da produção midiática > instante da saída do produto midiático > *instante do consumo da notícia* (CHARAUDEAU, 2012, p. 133, grifos do autor).

Por mais que se refira a um evento no passado (o debate político-televisivo), o jornal não apresenta seus títulos nesse tempo. Pelo contrário, no instante de consumo eles são transformados em tempo presente. Trata-se do tempo do jornal: “enquanto o enunciado de base é um acontecimento pontual, datado na história, o título interpreta-o como um presente [...]” (MOUILLAUD; PORTO, 2012, p. 129).

Essas questões relacionadas à forma, ao formato dos títulos e ao tempo do jornal são recorrentes e têm sido examinadas por estudiosos diversos. Para nós, há duas questões particularmente interessantes. A primeira delas diz respeito à ausência de enunciados destacados nas ocorrências de nosso *corpus*. Embora esse uso seja recorrente em títulos de jornais, nas notícias que compreendem nosso *corpus* não há enunciados destacados, não há a retomada de falas. O porquê dessa recusa será nosso objeto de análise ainda neste capítulo⁸⁶. A segunda questão corresponde à tensão existente entre o título e seu conteúdo, a notícia; o título e o evento que relata, o debate político-televisivo. Essa dupla tensão revela uma dupla função discursiva para esse dispositivo verbal e será nosso objeto de análise a seguir.

⁸⁶ Cf. item 5.3.3.

5.3.2 Uma dupla função

Tratamos do aspecto formal do título ao observar alterações que representam inclusões de palavras, mais ou menos acentuadas, ao confrontar modalidades escritas e modalidades *online* dos jornais em tela; e ainda alterações que representam alto grau ou total alteração entre as modalidades. Toda a complexidade que envolve a elaboração do título, responsabilidade que na prática jornalística não é apenas imputada ao jornalista, mas também ao responsável pela diagramação dos elementos na página, revela que esse dispositivo tem papel relevante dentro do contexto de produção desse gênero, seja ele impresso ou *online*. Sua composição vai além de escolhas relacionadas à tipografia da página.

No âmbito discursivo, as alterações entre as modalidades podem ter impactos bastante distintos no que se refere à cenografia da notícia. A cenografia do jornal impresso é mais fechada, e estabelece uma coerência maior entre o texto noticioso e seu título. A cenografia do jornal *online*, mais aberta, se reestabelece em uma concorrência frequente de outros textos, outros gêneros, e outros títulos que são verdadeiros acessos a outras notícias, outros gêneros, outras páginas e etc., como vimos anteriormente.

Para nós, é interessante observar a relação existente entre o título e seu texto noticioso, o título e aquilo que relata. Dessa forma, o título parece ter uma dupla função: i. internamente, no âmbito restrito ao gênero, participa da composição da cenografia da notícia, indicando, através de elementos mínimos (escolhas lexicais, tempo verbal, etc.) a cenografia que orienta a produção textual da notícia (texto, imagens, ícones); ii. externamente, no âmbito das relações de irradiação, que resgata um centro genérico onde o título mantém relação dialógica com o debate, é um simulacro que recenografa essa enunciação. Esses dois processos, de cenografar a notícia e recenografar os debates, são inseparáveis da produção do gênero notícia.

5.3.2.1 Cenografar a notícia

Dissemos anteriormente que o título é um componente da cena visual da página do jornal. Neste momento, interessa-nos observar as questões relacionadas ao título e à construção da cenografia no âmbito interno do texto noticioso. As figuras 5 e 6 do jornal FS, apresentadas anteriormente, e as figuras 15 e 16 do jornal EM correspondem, respectivamente, ao par de notícias publicadas nas versões impressa e *online* desses jornais. Vimos que a cena visual do jornal é caracterizada por toda a disposição dos elementos na página (conteúdos visual e iconoverbal). O título, nesse todo, pode ser considerado como um elemento que direciona a leitura dessa cena visual, em um primeiro momento. Ao se separar com a página do FS (figura 5), ou no jornal EM (figura 15), o leitor se depara com um bloco, interpretado por ele a partir da compreensão do título produzido pelo jornal.



Figura 15 – Página do jornal EM
Fonte: EM (15 out. 2014).



Figura 16 – Página do jornal EM
Fonte: EM (25 out. 2014).

Se analisarmos apenas o plano visual de todas as fotografias, como as das figuras 15 e 16, sem essa ancoragem textual dos títulos, fica difícil pensar a forma como os leitores compreendem essas produções, assim como a partir de que interpretação e de que ponto de vista o jornal relata o debate. No conjunto de todos os elementos que compõem a página de jornal, onde a notícia é inserida, o título parece ser o canal de entrada à cenografia construída pelo veículo de informação.

Não negamos o papel da rubrica, que se apresenta em destaque no topo das páginas em tela. Presente tanto nas modalidades impressas quanto nas modalidades *online* dos jornais, elas têm a função de separar os conteúdos do jornal, tematizá-los e contextualizá-los em relação àquilo que se informa na página ou nas páginas. Contudo, é a partir da leitura dos títulos que todo o agrupamento da página faz sentido, quer seja a rubrica, a disposição dos candidatos nas fotografias, a leitura dos enunciados verbais e icônicos postos em destaques (olhos, citações, aforizações, imagem da cabeça dos candidatos, ícones, etc.) apresentam harmonia de sentido entre si. Dessa forma, acreditamos que o título tem papel fundamental na construção da cenografia visual do jornal impresso, pois cada jornal, a sua maneira, o constrói no sentido de dar uma compreensão global do que ali é apresentado ao leitor.

Essa relação título-todo da notícia impressa se perde no espaço *online*, onde ele se apresenta como um segmento voltado para a notícia. O suporte do jornal impresso possibilita a harmonia entre todos os elementos da página; já no suporte *online* (a plataforma), essa simetriação não ocorre. Conforme se observa nos exemplos do jornal FS (figura 6) e do jornal EM (figura 16), exemplos prototípicos de páginas *online* entre os jornais analisados, as informações apresentadas por eles são sucessivas, o todo da página compreende um grande mosaico condicionado a uma leitura vertical (no computador, nos *tablets* e nos *smartphones*) que impossibilita criar um espaço de simetria. Nesse contexto, o título da notícia se mistura a uma infinidade de objetos estáticos e em movimento, além de estar bastante próximo de *hiperlinks*, que também são títulos, direcionados ao leitor a outras e outras

leituras, como falamos anteriormente a respeito da metáfora da árvore informativa.

A coerência da página no jornal impresso perpassa o título de forma direta, a ponto de o todo da cena visual não fazer sentido sem ele. No caso do jornal *online*, essa coerência está relacionada tão somente à notícia e aos *hyperlinks* de mesmo 'assunto', que costumam ser apresentados na página. Isso quer dizer que nem mesmo a rubrica do jornal, indicador de um agrupamento de textos e gêneros que versam sobre um mesmo assunto, é capaz de englobar tematicamente todo o conteúdo apresentado na página.

Nesse sentido, acreditamos que o título possui a capacidade de cenografar toda a página, dar a ela uma cenografia geral que condiciona a leitura de todos os demais elementos dispostos na página do jornal impresso, uma cenografia que engloba o todo da página. Na notícia *online*, por sua vez, essa cenografia é restrita à notícia, que corresponde a um dos elementos da página.

5.3.2.2 Recenografar o debate político-televisivo

Vimos anteriormente que a cenografia construída para a notícia tem influências também na composição da produção de uma cena visual da página do jornal impresso. Isso não acontece com a notícia *online*, pois a cenografia criada pelo título se restringe ao texto noticioso. Em ambos os casos, estamos diante de uma cena em que coocorrem diferentes cenografias, embora seja possível identificar uma dominante entre elas. Nos jornais e nos exemplos que lançamos até agora, os títulos apontam sempre para uma cenografia do relato, que é reforçado pelos elementos que compõem a página e o texto noticioso, em ambas as modalidades, e contribuem para a manutenção do *ethos* de sério do jornal, a partir da premissa de informar sobre o acontecimento social que relatam.

Essa análise interna do gênero é interessante e pode ser completada por uma discussão que já fizemos em Assis e Benites (2014) e Assis (2013),

voltada para a análise dos títulos das notícias dos jornais em sua relação externa ao gênero, já que o jornal não apenas informa, mas também marca seu posicionamento em suas produções. Como relato, a notícia se propõe a narrar os acontecimentos do debate político-televisivo e o faz interpretando toda uma enunciação, operando as escolhas, marcando pontos de vista em relação ao debate. Aparentemente, esse parece ser o efeito discursivo de gêneros avatares, como as notícias, produzidos a partir de um núcleo genérico: traduzir, a partir de uma grelha semântica, o núcleo genérico.

Evidentemente, esse processo pode ou não gerar simulacros. Em Assis e Benites (2014, p. 103), observou-se que os jornais *online*, ao realizarem interpretações do debate político-televisivo nos títulos, “silenciam, incluem, invertem sentidos e modificam contextos, e assumem posicionamentos que se relacionam a um público-leitor específico [...]”. Essas estratégias colaboraram para que os títulos recenografassem os debates político-televisivos. Contudo, os autores elencaram como material de análise notícias *online* produzidas por jornais e revistas que se posicionaram em relação as suas preferências políticas (Ex. *Revistas Veja* e *Carta Capital*). Isso justifica, portanto, as estratégias e as interpretações aparentes utilizadas na encenação do título e das notícias que os autores analisaram.

Contudo, temos como *corpus* nesta pesquisa um grupo de jornais que insistem em uma produção tida como neutra, marcada, sobretudo, pela simetria de suas escolhas na elaboração da notícia. Pode ser que em outros textos no jornal, de cenografias mais opinativas, ou mesmo em outras rubricas, isso não aconteça; mas, no âmbito da apresentação de informações sobre os debates, é notável um esforço constante para produzir um efeito de neutralidade nas produções genéricas das páginas e das notícias de nosso *corpus*.

De qualquer forma, não podemos negar que os títulos, além de cenografar as notícias, também recenografam os debates. Em nosso *corpus* podemos observar esse processo a partir de um enquadramento temático, que direciona a produção da cenografia da notícia, como vimos anteriormente, ao

mesmo tempo que marca a interpretação do jornal a respeito do evento midiático.

O enquadramento envolve, essencialmente, seleção e saliência [de conhecimentos]. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa, inserção nossa)⁸⁷.

Retomando alguns dos exemplos da tabela 3, é possível observar que há nos títulos um enquadramento geral que classifica o debate como disputa. Por si só, esse enquadramento genérico de disputa parece não atribuir ao debate uma interpretação por parte dos jornais, pois o que se espera de um gênero que se propõe a debater ideias envolve comumente uma imagem de disputa entre os candidatos que dele participam. Esse enquadramento, mais amplo, marca um ponto de vista a partir da escolha, mais ou menos específica, de sua referência.

Todos os títulos que compreendem nosso *corpus* correspondem a títulos-referência, que podem ser divididos, conforme Mouillaud e Pontes (2012), por: i.) O título referencial [tr], ou não-informacional, do tipo generalizante e anafórico; ii.) O título informacional [ti], mais específico, apresenta-se em forma de enunciados autônomos. Os exemplos a seguir nos auxiliam a compreender essa diferenciação:

[ti]+[tr]
Frente a frente, candidatos travam **guerra de gestões**
(ES, 14 out. 2014, grifo nosso)

⁸⁷ "Framing essentially involves selection and salience. To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described".

[ti]
Um tom acima
(OG, 14 out. 2014)

[ti]+[tr]
AÉCIO E DILMA ABREM DEBATES EM CLIMA TENSO
(EM, 14 out. 2014)

[ti]
Ânimos acirrados no 1º duelo
(CB, 14 out. 2014)

A partir dessa tipificação proposta Mouillaud e Pontes (2012), é possível observar que os títulos acima:

- a) [ti] requer sempre um determinante (artigo 'Um', em OG) ou um complemento ('no 1º duelo, em CB). Isolado, produz enunciados não verbais, como nos exemplos dos jornais OG e CB.
- b) [tr]+[ti] geram enunciados prototípicos com sujeito, verbo e complemento, (não necessariamente nessa ordem), como nos exemplos do jornais ES e do EM.
- c) [tr] não ocorre sozinho. Isso talvez seja possível em enunciados como as rubricas, que se repetem em cada nova edição do jornal.

Podemos pensar, a partir das três constatações acima, que [tr] e [ti] apresentam, respectivamente, um enquadramento mais ou menos restrito em relação ao evento narrado e em relação à produção genérica da notícia. No título referencial, estamos diante de dêixis fundadoras (MAINGUENEAU, 1997), em que o enquadramento especifica o seu núcleo genérico e o seu avatar de forma generalizante, marcando uma cronografia e uma topografia. No título informacional, essa cronografia também aparece, porém ela vem marcada por um duplo ponto de vista, relacionado ao núcleo genérico e ao avatar produzido pelo texto noticioso. Esses elementos são essenciais para a construção ou reconstrução de uma cenografia.

Nesse sentido, cenografar e recenografar evidenciam-se como processos bastante sofisticados da maquinaria midiática, intimamente relacionada a sua engrenagem, multifacetada; à produção genérica; e ao enquadramento dado pelo jornal em sua produção. Interligada ao núcleo genérico, que lhe dá vida em forma de gênero, esse enquadramento funciona como uma espécie de espinha dorsal que sustenta toda a construção das cenografias visual e iconoverbal nos processos de construção e reconstrução cenográficos.

5.3.3 A ausência de enunciados destacados

Na dupla função do título que apresentamos anteriormente, foi possível observar a relação desses enunciados com o texto e a página do jornal, e com o evento que ele relata. O que também nos chama a atenção nesses títulos é a completa ausência do uso do discurso direto, questão já apresentada no início desta pesquisa, sobre a qual nos debruçaremos neste momento.

Consagrados em fórmulas de discurso direto, como “Disse que” “Para”, “Afirma que”, “Segundo”, ou mesmo sendo apresentados apenas com o uso de elementos gráficos, como as aspas, o travessão, a marca de negrito ou de itálico, a inserção de falas nos títulos costuma ser recorrente nas produções jornalísticas, mais ou menos acentuada a depender do gênero em que se inserem.

Em um título de entrevista ou em uma postagem do Facebook que relate acontecimentos sociais, é muito comum que frases de impacto, normalmente polêmicas envolvendo atores sociais, tomem esse lugar privilegiado no gênero, marcando, além da cenografia, a sua fonte enunciativa. O destacamento de uma fala ou de uma porção de texto para figurar como título, seja esse destacamento forte ou fraco, está relacionado ao fenômeno de destacamento que nos interessa neste trabalho.

Contudo, em todas as 48 notícias que compõem nosso *corpus*, não há, nos títulos, qualquer enunciado destacado dos debates (destacamento forte)

nem qualquer enunciado destacado das notícias (destacamento fraco). Essa ausência nos chamou a atenção, já que esperávamos que os excertos de falas figurassem entre os títulos. Discursivamente, essa ausência nos interessa e significa.

Não se trata de um apagamento, como no caso do *ethos* dos candidatos, mas de uma recusa de utilização de uma estratégia que é bastante disseminada na imprensa contemporânea ao narrar acontecimentos sociais. Essa recusa de uso de falas dos atores políticos nos títulos das notícias em tela parece estar, mais uma vez, relacionada à necessidade do jornal em parecer sério.

Considerando a *mise en scène* da página do jornal, observamos anteriormente que há uma prática recorrente de simetrização e organização do texto jornalístico, a fim de sustentar o *ethos* de imparcialidade que abrange tanto a marca quanto o jornalista. A ausência do uso do discurso direto no título pode estar relacionada a isso. O artigo do jornal possui apenas um título, em um espaço bastante limitado em número de caracteres no jornal impresso; e mesmo no jornal *online*, ele não pode ser muito longo a ponto de ser confundido com um texto. Inserir nesse espaço a fala de um dos atores políticos poderia ir contra toda a sistemática realizada pelo jornal em torno do efeito de simetria, de neutralidade, de seriedade que levantamos até aqui.

Caso os jornais optassem por inserir um enunciado de cada ator político no título, eles poderiam ser acusados de favorecer mais ou menos um dos dois por essas escolhas. Enfim, os jornais parecem se afastar dessa subjetividade imposta pelo uso do discurso direto e, ainda, dos problemas que isso pode representar para a manutenção do seu *ethos* de sério podem justificar alguns dos motivos que levam os jornalistas, ou os responsáveis pela elaboração do título, a rejeitar esse uso. A recusa, nesse caso, é mais uma escolha que insiste em dizer ‘somos democráticos, sérios, neutros’.

Outra explicação possível para essa recusa está relacionada à percepção do uso do discurso direto pelos leitores. Aforizações ou citações constituem o emprego de uma heterogeneidade mostrada, percebida muitas

vezes como algo lacunar, demagógico, não objetivo. O recurso da heterogeneidade constitutiva parece ser mais eficiente nesse sentido, já que uma frase que resume, cenografa a notícia e recenografa o debate, aparenta dar as mesmas condições para os dois candidatos, conseqüentemente aparenta ser mais objetiva, mais séria. Dessa forma, a ausência do uso do discurso direto converge com os efeitos de neutralidade, de objetividade e de seriedade do *ethos* de marca, características sistematicamente presentes em todas as análises que fizemos até aqui.

5.4 Citações e aforizações: níveis de destaque

No capítulo em que tratamos dos modos de controle da irradiação, vimos que os candidatos DR e AN produzem sobreasseverações, de diferentes modos e com certa frequência, em suas falas. Esses enunciados, que agrupam uma força maior em relação aos demais produzidos durante o discurso dos políticos, podem vir a ser bons candidatos ao destaque. Selecionar ou não um enunciado sobreasseverado, que agrupa maior ou menor força dentro de um discurso, é um processo realizado por um terceiro, como o jornalista que se propõe a relatar acontecimentos sociais. Dessa forma, por mais que os candidatos tentem se antecipar a essa prática, nada garante sua eficácia nem o alcance dessa tentativa de controle.

Diferentemente da enunciação clássica, onde quem fala são papéis, facetas de um sujeito (o professor em sala de aula, o jornalista que escreve a notícia, o artista que produz um comercial), e os destinatários são especificados pelo gênero, numa relação simétrica entre locutor e interlocutor, todas essas propriedades são ilusórias nas aforizações. A aforização é acolhida por diferentes gêneros, ou seja, podem compor gêneros variados; é utilizada por diferentes facetas de sujeito e em diferentes situações; e seu interlocutor não é especificado, pois pretende alcançar uma comunidade de valores muito ampla.

Nesse sentido, a aforização é um enunciado que se inscreve além do contexto imediato de uma situação de comunicação. São exemplos os enunciados jurídicos, os filosóficos, os literários, etc., que podem ser utilizados em contextos bastante diferentes daqueles que originalmente foram empregados. A aforização é, antes de tudo, uma consciência que extrapola seu contexto de produção.

Dessa forma, produzir enunciados aforizantes não é tarefa fácil, e essa legitimação só acontece a partir de uma enunciação primeira, onde o enunciado é produzido, acumulada com o reconhecimento desse enunciado por terceiros, que o utilizam como fonte para inúmeras retomadas. Por mais que se esforcem em generalizar e atribuir características destacáveis aos seus enunciados, os candidatos produzem poucos enunciados prototipicamente aforizantes. Vejamos alguns exemplos de destacamentos fortes das falas dos políticos, retomados dos debates e inseridos nas páginas dos jornais em forma de olhos, para que possamos nos aprofundar nessa questão.



Figura 17 - Destacamento
Fonte: FS (15 out. 2014).



“O seu irmão foi nomeado pelo prefeito Fernando Pimentel no dia 20 de setembro de 2003 e nunca apareceu para trabalhar”

Aécio Neves

“Todo dia tem gente morrendo quando o motorista dirige embriagado. Ninguém pode ficar sem sofrer as consequências de dirigir drogado ou bêbado”

Dilma Rousseff

Figura 18 - Destacamento
Fonte: OG (17 out. 2014).



Pela primeira vez na sua história, o Brasil saiu do Mapa da Fome, reconhecido pela ONU. A classe média no Brasil cresceu de forma expressiva”



Triste de um país onde um presidente manda investigar. Isso funcionaria em ditaduras amigas de seu governo”

Figura 19 - Destacamento
Fonte: EM (20 out. 2014)

Os exemplos das figuras 17, 18 e 19 são de enunciados que foram destacados pelos jornais de modalidade impressa para compor a página do jornal, onde é inserida a notícia. Prática bastante corriqueira, esses enunciados são colocados em destaque nos jornais de diferentes formas⁸⁸. Todos eles marcam as entradas com aspas, responsabilizando os candidatos pelas falas inseridas em suas páginas.

Na figura 17, exemplo retomado de FS, os enunciados destacados têm finalidades diferentes. Dilma fala de si e Aécio critica Dilma, vitimizandose; no exemplo do jornal OG, figura 18, os dois candidatos se criticam; no exemplo do jornal EM, Dilma fala de si e Aécio critica Dilma. Há, como podemos observar, uma recorrência maior de falas que denotam crítica ao outro e construção de uma imagem positiva de si. Essas características foram apontadas por nós como as mais recorrentes nas produções de sobreasseverações de Dilma e de Aécio durante os debates, o que implica, de certa forma, que os candidatos tiveram algum controle em relação àquilo que anteciparam em sobreasseverações.

Mesmo que os candidatos tenham produzido enunciados generalizantes, que poderiam ser retomados e adaptados, os jornais recusam essas produções e retomam, em grande medida, as enunciações mais pessoais e menos amplas. O que existe nos exemplos em tela são enunciados que alternam as falas mais sobreasseveradas pelos candidatos.

Por mais que marquem um posicionamento, estejam empregados fora do corpo da notícia e visualmente próximos às fotografias das imagens (além da pequena cabeça, no caso do jornal FS), características que podem indicar

⁸⁸ No âmbito do jornalismo, esse tipo de destaque é conhecido como “olho”. No caso da notícia, eles podem figurar tanto fora do texto quanto dentro dele, desde que não compreendam o fluxo do texto. Os olhos são enunciados normalmente breves, sobretudo porque figuram em posição de destaque onde o espaço costuma ser limitado. Sua fonte pode ser tanto o texto onde está inserido (o que evidencia um destacamento fraco) quanto de textos externos (o que evidencia um destacamento forte), como acontece com as falas em destaque (figuras 17, 18 e 19) que pertencem a outra enunciação, o debate político televisivo. O uso das aspas, recorrente nesse tipo de enunciado destacado, afasta, ilusoriamente, a possibilidade de o texto não ser exatamente aquele colocado em destaque pelo jornal.

uma certa consciência em relação ao que se relata, os enunciados destacados não são *a priori* aforizantes. Não há a relativização de um tema, tampouco a afirmação de valores para uma comunidade ampla; também não se percebe a produção de um enunciado fortemente generalizante, que possa ser retomado infinitas vezes, por diferentes comunidades e em diferentes gêneros.

Os jornais colocam em destaque citações, que agrupam algumas características destacáveis, mas os enunciados estão ancorados em um 'Eu', que marca o posicionamento específico dos candidatos, enfraquecendo a força aforizante de suas falas, restringindo sua irradiação e circulação fora do texto.

A ausência de enunciados prototipicamente aforizantes nesses destaques é interessante. Uma justificativa possível pode estar relacionada ao ponto de vista que carrega esse tipo de enunciado. Utilizá-los pode sugerir ao leitor que o jornal compartilha do mesmo ponto de vista que o candidato, o que vai na contramão da busca incessante do jornal em se mostrar sério.

Outra justificativa está relacionada à prática do jornalista. Ele se esforça para mostrar que está afastado de qualquer relação com o político; dessa forma, ele parece estar quase obrigado a destacar partes do texto que não foram feitos para serem destacados, mostrando sua independência e afastando-se do conflito que essas escolhas possam suscitar.

Não há aforizações (prototípicas) nas páginas dos jornais em foco e no corpo do texto das notícias. Contudo, esses enunciados em destaque são oriundos de sobreasseverações diversas produzidas pelos candidatos, conforme vimos no capítulo 4. Dessa forma, por mais que os jornalistas rejeitem enunciados mais aforizantes, produzidos por Dilma e Aécio, eles não podem abrir mão dos demais enunciados ao elaborar a página da notícia e o texto noticioso. Esses enunciados, advindos das sobreasseverações, normalmente possuem algumas características aforizantes, mas não todas.

A retomada é fator preponderante dos fenômenos da aforização e da citação. A aforização corresponde à lógica da citação: um enunciado é retirado de seu contexto e inserido em outro, marcando, pelo recurso das aspas, do itálico, do travessão, etc., a distinção entre quem cita e quem é citado. Para

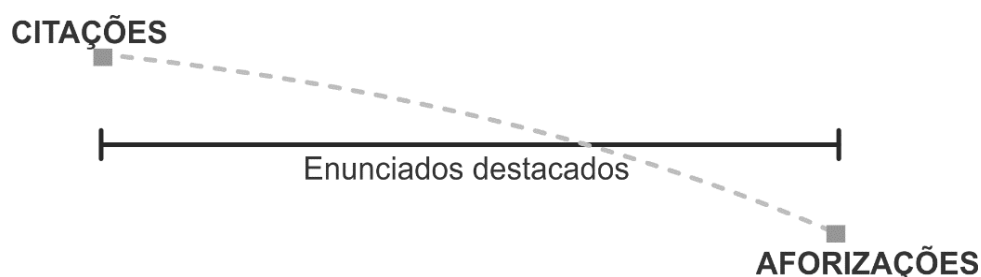
Maingueneau (2008a, p. 83), “a citação está inscrita no funcionamento da máquina midiática”, correspondendo, dessa forma, a uma prática desse campo midiático, e do espaço jornalístico.

Toda aforização se mostra pelo processo de citação, mas nem toda citação é uma aforização. Vimos anteriormente (figuras 17, 18 e 19) que os jornais em tela se utilizam de trechos longos, as vezes sem características destacáveis, com pontos de vista sobre o outro (político) ou sobre si mesmo (autoimagem do político), sem marcar posicionamentos muito genéricos que permitam enfatizar, em sua fala, uma instância maior.

Essas e outras características colaboram para enfraquecer o caráter aforizante de enunciados, ou mesmo extingui-los, ainda que utilizem aspas e sejam empregados por discurso direto em uma lógica de citação. Isso quer dizer que nem todo recorte de texto utilizado para compor uma notícia pode ser considerado aforizante, ainda que retomado em forma de citação.

Mesmo que os atores políticos se esforcem para produzir sobreasseverações que agrupem características aforizantes, os jornais utilizam outros excertos de suas falas que não possuem as mesmas características, tanto para compor a página (figuras 17, 18 e 19) quanto para compor as notícias. Essa constatação é problemática e nos permite pensar em um *continuum* entre citações e aforizações.

O esquema 5 nos ajuda a explicar esse raciocínio:



Esquema 5 – Níveis de destaque – citações e aforizações

Fonte: Elaboração própria.

A linha que compreende os polos 'citação' e 'aforização' só possui um caminho possível, o da citação. Não há, portanto, nesse esquema, uma diferenciação (ou citação ou aforização), pois a citação corresponde a uma característica inerente à aforização, sendo que o contrário não acontece. Isso porque uma citação pode se transformar em aforização, desde que agrupe características necessárias para isso; logo, toda aforização está inscrita em um processo de citação, a partir dele é que um enunciado aforizante toma vida, circula e é empregado em outros textos.

A depender do gênero, a curva entre os polos pode ser mais acentuada para baixo, como acontece em textos filosóficos que possuem uma força maior de irradiação. Maleável, nesse sentido, haverá sempre dois polos que se inter-relacionam em níveis de força e prototipicidade: a citação e a aforização.

Nos debates, por exemplo, a maior parte das sobreasseverações produzidas pelos atores políticos, e que poderiam ser candidatas a se transformar em aforização, são ignoradas pela mídia. Apenas uma pequena parte consegue extrapolar o plano textual do debate e se transformar em aforizações. Nas notícias elas não aparecem, ou são enfraquecidas quando retomadas. Nesse sentido, acreditamos ser possível falar em enunciados mais aforizantes ou menos aforizantes, esses últimos, às vezes, representam tão somente enunciados citados.

No polo das citações, estão os enunciados que não são aforizantes, mas podem trazer alguma característica notável que o impulsiona para o outro polo. Nesse *contínuum*, não podemos desconsiderar o tratamento dado a esses enunciados no processo de destextualização, em que enunciados nada aforizantes podem assumir essas características, assim como enunciados aforizantes podem perder totalmente sua força e ser apresentado como citações.

As alterações de falas, no processo de destacamento, são tão sistematicamente internalizadas na prática de produção da maquinaria midiática que podemos considerá-las como objeto de análise, tal qual faremos

no t3pico a seguir, observando suas recorr3ncias e seu funcionamento na produ33o do discurso jornal3stico.

5.5 A retomada de falas como objeto de an3lise

Antes de apresentar as categorias relacionadas 3s retomadas de falas dos atores pol3ticos na produ33o das not3cias de nosso *corpus*, 3 necess3rio justificar nossas escolhas de an3lise e mostrar alguns n3meros. A retomada de falas que nos interessa acontece de duas maneiras que, embora correspondam 3 l3gica do destacamento e da cita33o, s3o bastante diferentes: a) fora do corpo do texto, em que os enunciados est3o em posi33o de destaque, normalmente pr3ximo 3s fotografias de parte do corpo dos candidatos ou de suas cabe3as; b) no texto noticioso, em que o enunciado 3 inserido no fluxo do texto.

● **Ela disse**
 “Como o senhor quer que eu acredite que, com a mesma receita e o com mesmo cozinheiro (*Arminio Fraga*), v3o entregar um prato diferente? Voc3s gostam de cortar. Cortam empregos e s3l3rio”

O primeiro confronto direto entre os dois candidatos 3 Presid3ncia da Rep3blica no 2.º turno, ontem 3 noite na TV Bandeirantes, mostrou em rede nacional a tentativa de Dilma Rousseff (PT) de expor falhas da gest3o de A3cio Neves (PSDB) no governo de Minas Gerais, enquanto o tucano procurou classificar a petista de “leviana” e de usar “mentiras” para atac3-lo sem reconhecer as “falhas” da administra33o do Pa3s. Com praticamente todo o programa dedicado 3s perguntas e respostas entre os



“Quero responder olhando nos seus olhos. A senhora est3 sendo leviana”, come3ou A3cio na resposta. O tucano afirmou que o Minist3rio P3blico Federal reconheceu a legalidade da obra. A3cio ainda disse que Dilma tinha “a obriga33o de dizer onde minha irm3 trabalha”. “3 mentira atr3s de mentira. A senhora mente para ficar no governo”, afirmou o candidato do PSDB. “Eu terminei meu mandato sem qualquer den3ncia.

Figura 20 – Enunciados, palavras e trechos em destaque
 Fonte: FS (17 out. 2014).

O primeiro destaque, localizado ao lado esquerdo da figura 20, corresponde a uma citação da fala de Dilma, marcado pela lógica do discurso direto, em “Ela disse”, e o uso de aspas na citação. Esses enunciados abrangem a composição da página da notícia, portanto correspondem a sua cenografia. Embora estejam inseridas na página e, a depender do jornal, ocupem maior ou menor destaque, essas citações não fazem parte do texto da notícia.

Na página do jornal FS, apresentada na figura 20, há uma lista de excertos de falas de Dilma do lado esquerdo, e uma lista de citações de Aécio Neves do lado direito (folha dupla). Essas citações fora do corpo do texto noticioso são sempre acompanhadas pela imagem dos atores políticos, reforçando sua ancoragem de fonte e de momento enunciativo de onde elas provêm. Por esses motivos, há uma tendência de que esses enunciados sejam mais generalizantes do que aqueles inseridos no fluxo do texto. De qualquer forma, a forte marcação do ‘Eu’ e a restrição de um grupo específico desestabiliza a possibilidade de uma lógica aforizante, como vimos anteriormente e como veremos nos exemplos das análises. Todos os enunciados destacados que são oriundos de falas dos atores políticos e ocupam lugar de destaque nas páginas dos jornais são citações, com mais ou menos características aforizantes, e nos interessam como objetos de análise.

Convém ressaltar que a cenografia visual do jornal impresso favorece a inserção de enunciados dessa natureza. No ambiente *web*, as citações em destaque nas páginas são mais raras, o que se justifica pelo suporte. Como vimos anteriormente, o suporte do jornal é mais simétrico na modalidade impressa, o que favorece o destacamento de falas fora do texto; e menos simétrico, em forma de mosaico, na plataforma que dá suporte às notícias *online*, o que não favorece o destacamento de texto fora das notícias, onde já existe uma infinidade de outros textos e gêneros.

Em nosso *corpus* que compreende 24 notícias *online*, há apenas duas ocorrências de destacamento de falas fora do texto. Nesses casos, elas compõem as legendas das fotos dos candidatos. Por esse motivo, não será

possível utilizar exemplos de enunciados destacados oriundos das notícias *online*. No material da modalidade impressa do jornal, encontramos 124 ocorrências de enunciados destacados, conforme sintetizamos na tabela 4:

Tabela 4 – Ocorrências de Citações em destaque nos jornais por candidato

	15/10		17/10		20/10		25/10	
	DILMA	AÉCIO	DILMA	AÉCIO	DILMA	AÉCIO	DILMA	AÉCIO
ES	7	6	0	0	4	4	6	5
OG	2	2	1	1	1	1	1	1
CB	2	2	2	2	3	3	1	1
GP	5	5	0	0	1	1	5	5
EM	4	4	2	2	2	2	2	2

Fonte: Elaboração própria.

Por mais que existam diferenças entre os jornais, no que se refere à quantidade de usos de enunciados em destaque, todos eles destacam as falas dos atores políticos fora do corpo da notícia. Esses enunciados não são aforizantes, mas servem aos propósitos específicos do jornal de citar a fala do outro. Eles são citações.

Dentre os jornais, conforme apresentamos na tabela 4, apenas as edições publicadas nos jornais ES e GP, em 17 de outubro de 2014, não apresentaram destacamentos fora do texto. Todas as demais edições desses jornais, assim como todos os demais jornais utilizaram enunciados destacados na composição de suas notícias, o que demonstra regularidade de uso nesse gênero. Em nossa análise, os exemplos utilizados foram marcados como ‘destaque’ após o nome e data do jornal, por exemplo: (FS, 15 out. 2014, destaque).

Na figura 20, ainda há dois outros exemplos de inserção de falas que tocam a estrutura enunciativa e participam da heterogeneidade da produção da

notícia. Trata-se de excertos das falas dos atores políticos que figuram no plano textual do gênero. O destaque de palavras ou expressões não verbais, do lado esquerdo da figura 20, e os excertos do lado direito, ambos marcados com o uso das aspas, são exemplos de recortes das falas dos atores políticos utilizados para a construção do texto noticioso.

No primeiro caso, essa forma marcada de retomada corresponde à autonímia. Em ‘leviana’, ‘mentiras’ e ‘falhas’, apenas os referentes (as palavras) são marcados.

Em análise do discurso, o autônimo caracteriza-se pelo fato de ser uma sequência linguística (um signo constituído por um fonema, por um morfema, por um lexema ou por um sintagma) formalmente idêntica a uma sequência ordinária, mas que tem um comportamento sintático-semântico específico, na medida em que se inscreve em ruptura co-textual em relação ao enunciado que atualiza e porque funciona de maneira auto-referencial (CUSIN-BERCHE, 2008, p. 83).

O segundo caso corresponde à modalização autonímica⁸⁹, em que o enunciado mencionado e marcado compreende o fluxo do texto⁹⁰, como uma modalização reflexiva do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1990). Diferentemente dos casos de autonímia, esse tipo de modalização é

[...] integrado à cadeia discursiva sem ruptura sintática: de estatuto complexo, o elemento mencionado é inscrito na continuidade sintática do discurso ao mesmo tempo que, pelas marcas, que neste caso são redundantes, é remetido ao exterior do texto (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

⁸⁹ Também chamada de conotação autonímica (Authier-Revuz, 1990).

⁹⁰ Maingueneau (2014b) trata desse processo como inserção de aforizações no fio do texto, quando observa a relação paradoxal existente entre a aforização e o texto que a acolhe (texto compreendido como gênero do discurso). Como os textos retomados e inseridos no corpo da notícia não são aforizações prototípicas, optamos pelo uso do termo “autonímia” de Authier-Revuz (1990).

Para nossa análise, apenas as modalizações autonímicas serão utilizadas, já que correspondem a enunciados completos (do ponto de vista gramatical, possuem sujeito, verbo e complemento; do ponto de vista enunciativo, instituem um eu, um tu, um este, um aqui, um agora) retomados e empregados no fio do texto, remetidos ao outro (os políticos) pelo uso de marcadores diversos. No corpo do texto, a inserção de falas é marcada pelo uso de aspas ou de travessão, por meio do discurso direto, já que a estrutura de apresentação dos textos é de uma narração do acontecimento debate político-televisivo.

Em nosso *corpus*, levantamos um total de 330 ocorrências de modalizações autonímicas, sendo 184 das modalidades impressas e 146 das modalidades *online*. Somente uma edição do jornal impresso GP, de 20 de outubro de 2014, não apresentou inserção de modalizações autonímicas no texto. Nos jornais *online*, foram cinco as edições sem esse uso no texto: FS, edição de 17 de outubro de 2014; OG e GP, edições de 17 e 20 de outubro de 2014. Nas demais edições desses jornais, e em todas as outras publicações, há ocorrências das modalizações autonímicas, o que evidencia regularidade na produção genérica.

Como os modos de apresentação desses enunciados são os mesmos nas duas modalidades, os exemplos que retomaremos para as análises serão os das modalidades impressas. Os exemplos de modalizações autonímicas serão marcados como ‘texto’ após o nome e data do jornal, por exemplo: (FS, 15 out. 2014, texto).

5.5.1 Diferenças entre a oralidade e a escrita

Como as notícias (escritas) que nos servem de *corpus* são compostas a partir das falas de atores políticos veiculadas em debates televisivos (orais), não podemos deixar de levantar algumas características que estão envolvidas no *continuum* entre discurso oral e discurso escrito, que correspondem a “[...] duas modalidades de uso da língua, possuindo cada uma delas características

próprias” (KOCH, 2006, p. 43), produzidos em contextos, finalidades e destinatários diferentes. Ao aproximar essas duas modalidades de uso da língua, salienta Charaudeau (2010, p. 71), é importante considerar “[...] se os parceiros estão presentes [...]; se o canal de transmissão é oral ou gráfico; se a troca é permitida ou não”.

Os dois tipos de discursos, oral e escrito, são muito diferentes, tanto em sua natureza quanto em sua produção. Entretanto, não podemos confrontá-los frontalmente, e se parece importante retomar suas diferenças, deve-se fazê-lo, sobretudo, pensando 'as produções orais e escritas [em] um tipo de *continuum* (SANDRÉ, 2013, p. 15, tradução nossa)⁹¹.

Para nossa análise, é importante reconhecer como se dá o processo de saída do texto oral (o debate) e sua chegada no texto escrito (a notícia). Nesse caminho, denominado de destextualização por Maingueneau (2010), os responsáveis pela produção da página da notícia e pelo texto noticioso operam alterações nas falas retomadas que não consistem apenas em adequações entre as modalidades oral e escrita. Por esse motivo, essas modalidades merecem uma distinção, mesmo que a aproximação entre uma e outra seja inevitável.

De acordo com Koch (2006, p. 44), são características da fala: ser contextualizada, o que, em uma reescrita, pode exigir que o contexto seja retomado; possibilitar maior número de implícitos, pois a enunciação face a face permite esse recurso; apresentar redundâncias, com repetições e retomadas constantes; não ser planejada, mas espontânea; ser fragmentada e incompleta; ter predominância do *modus* pragmático (relação entre signos e seus usuários); apresentar pouca densidade informacional, sem muitos referentes, o que lhe atribui baixo grau de informatividade; construir-se

⁹¹ "Les deux types de discours, oral et écrit, sont très différents, tant dans leur nature que dans leur production. Pourtant, on ne peut les opposer frontalement, et s'il paraît importante de rappeler leurs différences, il en ressort qu'il fait surtout penser 'les productions orales et écrites une sorte de continuum".

predominantemente com frases curtas, simples ou coordenadas, com pequena frequência de passivas, poucas nominalizações e menor densidade lexical.

Em uma perspectiva discursiva, a oralidade envolve parceiros em uma interlocução direta (face a face), elaborado instantaneamente (mesmo que seja resquício de escrita) com produção irreversível, e apresenta um sistema de trocas bastante complexo. Multicanal e plurisemiótico,

[...] o oral apresenta um sistema de troca muito completo: a fala é ouvida (podemos perceber os índices paraverbais, por exemplo, a voz, a inflexão, o sotaque, a entonação, as acentuações, as pausas, o fluxo de fala...), podemos, às vezes, ver o locutor (e apreender, dessa forma, todos os índices não verbais, tanto os gestuais quanto os comportamentais), enfim, sempre partilhamos com ele a mesma situação - ou ao menos conhecemos a situação na qual ele fala - podemos, então, compreender as várias referências no ambiente contextual (SANDRÉ, 2013, p. 15, tradução nossa)⁹².

Charaudeau (2010) especifica duas situações diferenciadas que consideramos pertinentes para complementar os dados elencados por Koch (2006) e por Sandré (2013) em relação ao discurso oral: i.) uma situação dialogal, em que os sujeitos estão presentes e há um diálogo entre eles, como acontece em uma conversação; ii.) uma situação monologal, em que a troca não é permitida, como no caso do debate político-televisivo. O interlocutor no debate televisivo não é efetivamente o adversário político, que serve de suporte ao discurso do candidato; mas, sobretudo, o telespectador cujo voto se deseja conquistar, e com o qual a interlocução é impossível.

⁹² “[...] l’oral présente un système d’échange très complet: la parole est entendue (on peut percevoir les indices paraverbaux, i.e. la voix, l’inflexion, l’accent, l’intonation, les accentuations, les pauses, le débit de parole...), on peut parfois voir le locuteur (et saisir ainsi tous les indices non verbaux, tant gestuels que comportementaux), enfin, on partage souvent avec lui la même situation – ou du moins on connaît la situation dans laquelle il parle – on peut donc comprendre les différentes références à l’environnement contextuel”.

Nesse caso, o locutor se encontra numa situação na qual ele não pode perceber imediatamente as reações do interlocutor (pode apenas imaginá-las). Logo, não está 'a mercê' de seu interlocutor e pode organizar o que vai dizer de maneira lógica e progressiva (CHARAUDEAU, 2010, p. 71)

No discurso escrito não há contato direto entre os interlocutores, ou pelo menos ele não é realizado de forma direta como na oralidade dialogal, e sua elaboração discursiva pode ser trabalhada de forma acentuada, até que se chegue a um resultado satisfatório. O texto escrito "[...] deve se contentar apenas com o canal visual e o sistema semiótico verbal. Ele deve compensar essa característica verbalizando os índices paraverbais, não verbais e situacionais" (SANDRÉ, 2013, p. 15, tradução nossa)⁹³.

Para Koch (2006, p. 44), são características da escrita: ser contextualizada; ser mais explícita, condensada e planejada; não se apresentar de forma fragmentada, mas completa; possuir predominância do *modus* sintático (relação entre signos); ter maior densidade informacional; construir-se, predominantemente, com frases complexas, subordinação abundante, emprego frequente de passivas; grande número de nominalizações, o que atribui alto grau de informatividade.

No texto escrito, em que se opera uma retextualização⁹⁴ do dizer oralizado, algumas características específicas da fala (correções, marcadores discursivos, hesitações, interrupções) tendem a ser apagadas, com fins de adequação à prototipicidade do gênero e da modalidade, como veremos nos exemplos da próxima seção.

⁹³ "[...] doit se contenter du seul canal visuel et du seul système sémiotique verbal. Il doit compenser cette caractéristique en verbalisant les indices paraverbaux, non verbaux et situationnels".

⁹⁴ O termo "retextualização" será utilizado nesse trabalho para tratar, especificamente, da transformação de uma produção oral em uma produção escrita (MARCUSCHI, 2010).

Para que possamos dar prosseguimento a nossa análise, acreditamos ser importante esse levantamento de características da oralidade e da escrita, processos corriqueiros e inscritos no funcionamento da maquinaria midiática dos jornais. Como respondem a processos diferentes, a alteração entre uma modalidade e outra pode implicar modificação de sentido. Contudo, as alterações que o jornalista efetua ao retomar as falas dos atores políticos e citá-las na página de jornal vão além dessas adequações, como veremos nos próximos tópicos.

5.6 Modos de alteração da fala

A partir da análise dos enunciados destacados nos jornais, tanto na composição da página como na composição das notícias, foi possível observar que a maior parte das retomadas de falas foram modificadas. As alterações aparecem como prática constante das produções jornalísticas e afetam, em níveis mais ou menos intensos e de formas mais ou menos diversificadas, o sentido das falas proferidas nos debates.

Dentre as alterações, algumas correspondem a adequações entre a oralidade e a escrita, como as características que listamos ao abordar as diferenças entre essas modalidades no *continuum* enunciativo. Mesmo que os discursos nos debates tenham características do texto escrito, no que se refere à linearidade e coesão das apresentações das ideias, ele é apresentado e acompanhado de características de oralidade que não se adequam à escrita jornalística. As adequações entre as modalidades são inevitáveis.

[08]

DR: ~~Acho que~~ o povo brasileiro tem de ter muito medo ~~porque~~ está em questão se vai ou não vai continuar havendo emprego (BAND).

“O povo brasileiro tem que ter muito medo: está em questão se vai ou se não vai continuar tendo emprego”

(CB, 15 out. 2014, destaque)

AN: Candidata , a senhora volta com o discurso do medo. Realmente há medo hoje na sociedade brasileira. Há medo do PT governar por mais quatro anos (BAND).	“A senhora volta com o discurso do medo. Há medo na sociedade brasileira <u>sim</u> , de o PT governar por mais quatro anos” (CB, 15 out. 2014, destaque)
DR: Por isso é que eu digo que o que importa, candidato , quando a gente verifica que o PSDB recebeu propina para esvaziar uma CPI, o que importa, candidato? (UOL).	“O que importa quando a gente verifica que o PSDB recebeu propina para esvaziar uma CPI, o que importa, candidato? ” (FS, 17 out. 2014, texto)
AN: Candidata , não faça isso com os brasileiros. Meu Bolsa Família? Não é seu Bolsa Família [...] (RECORD).	- Não faça isso com os brasileiros. O Bolsa Família? Não é seu – retrucou o tucano [...] (OG, 20 out. 2014, texto).

Os exemplos acima correspondem, via de regra, a alterações efetuadas pelos jornais que tocam especificamente na relação entre língua falada e língua escrita. Neles, a maior ocorrência corresponde ao apagamento de marcas pessoais, advérbios, repetições, modalizações, elementos de coerência utilizados na construção das falas, problemas de regência. Os trechos riscados nas falas dos candidatos (à esquerda) correspondem aos trechos apagados pelos jornais (à direita) ao retomar essas falas. Esse processo de retextualização modifica o texto-fonte utilizado para compor a página da notícia, apagando, como vimos, características da oralidade, transformando o trecho em uma escrita padrão, formal, como é a escrita do jornal.

Todos esses apagamentos produzem enunciados mais objetivos, conseqüentemente mais curtos, buscando reforçar o caráter generalizante de cada um deles. Essa interferência do jornalista na fala que ele relata, efetuando adequações relacionadas à prototipicidade do gênero jornalístico, da modalidade escrita da língua, não chega a alterar o sentido dos enunciados apresentados em [08]. Outro exemplo de alteração que não altera o sentido das falas é o que segue:

[09]

DR: O Bolsa Família não tem nenhum parentesco com os programas sociais dos governos tucanos (BAND).

“O Bolsa Família não tem parentesco nenhum com os programas sociais tucanos” (ES, 15 out. 2014, destaque).

Em [09], podemos observar novamente algumas alterações entre a fala de Dilma e a sua retomada no jornal *O Estado de S. Paulo*. Inicialmente, há uma alteração na ordem de ‘nenhum parentesco’, que é apresentado invertido pelo jornal como ‘parentesco nenhum’. Ainda, há o apagamento de ‘dos governos’ presentes na fala de DR, que sintetiza a expressão apenas com o adjetivo ‘tucano’, dito pela candidata. Esses dois processos de alteração e de apagamento, acumulados, nesse caso, não trazem mudanças de sentido entre o que o jornal destaca e o conteúdo da fala de Dilma.

Os exemplos em [08] e [09] mostram que os jornais alteram os excertos utilizados para compor as notícias ou a página do jornal, mas essas interferências não afetam substancialmente o sentido das falas dos atores políticos. Aparentemente, há certa liberdade do jornalista em efetuar esses tipos de alterações, ao mesmo tempo que há aceitação de que elas sejam executadas na prática jornalística, ancoradas na justificativa de adequação à modalidade escrita, do português padrão, apropriada às notícias e ao jornal.

A partir do momento que extrapolam os limites dos sentidos, essas alterações parecem apresentar um problema. Modificações de diversas ordens (gramaticais, de sentido, de pontos de vista, como veremos a seguir), além das adequações entre a oralidade e a escrita, são realizadas na tentativa de adequar a fala a uma coerência interna do jornal, destoante da coerência das falas nos debates. A maior parte das alterações encontradas no nosso *corpus* não corresponde a adequações simples. Pelo contrário, elas correspondem a modificações que afetam, de forma mais ou menos intensa, o estatuto pragmático das falas, o seu sentido.

Observamos, em nosso *corpus*, quatro diferentes modos de alterações mais recorrentes. São elas: a) alterações que produzem paráfrases imitativas,

em que o jornalista apaga e aproxima trechos da fala para elaborar citações; b) alterações que criam citações, num processo de interpretação e resumo das falas dos políticos; c) alterações de ordem, em que trechos ou sequências de falas são invertidos produzindo citações; d) alterações de silenciamento, que abrangem todas as modalidades anteriores e está presente tanto na exclusão quanto na inclusão de informações nas citações. Especificaremos cada uma delas no tópico a seguir. Antes, é importante ressaltar que os modos de alteração normalmente funcionam simultaneamente, de forma cumulativa.

5.6.1 Alterações de imitação

As alterações realizadas nos enunciados destacadas não ficam apenas nas adequações entre o oral e o escrito. A maior recorrência de citações, quando comparadas ao texto-fonte, sofrem alterações significativas. Exemplo disso são as que seguem:

[10]

DR: Vou continuar nessa questão dos aeroportos. Eu gostaria de saber, candidato, como é que o senhor explica ter construído um aeroporto que na época custava R\$ 13,9 milhões, e que agora custa R\$ 18 milhões a preços de hoje, e que esse aeroporto foi construído num terreno de sua família, num terreno de um tio seu e a chave fica em poder dele, e isso não foi denunciado por mim, foi denunciado pela Folha de S. Paulo. Também gostaria de saber sobre a pavimentação e a sinalização feita no aeroporto de Montezuma, em que também, coincidentemente, é uma obra do Governo do Estado de Minas, e surpreendentemente quem tem uma agropecuária lá é o senhor e suas irmãs. Eu não acho, candidato, isso nada moral nem ético (BAND).

“Como o senhor explica a construção do aeroporto de Cláudio, MG, na fazenda de um tio seu?” (FS, 15 out. 2014, destaque).

“Como o senhor construiu um aeroporto no terreno de sua família, e a chave fica com o seu tio? Não acho isso nada moral e nada ético” (ES, 15 out. 2014, destaque).

Em seguida, citou o Aeroporto de Cláudio:

- Como o senhor explica ter construído um aeroporto que na época custava R\$ 13,9 milhões e agora custa R\$18 milhões? E foi construído em terreno de sua família, no terreno do seu tio e a chave fica em poder dele? Eu não acho isso nada moral e nem ético. (OG, 15 out. 2014, texto).

A fala de DR tem um tom de acusação em relação à postura do candidato AN. Cada jornal, nos excertos apresentados em [10], recortou do trecho de fala da candidata partes diferentes, juntando-as e produzindo paráfrases⁹⁵ que se distanciam bastante do conteúdo apresentado por DR, já que operam apagamentos significativos para a compreensão da sua fala.

Na construção das paráfrases, o apagamento de informações realizado por FS, ao selecionar e destacar a fala de Dilma, é o mais evidente. Nele, utiliza-se o questionamento realizado pela candidata para produzir, a partir do conjunto de sua fala, uma pergunta que Dilma não elaborou como tal. A pergunta de Dilma, no texto-fonte, é acompanhada de especificações que a enriquecem no seu nível informacional. Essas informações são apagadas pelo jornal, que as sintetiza entre aspas.

Acontece o mesmo com o ES, embora seja acrescentada à citação uma informação sobre quem possuía a chave do aeroporto, 'o seu tio'. O apagamento ainda é grande, e o texto também é apresentado entre aspas. Em OG, o trecho é inserido no corpo do texto, marcado com o uso de travessão. Nesse recorte, há ainda mais informações do que os anteriores, como por exemplo o custo da obra do aeroporto questionado pela candidata. Contudo, ainda há informações não retomadas.

Embora todos os jornais deem destaque ao tema levantado por DR a respeito da construção do aeroporto em Cláudio-MG, a crítica de sua fala recai sobre duas obras, e não apenas uma, construídas em terras de parentes de AN em Minas: obra de Cláudio, referente à construção do aeroporto; a de Montezuma, referente à pavimentação e sinalização realizada no aeroporto.

⁹⁵ O termo paráfrase é empregado aqui de acordo com Fuchs (1994), que a considera como um processo de reformulação de um texto fonte (T), a partir de substituições que produzem um texto segundo (T'). Para a autora, muitos tipos de situação discursivas podem evidenciar práticas parafrásticas "à visée imitative" [de visada imitativa]: imitação do texto do outro (T) que pode chegar a níveis bastante extremos de reformulação (T1), tal como empregado na técnica do pastiche (FUCHS, 1994, p. 11-12). Nossa referência à paráfrase imitativa está relacionada à proposta dessa autora, que trata o texto reformulado como uma imitação (modificado em níveis bastante intensos) a partir recortes ou sínteses acentuadas, conforme veremos nas análises.

Criar um efeito de recorrência nesse de acusação é importante para o candidato que quer construir uma imagem negativa do outro, e Dilma o faz produzindo uma sobreasseveração, ao final de sua fala, bastante crítica. Contudo, os jornais se recusaram a retomar as informações de Mantezuma, dando destaque tão somente à obra de Cláudio.

Isso pode estar relacionado a dois fatores. Construir um aeroporto em terra de parentes é aparentemente mais grave e agressivo aos cofres públicos e à imagem de sério de AN do que pavimentar e sinalizar um aeroporto já construído. Também, houve uma grande repercussão na mídia sobre a construção do aeroporto de Cláudio, que explorou à exaustão essa informação a partir de uma acusação realizada pelo jornal FS, algum tempo antes das eleições. Há, socialmente, portanto, uma memória recente dessa acusação que é rapidamente reconhecida pelos leitores.

A construção de paráfrases como as dos exemplos apresentados em [10] são problemáticas porque sintetizam muito o dizer de Dilma, em poucas palavras nos dois primeiros casos, apagando informações que a candidata julgou relevantes durante sua fala, as quais intensificam o tom crítico do seu discurso. Além disso, os jornais em tela atribuem à candidata o estatuto de enunciadora de uma fala que ela não produziu como tal. Embora não tenha conseguido que todo seu discurso passasse pelo filtro do jornal e se tornasse objeto na construção da notícia, a sua fala tomou corpo, mesmo transformada, nesse processo e foi objeto de retomada de três jornais de grande circulação nacional.

Vejamos mais um exemplo:

[11]

AN: Candidata, a senhora está com a obrigação agora de dizer aonde a minha irmã trabalha. Não pode, candidata, fazer uma campanha com tantas inverdades, é mentira atrás de mentira, a sua propaganda é só

“A senhora tem a obrigação agora de dizer onde minha irmã trabalha. Sua propaganda é uma mentira. A senhora mente aos brasileiros [...] A senhora deixa o governo num mar de lama.” (FS, 15 out. 2014, texto).

mentira. A senhora mente aos brasileiros para ficar no governo. Não pode ser esse vale tudo em que a senhora transformou a campanha eleitoral, como a senhora dizia, numa campanha faz se o diabo, não é verdade, eleve o nível do debate. Os brasileiros estão aqui para saber o que vamos fazer para o nosso futuro, eu terminei o meu mandato sem qualquer denúncia, não respondo nenhum processo, candidata, ao contrário do seu governo que virou um mar de lama. A grande verdade é essa (BAND).

“A senhora tem a obrigação agora, de dizer onde é que a minha irmã trabalha. É mentira atrás de mentira” (ES, 15 out. 2014, destaque).

Aécio ainda disse que Dilma tinha “a obrigação de dizer onde minha irmã trabalha”. “É mentira atrás de mentira. A senhora mente para ficar no governo” afirmou o candidato do PSDB. “Eu terminei meu mandato sem qualquer denúncia. Não respondo a nenhum processo. A senhora deixou o governo num mar de lama.” (ES, 15 out. 2014, texto).

Após DR ter acusado AN de ter empregado parentes em seu governo, dentre os quais sua irmã, o candidato produziu uma sobreasseveração em tom de vitimização e de crítica em relação à fala da candidata e à postura adotada por ela durante as eleições. Essa fala foi bastante retomada pelas mídias ao compor o plano textual das notícias.

Os jornais FS e ES, esse último em destaque e no texto, retomam a fala de Aécio sobre a obrigação atribuída à DR de responder onde a irmã de AN trabalhou em seu governo, além da crítica que ele faz em relação às mentiras proferidas pela candidata durante a campanha e da metáfora que ele produz sobre o governo de Dilma. No plano textual da notícia, o Estadão ainda acrescenta a motivação, segundo AN, de DR mentir em sua campanha: ‘ficar no governo’. As informações são bastante resumidas para compor essas citações dos jornais.

Embora retomem mais ou menos as informações apresentadas por Aécio durante sua fala, evidenciando o tom de oposição à fala de DR, o apagamento de grande parte delas também é evidente. O candidato intensifica suas críticas sobre a campanha de Dilma, mas todo seu esforço nessa empreitada é resumido ao sentido de ‘mentira’ retomado pelos jornais. O trecho em que Aécio fala de si, afirmando não responder a nenhum processo e ter

terminado seu governo sem qualquer denúncia, que reforçaria a ênfase dada à questão da mentira, é totalmente apagado pelos jornais que focam a argumentação no último trecho, fortemente metafórico, no qual ele afirma que o governo de DR virou um 'mar de lama'.

Diferentemente do exemplo apresentado em [10], em que partes do texto também foram aproximadas produzindo citações que não correspondem como tal no texto-fonte, a retomada das falas de Aécio em [11] nos permite observar também as transformações a que essas aproximações são submetidas. O último trecho da fala de Aécio, após falar de si, corresponde a: 'ao contrário do seu governo que virou um mar de lama'. Os jornais FS e ES retomam esse enunciado e o apresenta como 'A senhora deixa o governo num mar de lama' e 'A senhora deixou o governo num mar de lama', bastante parecidos entre si. Contudo, em relação ao trecho do texto-fonte, é possível observar que há uma inversão dos sujeitos 'seu governo', na fala de Aécio, não especificando culpados, mas generalizando a culpa; para 'A senhora' (Dilma), especificando a candidata como responsável pela situação. As alterações dos jornais modificam, portanto, o sujeito responsável pelo governo estar em um 'mar de lama'.

Há nessa alteração uma mudança do estatuto pragmático da afirmação de Aécio, dando ainda mais força para a citação. Ela se apresenta, após as modificações, mais próximas de enunciados prototípicos aforizantes, além de mais críticos em relação à imagem de Dilma do que a do seu governo. Essas alterações não compreendem um único trecho apresentado pelos jornais, mas fazem parte de uma citação maior, toda ela atribuída a Aécio, salvo o exemplo no corpo do texto do Estadão que intercala a escrita do jornalista à fala de AN, o que reforça a responsabilidade do dizer por meio do discurso direto.

Os apagamentos que aproximam trechos das falas dos atores políticos, vistos anteriormente, são exemplos de uma mesma sequência de fala. No entanto, há ainda aproximações que operam um apagamento maior e são oriundas de sequências diferentes.

[12]

DR: Candidato, eu acredito que o senhor tem uma memória curta. O meu governo garantiu, neste período que nós estamos vivendo, uma inflação controlada dentro dos limites da meta. É claro que quando há um choque de ofertas por conta do clima, ou seja, tantos preços de alimentos quanto preços da energia sobem, isso significa uma pressão sobre a inflação, mas como é profundamente passageiro, a inflação volta para a meta novamente.

O que eu estou dizendo, candidato, é que nós estamos vivendo um momento especial, um choque tanto de alimentos e de energia, que vai passar, e eu tenho certeza que até o final do ano a inflação estará em 6,5% (BAND)

“Acredito que o senhor tem uma memória curta. Meu governo garantiu uma inflação controlada, dentro dos limites da meta. A pressão existe, mas é simplesmente um momento passageiro. Até o final do ano a inflação estará em 6,5%” (GP, 15 out. 2014, destaque).

AN: Candidata, tenha coragem de fazer a pergunta direto. É claro que essa é uma iniciativa extraordinária. E não é sua. Do Congresso Nacional, candidata, implementado em todos os governos. A senhora traz nesse debate, talvez pelo desespero, e tenta deturpar um tema que tem que ser colocado com absoluta clareza. Eu tive um episódio sim, e reconheci, candidata, eu tenho uma capacidade que a senhora não tem. Eu tive um episódio que parei numa Lei Seca porque minha carteira estava vencida e ali naquele momento inadvertidamente não fiz o exame e me desculpei, me arrependi disso (UOL).

Tampouco eu, candidata, seja correta seja séria, mentir e insinuar ofensas como essa não é digno de qualquer cidadão, mas é indigno por uma Presidente da República, candidata, a sua campanha é a campanha da mentira (UOL).

– Tenha coragem de fazer a pergunta direta – respondeu Aécio. – É claro que essa iniciativa (Lei Seca) é extraordinária. Mas essa iniciativa não é sua. Tive um episódio e reconheci. Minha carteira estava vencida e inadvertidamente não parei. Me arrependi e pedi desculpas por esse episódio. Insinuar uma coisa dessas não é digno de uma presidente da República. (OG, 17 out. 2014, texto)

Em [12], temos dois exemplos que ilustram essa aproximação de diferentes trechos. No exemplo da GP, a citação atribuída à DR, em destaque no jornal, corresponde a uma junção de partes de sua fala, proferidas em momentos diferentes: uma resposta e uma réplica. No exemplo do jornal OG, há a junção de partes da fala de Aécio Neves, proferidas em diferentes momentos, uma resposta e uma tréplica. Esse exemplo, particularmente, acumula a substituição de ‘inadvertidamente não fiz o exame e me desculpei’ por ‘e não parei’, além da inversão do trecho ‘me desculpei, me arrependi disso’.

Em comum, os dois exemplos de [12] apagam grande quantidade de informações para veicular uma espécie de paráfrase bastante distorcida e distante da fala dos atores políticos. Para nós, no entanto, esses exemplos não chegam a criar essas citações, modalidade que será tratada no próximo tópico, já que os trechos recortados efetivamente foram ditos pelos atores políticos. Contudo, são textos agrupados por um processo de bricolagem bastante intenso realizado pelos jornalistas que imitam mais ou menos aquilo que foi dito pelos políticos no debate.

O apagamento de partes do texto para a veiculação de falas dos atores políticos é o tipo de alteração mais recorrente em nosso *corpus*. Os diferentes tipos que vimos até agora, de como isso se processa na notícia e na página de jornal, são formas não marcadas de apagamento. Há ainda a sua forma marcada, conforme veremos a seguir:

[13]

AN: O aeroporto de Cláudio, candidata, a senhora está cansada de saber disso, foi construído numa área desapropriada pelo estado para beneficiar uma região que cresce economicamente (UOL).

“O aeroporto de Cláudio [...] foi construído numa área desapropriada pelo Estado para beneficiar uma região que cresce economicamente.” (FS, 17 out. 2014, destaque)

DR: Eu quero, candidato, reiterar que vocês quebraram os bancos públicos do Brasil. Quero reiterar que a Caixa,

“Eu quero reiterar que vocês quebraram os bancos públicos no Brasil... Vocês eram contra fazer

que era um dos maiores bancos do país, vocês minguaram a Caixa. Vocês, candidato, eram contra fazer política social com subsídio. Agora o senhor vem para mim com esta conversa de que vão fazer política social. Me desculpe, candidato, eu não acredito, sabe por quê? (GLOBO)

política social com subsídio. Agora o senhor vem com essa conversa que vocês vão fazer política social? Me desculpe, eu não acredito” (ES, 25 out. 2014, destaque).

AN: Não, não me meça com sua régua. Governei Minas Gerais candidata com honradez, a senhora está desrespeitando o estado de Minas Gerais com as acusações absurdas, com as mentiras a todo dia acharcadas nas redes, anonimamente, candidata. A senhora infelizmente tem permitido ao Brasil ver a mais baixa campanha da sua história democrática, a partir da primeira eleição que tivemos, de Fernando Collor (UOL).

“Candidata, não me meça com sua régua. [...] A senhora infelizmente tem permitido ao Brasil ver a mais baixa campanha da sua história democrática, a partir da primeira eleição que tivemos, de Collor”, afirmou Aécio. (FS, 17 out. 2014, texto).

Nos exemplos apresentados em [13], os jornais utilizam o recurso das reticências, com ou sem chaves, para marcar o apagamento de trechos da fala. No exemplo de FS, há o apagamento de parte da fala de Aécio Neves dentro de um mesmo trecho, sem alterações. No exemplo do CB, que retoma uma fala de Dilma, o apagamento de um trecho de sua fala é marcado pelo uso de reticências, contudo há outros apagamentos não marcados, como as adequações entre a fala e a escrita, que vimos anteriormente, e o apagamento da pergunta retórica ao final ‘Sabe por quê?’, transformando o enunciado em uma afirmação direta.

Todas essas maneiras de apagamento de trechos, envolvendo outros modos de alterações ou não, produzem enunciados que “imitam” àqueles do texto-fonte a que fazem referência. Nos exemplos apresentados até esse momento, podemos concluir que a passagem das sobreasseverações à composição das páginas e notícias dos jornais constroem paráfrases num processo de reformulação imitativa, ao aproximar partes dos textos, ao apagar informações das falas dos candidatos que auxiliam a compreensão geral de

suas falas, ao alterar em graus diversos o estatuto pragmático da fala dos atores políticos.

Denominamos imitativo esse processo porque mesmo operando apagamentos e modificações significativas, todos os enunciados analisados são marcados pelo uso de aspas, ou travessão, sugerindo que sua enunciação foi exatamente a apresentada pelo jornal.

Embora imitem, não se trata dos mesmos enunciados. Os trechos apresentados como citações, em destaque e no corpo do texto, que apresentam esse modo de alteração, compreendem, na verdade, paráfrases que o jornal realiza juntando partes das falas dos atores políticos. Como resultado, temos citações que afetam o estatuto pragmático dos enunciados, modificam seu sentido. Cria-se, nesse processo, uma tensão entre o enunciador do debate político e o do enunciado marcado por aspas, esse último uma criação do jornal, perceptível apenas quando os enunciados são confrontados.

Todos esses processos discursivos realizados para a produção da citação se adequam a uma coerência da produção jornalística; são as citações mais adequadas para o produto que eles produzem. Esses recortes imitam a realidade para se adequar à produção do jornal, e ancoram-se sobretudo na dificuldade do leitor em ter acesso ao texto-fonte e à imagem de sério que o jornal produz em sua prática.

5.6.2 Alterações de criação

Vimos anteriormente que alguns enunciados foram objetos de retomadas e passaram por um processo de reformulação imitativa das falas dos atores políticos. As falas foram transformadas para se adequar à linguagem culta e ao contexto maior de coerência, da página ou do texto, que atende aos anseios da produção da notícia. Se a junção imita, mas não constrói totalmente os enunciados, essa construção parece estar a cargo de

um outro modo de alteração: o de criação, que funciona a partir de uma lógica do resumo e da interpretação das falas.

O resumo parece ser a base desse modo de alteração que envolve semelhanças e diferenças entre as sobreasseverações dos debates e as citações do jornal. Vejamos alguns exemplos:

[14]

DR: Candidato, eu quero dizer que o senhor está extremamente enganado com a decisão do Ministério Público. O Ministério Público disse que não aceitou a ação criminal, mas mandou se investigar a obra do aeroporto de Cláudio no que se refere a improbidade administrativa. Sabem o que é improbidade administrativa? Mau uso dos recursos públicos. Isto é a verdade. É só ver a decisão do Ministério Público que mandou o Ministério Público Federal de Minas Gerais fazer essa investigação. De outro lado, candidato, eu acredito que o senhor também deveria responder, porque hoje no Brasil é proibido o nepotismo. E o nepotismo se caracteriza por emprego de familiares no governo. E o senhor tem uma irmã, um tio, três primos e três primas no governo. O senhor pode olhar o Governo Federal, o senhor não vai achar um parente meu (BAND).

“O Ministério Público começou a investigar a obra em Cláudio por improbidade administrativa. E sobre nepotismo? O sr. Empregou parentes no seu governo” (FS, 15 out. 2014, destaque).

DR: Candidato, a sua irmã e o meu irmão têm que ser regidos pela mesma lei, eles não podem, candidato, estar no governo que nós estamos. O nepotismo, candidato, eu não criei não. O nepotismo é uma decisão do Supremo Tribunal Federal. Toda sociedade brasileira sabe que dentro do Governo Federal e dentro do Governo do Estado de Minas não pode ter um irmão, uma irmã, um tio, três primos e três primas (UOL).

“A sua irmã e meu irmão não podem estar no mesmo governo que nós estamos. Ou seja, dentro do governo federal e no governo de Minas não pode haver parentes. Isso é nepotismo”, respondeu Dilma.” (ES, 17 out. 2014, texto).

O primeiro exemplo apresentado em [14] corresponde a um excerto da fala de Dilma retirado do debate da Band. O trecho citado pelo jornal FS é bastante diferente da fala da candidata. O apagamento e o resumo dos conteúdos são muito intensos, há grande quantidade de informações não contempladas no trecho retomado, como quem são os parentes de AN que estão no governo; a questão da investigação específica de improbidade administrativa, e não de ação criminal; a fala de si, em que DR afirma não ter nenhum parente no governo; dentre outros.

Há aqui praticamente a construção de um novo texto, que não condiz com as características da fala original de Dilma. A citação atribuída à candidata é uma construção do jornal, tanto no plano do conteúdo quanto no plano da forma. A isso, soma-se a pergunta 'E sobre nepotismo?' que não foi proferida por Dilma, é uma construção do jornal; e 'o sr. empregou parentes no seu governo', resultado da interpretação de um trecho da fala da candidata. Os três temas apresentados por Dilma são apresentados nessa construção de FS, mas o conteúdo advém de interpretação sobre os temas abordados na fala dela.

O segundo exemplo, também da fala de Dilma, retomado pelo jornal ES, é inicialmente marcado pelo apagamento de trechos na elaboração da frase 'A sua irmã e meu irmão não podem estar no mesmo governo que nós estamos'. A partir da modalização explicativa 'ou seja', é apresentada uma interpretação do jornal sobre o conteúdo da fala de DR que também não condiz com o que a candidata disse. Na fala dela, há a especificação dos parentes, 'um irmão, uma irmã, um tio, três primos e três primas', os quais Dilma acusa AN de ter empregado no seu governo, produzindo uma fala doutrinal e crítica.

Mesmo com todas essas alterações, modificações e apagamentos, os trechos são apresentados em forma de 'parenteses' ao final do excerto criado pelo jornal.

Vejamos mais alguns exemplos:

[15]

AN: A senhora traz nesse debate, talvez pelo desespero, e tenta deturpar um tema que tem que ser colocado com absoluta clareza. Eu tive um episódio sim, e reconheci, candidata, eu tenho uma capacidade que a senhora não tem. Eu tive um episódio que parei numa Lei Seca porque minha carteira estava vencida e ali naquele momento inadvertidamente não fiz o exame e me desculpei, me arrependi disso. Como a senhora não se arrepende de nada no seu governo (UOL).

“Eu tive um episódio sim, em que me recusei a fazer o teste do bafômetro. Minha carteira estava vencida. Eu me arrependi, diferente da senhora, que não se arrepende de nada”. (ES, 17 out. 2014, texto).

DR: Mas eu sei também que ninguém é uma ilha, nem ninguém consegue crescer sozinho. Por isso, eu tenho certeza que você cresceu porque o Brasil mudou. E o Brasil mudou porque o governo tomou providências para ampliar e criar oportunidades. Você cresceu então porque o Brasil mudou. O governo combateu a pobreza, aumentou os salários, criou empregos, investiu em educação e formação profissional. Para a vida mudar, foi preciso governar olhando para todos os brasileiros. E eu deixo aqui a minha palavra para você, nós que lutamos tanto para melhorar a vida do povo brasileiro, nós que juntos lutamos tanto, não vamos deixar que nada neste mundo, nem crise, nem inflação, nem pessimismo tire de você o que você conquistou. Eu quero te dizer que nós estaremos juntos, fazendo com que o Brasil cresça mais para que você cresça junto. Com mais e melhor educação, melhor segurança, e melhor emprego, humildemente eu peço o seu voto (RECORD).

“Ninguém é uma ilha. Se você melhorou de vida é porque o governo criou oportunidades. Humildemente, peço o seu voto”, disse Dilma. (CB, 20 out. 2014, texto).

AN: Eu sou hoje já um vitorioso, porque, como disse São Paulo, eu travei o bom combate, falei a verdade e jamais perdi a minha fé (GLOBO).

“Combati o bom combate e vou vencer esta eleição”, encerrou. (EM, 25 out. 2014, texto).

Em [15] temos mais exemplos de criação de citações utilizadas em destacamentos e no fluxo do texto dos jornais. O primeiro exemplo, do jornal ES, resume a fala de AN, retomando o contexto da crítica de DR, pelo termo ‘bafômetro’ que não faz parte da fala dele. Trata-se de um resumo que, como tal, apaga grande parte das informações contidas na fala de Aécio, que dão um tom de vitimização e de reconhecimento do erro, importantes para a construção de sua fala.

No exemplo do jornal CB, há a retomada de uma frase bastante generalizante no início ‘Ninguém é uma ilha’, que pertence à fala de DR, seguido do trecho que corresponde a um resumo da fala da candidata realizado pelo jornal. Ainda, na sequência, realiza-se um longo apagamento de trecho até o fechamento da citação. Esse encadeamento esconde grande quantidade de informação apagada e resumida, em sua totalidade, pelo texto jornalístico. Essa é uma citação criada pelo jornal, opacificada pela semelhança entre os trechos iniciais e finais. O resultado, a citação, é bastante diferente da fala de Dilma, mesmo que acumule algumas de suas características.

O último exemplo é o mais intenso. A citação inserida no corpo da notícia do jornal EM tem pouca semelhança com a fala de AN. O jornal criou um enunciado curto, sem qualquer semelhança com o enunciado produzido pelo candidato. Marcados entre aspas, as alterações realizadas nessa modalidade, que denominamos de criação, afetam o sentido das produções de falas ao criar enunciados que não foram produzidos pelos políticos a quem são atribuídos. As citações são ilusoriamente apresentadas como fala de DR e AN, uma vez que escondem, atrás de marcas em que o resgate da fala é possível, trechos mais ou menos alterados pela lógica do resumo e/ou interpretação de falas.

5.6.3 Alterações de ordem

Outra forma recorrente de alteração encontrada em nosso *corpus* de análise corresponde à alteração de ordem de palavras ou de trechos de fala a

partir de dois processos distintos: o de topicalização e o de inversão de oração.

Vejamos dois exemplos:

[16]

AN: A senhora antecipou algo que possa, que pode amanhã lhe criar constrangimentos, porque o principal acusado do mensalão mineiro é o coordenador da sua campanha em Minas Gerais, o Sr. Walcido ...

WILLIAM BONNER: Tempo candidato.

AN: O senhor Walfrido dos Mares Guia, que voou no avião presidencial com a senhora (GLOBO).

- Walfrido Mares Guias foi coordenador de sua campanha em Minas – afirmou Aécio. (OG, 25 out. 2014, texto).

DR: E quero dizer para o senhor que eu saí de Minas, candidato, não foi para passear no Rio de Janeiro. Eu saí de Minas candidato porque fui perseguida (UOL).

“Deixei Minas porque fui perseguida política, e não para passear no Rio de Janeiro” (GP, 17 out. 2014, texto).

No exemplo [16], a fala de AN, embora não possua características destacáveis, foi retomada pelo jornal OG para compor o texto noticioso em forma de citação. Na fala, interrompida pelo moderador William Bonner, Aécio finaliza seu discurso mencionando o sr. Walfrido, coordenador da campanha de Dilma em Minas, como principal acusado do mensalão. A referência ao coordenador da campanha é apresentada no trecho final da fala de AN, complementada após a interrupção do moderador. A citação retomada pelo jornal OG inverte essa ordem de sucessão da fala, além de apagar grande parte do seu discurso. Essa inversão traz para primeiro plano o nome do coordenador acusado por AN, que figurava ao final da fala, produzindo uma citação bastante objetiva.

No segundo exemplo, temos uma fala de DR que, em tom de vitimização e de ironia, responde a AN o porquê de ter saído de Minas Gerais. Além do apagamento dos trechos efetuados para a elaboração da citação, o jornal GP

inverte a ordem das informações apresentadas pela candidata, trazendo o trecho de vitimização para o início e o trecho irônico para o final da fala.

Nos dois casos, é possível observar que os jornais invertem os trechos, trazendo para primeiro plano uma informação que não foi enfatizada pelos atores políticos em suas falas. Ao topicalizar o nome do coordenador de DR, o jornal OG dá ênfase a uma informação que poderia passar despercebida, pela velocidade da fala de AN, que mesmo ao final do seu turno de fala tentou finalizar seu dizer. No segundo caso, embora Dilma enfatize a ironia de sua fala, em primeiro plano, o jornal inverte a ordem apresentando a vitimização no início da citação. Nos dois casos, temos uma ênfase realizada pelos jornalistas, que topicalizam e invertem informações, apresentando ao leitor uma mensagem que difere em seu estatuto pragmático daquela correspondente às falas dos candidatos.

Essas alterações de ordem podem ocorrer nos trechos que não são apresentados em uma mesma sequência de fala, como veremos a seguir:

[17]

DR (Resposta): O cozinheiro é o mesmo, Armínio Fraga, a receita é a mesma, recessão, recessão, recessão, e o resultado é o mesmo, desemprego, arrocho salarial e altas taxas de juro. A quem serve isso? Ao povo brasileiro é que não é (RECORD).

(Tréplica): Candidato, vocês sempre gostaram de plantar inflação para colher juros, esta sempre foi a sua política e vocês governaram sim o Brasil (RECORD).

“Vocês sempre gostaram de plantar inflação para colher juros. O cozinheiro é o mesmo: Armínio Fraga. E a receita também: arrocho e juros. Recessão, recessão, recessão”, disse Dilma (CB, 20 out. 2014, texto).

No exemplo [17], a citação utilizada para compor a notícia do jornal CB corresponde à junção de dois trechos de falas diferentes de DR, uma resposta e uma tréplica. Já vimos esse processo anteriormente, mas aqui ele é

acumulado com a inversão e o apagamento de trechos. Na ordem do discurso do debate, a resposta é apresentada antes da tréplica, ordem que é invertida pelo jornal. Na citação, o destaque é dado à asserção mais generalizante e metafórica ‘vocês sempre gostaram de plantar inflação para colher juros’. No segundo trecho, há também uma inversão de ‘arrocho salarial e juros’, que na fala de Dilma está ao final e após a sequência ‘recessão, recessão, recessão’, tem a ordem invertida.

Essas inversões são normalmente acumuladas com outros modos de alteração, principalmente o apagamento. As alterações costumam resultar em frases mais objetivas, mas transformam significativamente o sentido das frases construídas pelos candidatos, que não produziram essas citações. Em todos os casos, o jornal atribui aos políticos as falas que destacam, apresentadas com aspas e com travessão, utilizando-se de citações criadas por eles próprios para compor suas notícias.

5.6.4 Alterações de silenciamento

Vimos no tópico sobre as diferenças entre a oralidade e a escrita alguns exemplos de apagamento que não afetam o sentido das falas, no processo de citação, seja por excluir algumas características da oralidade, seja por apagar trechos e aproximar partes diferentes das falas. Nesse tipo de apagamento, não há interferência no sentido entre a oralidade e a escrita, trata-se de uma manipulação realizada pelo jornalista para que o texto se adeque ao padrão escrito.

Fora esse modo de alteração, todos os demais que analisamos até aqui operam alterações mais ou menos significativas nas falas dos atores políticos, retomadas na composição das notícias, seja alterando, imitando, criando ou modificando a ordem das falas. Todos esses modos podem ser observados sob uma perspectiva do silenciamento, já que os processos que eles engendram silenciam, por meio de um apagamento e/ou inversão de trechos,

as escolhas dos atores, substituindo-as por escolhas do jornal. O silêncio se evidencia nesses exemplos pela lógica do apagamento, da exclusão.

Para nós, ainda há um tipo de alteração específico operacionalizado pelo silenciamento, que pode ser observado não só pela exclusão de informações, mas também pela inclusão de informações na retomada de falas, embora compreendam um número menor em nossas ocorrências. Escolher um enunciado e não outro para compor a notícia ou a página do jornal não é uma atitude descomprometida, ela está relacionada a um conjunto de fatores que corresponde a toda uma complexa rede de produção, de uma heterogênea maquinaria. Essas escolhas do fazer jornalístico são orientadas por coerções dessa engrenagem, escolhas que silenciam outras possibilidades.

O distanciamento entre o texto-fonte e os enunciados destacados e utilizados pelos jornais favorece o silenciamento de informações, como vimos nos exemplos desse tópico. Além de selecionar aquilo que querem, os jornais interferem naquilo que relatam e o apresentam como falas dos atores políticos. Isso aparentemente não apresenta um problema, já que dificilmente alguém irá transcrever horas de debate para verificar se a fala dos candidatos é exatamente aquela citada pelo jornal. Esse retorno à fonte não é necessário, pois o jornal possui certa credibilidade em relação a sua produção, ancorada numa prática jornalística de referência e em sua marca, o que afasta a possibilidade de o texto não ser exatamente aquele apresentado entre aspas, travessão, discurso direto, etc. Contudo, há diversas pistas que nos mostram o contrário. Vejamos alguns exemplos.

[18]

AN: Para mim, não importa de qual partido seja o denunciado, a investigação tem que ir a fundo, e, pela primeira vez, pelo menos, há algo positivo aqui. A senhora pela primeira vez dá credibilidade às denúncias do senhor Paulo Roberto. É esse que disse que 2%, 2% de todas as obras sob sua responsabilidade iam para o seu partido, candidata, iam para o tesoureiro do seu

- Não importa de qual partido, **tem que se investigar a todos, doa a quem doer.** Tem algo positivo aí: a senhora, pela primeira vez, deu credibilidade à denúncia do Paulo Roberto. É esse que diz que 2% da **propina** ia para o seu partido, para o tesoureiro do seu partido. E o que

partido. E o que a senhora fez durante esse período? Nada. A senhora tomou alguma providência, pra pedir o afastamento do tesoureiro do seu partido, candidata? Não. As denúncias que surgem aí são denúncias construídas a partir daquilo que a Polícia Federal chama uma organização criminosa atuando no seio da nossa maior empresa. Foram doze anos, candidata. Doze anos que os cofres da Petrobras foram assaltados. E esse dinheiro distribuído. Temos sim que ir a fundo, saber quem são os beneficiários, agora, se a senhora não tem receio e diz aqui que quer apuração, que quer que as investigações possam ir a fundo, por que que o seu partido essa semana impediu que o senhor Vaccari fosse à CPI depor? Nós convocamos, e o seu partido, o PT e alguns aliados impediram que ele fosse lá explicar, explicar o que foi feito com esse recurso, e vou lhe dizer mais, candidata, ele ainda é o tesoureiro do seu partido e é responsável por transferir recursos para a sua campanha. Terá sido por isso que ele não foi afastado? Porque pelo menos quatro milhões de reais foram transferidos, com a assinatura do senhor Vaccari nesta campanha eleitoral para sua conta de campanha. De onde veio esse recurso, candidata? Vamos investigar logo. Eu acho que os brasileiros que estão nos ouvindo devem saber antes das eleições, inclusive quem são os responsáveis por transferir o dinheiro e quem recebeu esse dinheiro. Independente de partido político, tem que ser punido, candidata (UOL).

a senhora fez nesse período? Nada. Agora, se a senhora diz que quer ir a fundo, por que o seu partido impediu que o senhor (João) Vaccari fosse depor, que fosse explicar? E digo mais, ele ainda é tesoureiro do seu partido. Pelo menos R\$4 milhões foram transferidos pelo senhor Vaccari para a sua conta de campanha. Acho que os brasileiros têm que saber, antes das eleições, **de onde veio esse dinheiro** – disse Aécio (OG, 17 out. 2014, texto, grifos nossos).

O exemplo [18]⁹⁶ corresponde a uma resposta de AN no debate do SBT/UOL à DR, que pede explicações sobre a acusação de recebimento de propina, pelo ex-presidente do PSDB, para esvaziar a CPI da Petrobrás. A resposta de Aécio tem um tom bastante crítico em que ele acusa Dilma e seu

⁹⁶ Esse exemplo difere-se dos demais, uma vez que apresenta toda a fala do candidato AN, e não apenas o trecho sobreasseverado. O trecho nos permite mostrar, de uma forma mais substancial, as modificações que são realizadas na passagem da fala do candidato à retomada para compor o texto da notícia do jornal OG.

partido por desvios de dinheiro na Petrobrás. Essa fala, que compreende toda a resposta de AN, é objeto de retomada pelo jornal OG para a composição de uma notícia. Essa seleção é acompanhada de transformações muito intensas.

Além da grande quantidade de apagamentos, tão fortes que, por si sós, já denotariam a criação de uma citação, existem outros elementos para os quais gostaríamos de chamar à atenção. A primeira parte do primeiro trecho 'tem que se investigar a todos' corresponde a uma interpretação do trecho 'não importa de qual partido seja o denunciado, a investigação tem que ir a fundo', da fala de Aécio. Esse trecho, interpretado pela revista, é intensificado por 'doa a quem doer', trecho que não possui qualquer similaridade com a fala de AN. 'Doa a quem doer' corresponde a uma fala de Dilma Rousseff durante o debate, expressão corrente e utilizada para dar ênfase a atitudes enérgicas, uma aforização prototípica. Significa, nesse contexto, que não importa quem sejam os envolvidos com propina, todos serão investigados.

Ainda em relação ao exemplo [18], é possível observar que o jornal substituiu o trecho 'as obras sob sua responsabilidade' por 'propina', termo que possui um sentido muito forte relacionado à corrupção. Outra substituição é a do trecho 'quem são os responsáveis por transferir o dinheiro' por 'de onde veio esse dinheiro'. Nesse trecho, há dois diferentes responsáveis em foco, já que Aécio questiona quem transferiu o dinheiro; e o jornal, ao transformar esse dizer, questiona quem deu o dinheiro para ser transferido. Ao inserir o trecho na citação de Aécio, o jornal silencia a informação de que há um trecho pertencente à fala de DR, assim como silencia a sua participação na intensificação da fala de AN. Nas substituições, há o silenciamento na inclusão do termo 'propina', pouco específico, bastante significativo e uma interpretação do jornal, além da mudança de alvo das investigações, que dão outro objetivo ao questionamento de Aécio.

Em todos os três casos podemos tratar de silenciamento em forma de inclusão e, sobretudo, de exclusões, sendo difícil acreditar que as escolhas dos jornais são operacionalizadas ao azar. Essas escolhas silenciam outras,

marcam posicionamentos, e não são escolhas e produções dos candidatos, mas escolhas e produções do jornal.

Vejamos mais dois exemplos de apagamentos:

[19]

DR: Candidato, eu queria saber, o que senhor acha e como o senhor vê essa questão da Lei Seca e se todo cidadão que for acionado, que for solicitado, deve se dispor a fazer exame de álcool e droga? (UOL).

“todo cidadão que for solicitado deveria fazer exame de álcool e drogas” (OG, 17 out. 2014, texto).

AN: A senhora diz que vamos acabar com o Bolsa Família. E a senhora sabe que nós não vamos acabar com o Bolsa Família. A senhora diz que vamos privatizar os Bancos públicos, a sua campanha alardeia isso por toda a parte (BAND).

“A senhora fala que nós vamos acabar com Bolsa Família, que vamos privatizar os bancos públicos.” (GP, 15 out. 2014, destaque).

No primeiro exemplo em [19], a fala de DR é retomada pelo jornal OG. O enunciado citado é o resultado de um apagamento de trechos, o discurso foi elaborado pela candidata para questionar AN sobre a questão da Lei Seca. A retomada do jornal apresenta o texto como uma afirmação de Dilma, quando na verdade ela produziu uma pergunta. Trata-se de um apagamento que modifica o estatuto pragmático da produção de DR, em forma de questionamento, para uma afirmação que se adequa ao fluxo do texto do jornal.

Esse apagamento silencia a dúvida de DR em relação ao outro, marcando apenas o seu posicionamento em relação ao tema, silencia a crítica na fala de candidata quanto à atitude que AN, quando solicitado a fazer o teste do bafômetro em uma blitz. Os efeitos de uma pergunta, discursivamente aberta e que chama o outro para participar) e o de uma afirmação (que marca um ponto de vista, um posicionamento) são bastante diferentes. Essa alteração

do jornal opacifica as intenções de Dilma ao produzir sua pergunta, que chama o outro para interagir em uma questão relacionada ao senso comum, no que se refere à questão da Lei seca e à obrigatoriedade do exame de álcool e droga.

No segundo exemplo de retomada em [19], há outro tipo de silenciamento. A fala de Aécio é retomada pelo jornal GP e sofre apagamentos significativos. A citação corresponde a um destaque atribuído ao candidato, mas é possível observar que a sua voz foi apagada. Na retomada, apenas o que o candidato relatou sendo a fala de DR é retomado. O apagamento de 'E a senhora sabe que nós não vamos acabar com o Bolsa Família' e 'a sua campanha alardeia isso por toda parte' comprometem significativamente o tom de crítica atribuído por AN à fala de DR. Em destaque, descontextualizado, não é possível retomar esses referentes na citação de Aécio. Sua voz é apagada e o que fica em evidência é apenas a retomada da fala da outra candidata.

O silenciamento é muito produtivo para analisar esse processo de retomada de falas dos debates, inseridos na produção das notícias. Discursivamente, o silêncio interfere na enunciação do jornal, a partir das interferências que os jornalistas efetuam ao compor as citações que figuram no corpo do texto ou em destaque na página.

O apagamento de trechos, que pode ser, em grande parte, uma operação de silenciamento, é um processo inerente a todas as modalidades que foram aqui apresentadas. Em maior ou menor grau, acreditamos ser possível falar em silenciamento a partir do momento em que as alterações modificam tom, sentidos, estatuto pragmático das falas para se adequarem à coerência, ao *ethos*, às cenografias concorrentes dos jornais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que apresentamos nesse trabalho teve como objetivo geral analisar o funcionamento da retomada de falas de atores políticos, proferidas durante os quatro últimos debates do segundo turno de 2014, por diferentes jornais brasileiros, nacionais e regionais, que as utilizam na elaboração de suas notícias nas modalidades impressas e *online*, confrontando essas duas modalidades sempre que possível.

Nesse percurso, elegemos o discurso jornalístico como espaço discursivo, uma vez suas práticas revelam maquinarias heterogêneas e complexas que se utilizam constantemente de enunciados destacados nas suas produções discursivas. Como os enunciados destacados não se materializam por si sós, mas precisam de um intermediário que subjetivize esse processo, apresentamos alguns conceitos teóricos que acompanham o movimento de destacamento de falas, como as sobreasseverações, as aforizações, o silenciamento e apagamento, o *ethos* e as cenas da enunciação.

A produção de nosso *corpus* corresponde a três diferentes gêneros discursivos. O gênero debate político-televisivo, a partir do *corpus* que compreende quatro debates entre Dilma Rousseff e Aécio Neves, veiculados pelas Emissoras BAND, UOL/SBT, RECORD e GLOBO, no segundo turno das eleições. Os gêneros notícia impressa e notícia *online*, que correspondem às notícias veiculadas no dia seguinte aos debates, que os relatam. O percurso analítico que realizamos após a coleta e organização do *corpus* desestabilizou nossas hipóteses iniciais, pois acreditávamos que as sobreasseverações produzidas pelos atores políticos e retomadas/aforizadas pelos jornalistas para compor as notícias seriam abundantes.

Contudo, a ausência de enunciados aforizantes em nosso *corpus* composto pelas notícias nos permitiu levantar novos questionamentos, como o porquê da recusa e da pouca utilização de aforizações, em contraponto à

grande intensidade de uso das citações; e buscar justificativas nessas produções discursivas sobre quais são as diferenças e as semelhanças entre citações e aforizações, uma vez que ambas compartilham características muito próximas, mas funcionam de forma bastante diferenciada na produção genérica.

A partir dessas problemáticas, empreendemos um percurso de análise bastante amplo, dividido em dois momentos. O primeiro deles corresponde à análise dos debates políticos, gêneros que correspondem a acontecimentos duplamente orientados pelas mídias e pela política, pois a primeira orienta sua produção genérica, e se apropria da irradiação desse acontecimento para novas produções; e a segunda se apropria desses efeitos de irradiação, inerente ao debate, e a produção de falas se mostra afetada por uma sequencialidade existente entre a oralidade e a escrita, pelos diferentes destinatários a que os políticos devem se direcionar, pela cenografia contratual interna/externa imposta pelo gênero.

Nos debates, observamos que os atores políticos produzem, por meio de suas falas, cenografias periféricas e sobreasseverações diversas, o que denominamos de modos de controle da irradiação, sobretudo marcados por sobreasseverações que criticam uns aos outros, falam de si, produzem asserções generalizantes e apresentam propostas. Nesse processo, foi possível levantar a frequência de usos das sobreasseverações e observar os modos mais frequentemente de asserções empregadas na tentativa de antecipação do destacamento de falas pelos atores políticos: a fala crítica, a fala de si, a fala generalizante, e a fala que apresenta propostas.

Tradicionalmente compreendido como uma enunciação em que pontos de vista e posicionamentos sobre diferentes temas são confrontados, sobretudo aqueles mais polêmicos que se inserem no campo político, observamos nas análises dos debates um esvaziamento do 'debate' de ideias, de pontos de vista, em substituição a críticas, pessoais e profissionais, realizadas entre os candidatos. DR e AN tecem constantemente críticas uns aos outros, e falam de si (negando o outro), dois dos modos de antecipação de

destacamento (sobreasseverações) mais frequentes em nossas análises. Essa constatação revela que os candidatos estão mais preocupados em criticar seus adversários do que, por exemplo, apresentar propostas e debater ideias.

Ainda sobre o gênero debate, é importante destacar que o excesso de crítica também se justifica pela ausência de controle pelo aparato televisivo em relação às construções orais dos candidatos durante o turno de fala que possuem. Eles podem, como fazem, utilizar um período destinado à pergunta (resposta, réplica ou tréplica) para criticar, para falar de si; pode marcar um posicionamento ou negá-lo, etc. sem, necessariamente, responder no momento dedicado à resposta, ou perguntar, no momento dedicado à realização de perguntas. Por mais que os debates tenham limites rígidos em relação ao formato e aos turnos de participação, a cenografia desse gênero depende dos atores nele envolvidos e da produção de suas falas na enunciação.

Esse 'descontrole' tem pelo menos dois sintomas: a) a produção de falas que se distanciam de uma textualidade oral e se aproximam mais de uma textualidade escrita, já que os atores políticos possuem materiais impressos que norteiam suas falas, materiais produzidos por assessorias de imprensa, objetos de estudo pelos candidatos antes da realização dos debates políticos; b) o aumento de enunciados sobreasseverados, já que os candidatos podem, quando querem (respeitando o turno de voz), produzir asserções na tentativa de antecipar o destacamento de suas falas. Nesse sentido, conforme apontamos, os debates político-televisivos são encenações orais de um diálogo que, na verdade, não existe entre DR e AN.

Isso denota, conforme afirmamos, um processo bastante sofisticado de trabalho sobre a fala e sobre adaptação dos candidatos à cenografia do debate, índices capazes de criar, na cenografia mais fechada do gênero, novas cenografias periféricas em que os candidatos conseguem se singularizar, seja atacando o outro, falando de si, fazendo reflexões generalizantes ou apresentando propostas.

As sobreasseverações elencadas nessa tese são produtos que advêm da relação de irradiação interna, processo que revela sujeitos que tentam

antecipar os destacamentos de falas e que reconhecem, portanto, a abrangência do debate político a partir de sua enunciação. Isso significa dizer que os políticos reconhecem previamente, de maneira mais ou menos ampla, a relação existente entre o debate (núcleo genérico) e as produções que podem se originar a partir dele (os avatares), embora sempre haja espaço para novas possibilidades, sobretudo por causa dos avanços tecnológicos, atrelados ao surgimento de novos gêneros ou à adaptação de gêneros já existentes na conjuntura social. Os efeitos da irradiação, assim como os gêneros, são relativamente estáveis e acompanham o desenvolvimento das sociedades.

Pensar a sobreasseveração nesse prisma irradiador não significa dar a ela uma medida exata, com aplicação e resultados garantidos. Pelo contrário, a sobreasseveração é construída a partir de condições de possibilidades observáveis e reconhecidas no processo de irradiação interno e externo da produção genérica, ou seja, o fenômeno das sobreasseverações não se relaciona somente com as categorias formais de produção discursiva, mas é também influenciado por questões relacionadas à valência do gênero. Nesse sentido, mesmo trechos de falas que não apresentem antecedentes por conectivos reformulativos, por pontos de vistas fortes ou que não sejam generalizações ou metáforas, características prototípicas das sobreasseverações (MAINGUENEAU, 2008a; 2014), podem acumular outras características destacáveis se consideradas: a) as condições de existência dos gêneros, sobretudo o alcance irradiador desse gênero a partir de sua enunciação; b) a força pragmática das sobreasseverações, em relação à tentativa de antecipação do destacamento.

Essa constatação nos permitiu considerar como enunciados sobreasseverados trechos de falas dos atores políticos que apresentaram: tons (sobretudo) de crítica, de vitimização, ou ainda tons generalizantes (verdades universais), proféticos e solenes que indicam aquilo que os candidatos pensam ser mais importante dizer nos momentos que recebem o turno de voz nos debates; intensificação da negação do outro, ressaltando os vícios do adversário (que ao mesmo tempo funciona como a afirmação de si, ressaltando

as próprias qualidades), pelo uso de marcadores de negação e do discurso crítico, contribuindo para a construção de um *ethos* negativo do adversário (e positivo de si); retomadas categorizantes, repetições, metáforas e perguntas retóricas, que enfatizam a fala dos candidatos e seus pontos de vistas; dentre outros. Dessa forma, uma acusação, uma proposta, uma crítica, uma constatação sobre a sociedade são asserções que podem ser enunciados considerados sobreasseverados na análise de um debate político televisivo. Essas características destacáveis não excluem umas às outras. Pelo contrário, quanto mais o enunciado as agrupe, mais fortemente sobreasseverado ele será. Mesmo sem garantias de que trechos sobreasseverados venham a ser objetos de destaques pelas mídias, os candidatos não podem desconsiderar a possibilidade de ter suas falas circulando em avatares.

Previstos ou não, esses avatares estão ligados interdiscursivamente aos debates. Isso nos permite concluir que a sobreasseveração deve ser pensada, ao mesmo tempo: a) em relação à irradiação interna, que revelam quais as características mais ou menos destacáveis que devem compor esses debates, de forma a tentar alcançar as características que interessam na produção de diferentes avatares; b) em relação à irradiação externa, onde é possível observar o sucesso ou o fracasso das sobreasseverações no interior de uma esfera, efetivadas em aforizações ou citações. Nessa linha de raciocínio, a sobreasseveração deve ser pensada, sobretudo, em relação as suas retomadas, em relação ao seu destacamento.

O segundo momento de nossas análises é dedicado às notícias impressas e *online*, em que observamos a construção das páginas dos jornais, do *ethos* de marca e dos títulos. Em relação à página, os resultados mostram a construção de uma cenografia iconoverbal, que se desenvolve a partir da harmonia entre as dimensões verbal e visual no conjunto da página. Nessa produção, também abordamos o funcionamento discursivo do *ethos*, em que há uma hierarquia de diferentes *ethé* em concorrência, embora o *ethos* de marca se sobreponha aos demais.

Esse *ethos* de marca do jornal se evidencia pelas escolhas e pelo posicionamento do veículo, ancorados em uma constante necessidade de parecer sério, principalmente pela prática jornalística, relacionada ao modo de fazer do jornal; pela cenografia de rotina dos seus gêneros, no caso de nosso *corpus*, a rotina da produção do relato; as escolhas das fotografias que compõem a página e a notícia, que seguem o mesmo padrão de simetria dos demais conteúdos; pela sobreposição nos demais *ethé* presentes na página; e pelo esforço constante de simetrização a ponto de se realizar o apagamento do *ethos* dos candidatos.

Na hierarquia de *ethé* que se estabelece na produção da notícia, o *ethos* de marca condiciona o *ethos* do jornalista e apaga o *ethos* dos candidatos. Durante os debates, os candidatos insistem em marcar suas diferenças que, nas notícias, são totalmente apagadas pelos jornalistas, seja pelas escolhas de fotografias padronizadas (rosto e mãos), seja pela seleção de excertos (em mesma quantidade, dispostos em um mesmo local). Todo o esforço de simetrização está relacionado ao *ethos* de marca e à pretensão de o jornal se afirmar como um dispositivo neutro, posicionado entre o candidato e o público, nas representações que produz de fatos sociais.

Essa simetrização tem efeitos discursivos, ao passo que tenta criar efeitos de seriedade, objetividade e neutralidade que silenciam o posicionamento do jornal ao relatar os debates. Visualmente, poucas vezes os jornais marcam um posicionamento em relação às escolhas que operam a partir da seleção de fotografias ou quantidade de enunciados que destacam.

Os pontos de vista em relação ao debate e/ou em relação aos candidatos só podem ser observados a partir do confronto dos enunciados que os jornais destacam e o texto fonte, os debates, de onde advêm os trechos escolhidos. Esse confronto revela a prática dos jornais, as coerções a que se submetem os agentes que compreendem o aparato midiático na elaboração da notícia e as transformações a que a fala política é submetida.

Em relação aos títulos das notícias, observamos que os jornais não retomam falas dos atores políticos nessas produções, há uma ausência

completa do uso do discurso direto (citações/aforizações) nos títulos. Essa ausência é interessante, sobretudo se a considerarmos como a recusa de uma estratégia bastante disseminada nas mídias: a retomada de falas para compor títulos.

A justificativa para essa recusa parece estar relacionada à pretensão de se instaurar um efeito de imparcialidade àquilo que relata o título da notícia. Inserir a fala de apenas um dos atores políticos nos títulos representaria uma incoerência muito grande em relação a toda sistemática empregada pelos jornais na manutenção do *ethos* de marca e na simetrização dos elementos que compõem a página do jornal.

Ainda, selecionar uma fala de cada candidato pode trazer outros problemas: o título (curto) não comporta trechos muito longos, portanto a retomada de dois enunciados exigiria um espaço maior; e os candidatos não têm o mesmo discurso, nas falas dos debates há um constante dissenso entre os temas abordados, dessa forma a escolha de um ou de outro trecho de fala pode gerar acusações, apontando a escolha como tendenciosa para um ou outro posicionamento. Os jornais, ao que parece, preferem se afastar dessa subjetividade imposta pelo discurso direto.

Ainda em relação aos títulos dos jornais, observamos as diferenças existentes entre as produções dos jornais impresso e *online*, e sua dupla função: a) cenografar a notícia e, no caso do jornal impresso, também a página, processo que participa da composição da cenografia, indicando, através de elementos mínimos (escolhas lexicais, tempo verbal etc.) a cenografia que orienta a produção textual da notícia (texto, imagens, ícones); b) recenografar o debate, no âmbito das relações de irradiação, processo que resgata um centro genérico, onde o título mantém relação dialógica com o debate político, ao produzir um simulacro que recenografa essa enunciação. Esses processos são inseparáveis na produção genérica da notícia.

Nas análises dos enunciados destacados, diferenciamos as citações das aforizações, a partir do critério de níveis de destacamentos. Assim, as citações estão inseridas num *contínuum* que agrega mais ou menos características

destacáveis, capazes ou não de aproximá-las do estatuto aforizante. Nosso objeto de análise, composto de citações que figuram em destaque, fora do texto, e citações que compõem o fio do texto noticioso, em forma de modalizações autonímicas, permitiu-nos observar as diferentes manobras de alterações realizadas pelos jornalistas no processo de destextualização a que as falas estão submetidas, do debate à notícia.

Observamos as diferenças e as alterações existentes em relação às modalidades oral e escrita da língua, mas sobretudo nas alterações que modificam o sentido e o estatuto pragmático das falas. É importante destacar que trechos mais polêmicos ou que falam de si, negando o outro, (sejam eles sobreasseverados ou não) são normalmente recusados pela mídia e não compreendem as citações que compõem as notícias.

Nesse sentido, e a partir das ocorrências retomadas pelas mídias jornalísticas, falamos em modos de alteração, em que os enunciados, normalmente sobreasseverados no texto-fonte, são retomados e passam por um tratamento realizado pelo jornalista, a fim de que o trecho se adapte à coerência produzida pelo jornal em relação aos elementos da página e do texto.

Os modos consistem em alterações de imitação, em que trechos são apagados para que outros sejam aproximados, produzindo paráfrases imitativas da fala dos candidatos; alterações de criação, realizadas sobretudo pela lógica do resumo e da interpretação, que criam enunciados não produzidos pelos atores políticos; alterações de ordem, por inversão e/ou topicalização de partes das falas que não foram enfatizados na falas do texto-fonte; e alterações de silenciamento, presentes em todas as demais modalidades, pelo apagamento, e também pela inclusão de informações e no silenciamento de vozes que produz. Essas alterações são opacificadas pelo uso das aspas e do travessão, além de implicarem dificuldade de acesso ao texto-fonte.

Os resultados são bastante amplos e envolvem desde o debate político-televisivo, onde as falas são sobreasseveradas em um movimento de tentativa

de controle da irradiação das falas; até a produção da notícia, que envolve a página do jornal e as retomadas das falas em forma de citação, empregadas em destaque na página ou em modalizações autonímicas no fio do texto. Para nós, o processo de sobreasseveração está relacionado às condições de existência dos gêneros discursivos, e especificamente nos debates podem ser apreendidos a partir das relações irradiadoras internas e externas.

Todo esse processo denota uma especialização bastante intensa da fala política, ligada sobretudo à interferência das assessorias de comunicação naquilo que dizem os candidatos e à prática constante de técnicas de palco (apresentação de voz e de corpo) a que os atores políticos precisam se submeter, e treinar, para participar de acontecimentos midiáticos como os dos debates. Esses gêneros irradiam não só as falas de DR e de AN, mas também rosto, atitude, tom de voz, etc. de cada um. Isso favorece, ainda mais, a encenação de um debate que, na realidade, não existe.

Enfocamos, durante nosso percurso, o funcionamento desses processos discursivos e acreditamos que os resultados podem contribuir para os estudos dos conceitos de sobreasseveração e aforização, dos gêneros aqui agrupados, assim como contribuir para estudos de diversas áreas, como a política, a mídia, as ciências sociais, a linguística, entre outros que se interessam pelo estudo das falas políticas e pelos estudos do discurso. Esperamos, ainda, que nossa pesquisa possa suscitar outros estudos, por percursos ainda não realizados, em torno dos conceitos e problemáticas relacionados aos enunciados destacados.

REFERÊNCIAS

ASSIS, A. W. A. **Citações e sobreasseverações**: o funcionamento da retomada de falas em notícias online. 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Maringá – PR. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

ASSIS, A. W. A.; BENITES, S. A. L. Uma maquinaria discursiva de recenografar falas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão-SC, v. 14, n. 1, p. 85-104, jan./abr., 2014.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativas. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 19, jul./dez., p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARONAS, Roberto Leiser. **Enunciação aforizante**: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira. São Carlos: Edufscar, 2013.

BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **Contando e fazendo história**: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sur la télévision**: suivi de l'emprise du journalisme. Paris: Raison D'agir, 2008.

CALABRESE, Laura. **L'événement en discours**: presse et mémoire. Condé-sur-Noireau: Éditions Academia, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Rôles sociaux et rôles langagiers. In: VERONIQUE, D.; VION, R. (Eds.). **Modèles de l'interaction verbale**. [Actes du premier colloque international sur l'analyse des interactions]. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1995.

_____. **A palavra confiscada**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. Asserção. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 67-68.

_____. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Le débat présidentiel. Un combat de mots. Une victoire aux points, **Langage et société**, Paris, v.1, n. 151, p. 109-129, 2015. Disponível em: <<http://10.3917/lis.151.0109>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

CUSIN-BERCHE, Fabienne. Autonomia. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-84.

EMEDIATO, Wander. Diálogos regulares e interações discordantes. **Gláuks**, Viçosa, v. 11, n. 1, p. 156-174, 2011.

ENTMAN, Robert. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. In: LEVY, M.; GUREVITCH, M, ed. **Defining media studies**. New York: Oxford University Press, 1993. p. 51-58.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FUCHS, Catherine. **Paraphrase et énonciation**. Paris: Ophrys, 1994.

GUILHAUMOU, Jacques. Acontecimento discursivo. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-31.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Analyser du discours : le cas des débats politiques télévisés. In : Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF 2012. **Anais...** Lyon: EDP Sciences, 2012. p. 25-42. Disponível em: <10.1051/shsconf/20120100338>. Acesso em: 03 mar. 2015.

KOCH. Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidades do texto falado. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (Orgs.) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: Construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 39-46.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **La notion de “formule” en analyse du discours**: cadre théorique et méthodologique. Paris : Presse Universitaires de Franche-Comté, 2009.

_____. **Analyser les discours institutionnels**. Paris: Armand Colin, 2013.

KRIEG-PLANQUE, Alice; OLLIVER-YANIV, Catherine. Les ‘Petites Phrases’: um objet pour l’analyse des discours politiques et médiatiques. **Communication & Langages**, Paris, n. 168, juin 2011. p. 23-42.

LARA, Gláucia Muniz Proença. Passando a aforização em revista. **Estudos Semióticos** (USP), São Paulo, v. 9, p. 7-14, 2013.

LE ROBERT. **Dictionnaire de la langue française**. Paris : DICOROBERT, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011b, p. 69-92.

_____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2011c, p. 11-29.

_____. **Discours et analyse du discours**: introduction. Paris: Armand Colin, 2014a.

_____. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et *alii*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014b.

_____. Retour critique sur l'éthos. **Langage et société**, v.3, n. 149, p. 31-48, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3917/lis.149.0031>>. Acesso em: 10 fev. 2015a.

_____. **La philosophie comme institution discursive**. Limoges: Lambert-Lucas, 2015b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARECO, Raquel Tiemi Masuda. **Do debate televisivo ao jornal impresso**: aforizações na mídia nacional. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Maringá – PR. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

MARTINEZ, Adriana Garcia. A construção da notícia em tempo real. In: POLLYANA FERRARY, Poliana et *alii* (Orgs.). **Hipertexto hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação. São Paulo: Contexto, 2010. p. 13-28.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell. **O jornal**: da forma ao sentido. 3. ed. rev, ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **As formas de silêncio**. Campinas: UNICAMP, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PLANTIN, Christian. Pensar el debate. **Rev. signos**, Valparaíso, v. 37, n. 55, p. 121-129, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342004005500010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 22 dez. 2014.

POSSENTI, Sirio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Sobreasseveração e interpretação. In: POSSENTI, Sírio; BENITES, Sônia, A. L. (Orgs.). **Estudos do texto e do discurso**: materialidades diversas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 37-52.

RINGOOT, Roselyne. **Analyser le discours de presse**. Paris : Armand Colin, 2014.

RINGOOT, Roselyne; UTARD, Jean-Michel. Les genres journalistiques - savoirs et savoir-faire. Paris: L'Harmattan, 2014.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

SANDRÉ, MARION. **Analyser les discours oraux**. Paris: Armand Colin, 2013.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. Discursividade e espaço discursivo. In: FIGURO, Roseli (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p.99- 118.

TODOROV, T. **Mikhaïl Bakhtine** : Le principe dialogique, suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981.

UTARD, Jean-Michel. Du contenu aux interactions discursives. Les enjeux de l'analyse du discours des medias. In : GEORGAKIS, Didier; UTARD, Jean-Michel. (Org.). **Science des médias**: jalons pour une histoire politique. Paris: L'Harmattan, 2001. p.159-178.

VION, R. **La communication verbale** : analyse des interactions. Paris: Hachette, 1992.

ANEXOS**ANEXO A – TÍTULOS DOS JORNAIS****TABELA A1 – Título das notícias veiculadas pelo jornal Folha de S. Paulo**

MOD	DATA	TÍTULO
IMP	15/10/14	Acusação de corrupção e nepotismo acirram debate
ON	15/10/14	Acusações de corrupção, nepotismo e mentiras acirram debate do 2º turno
IMP	17/10/14	Acusações pessoas dominam debate entre candidatos
ON	17/10/14	'Pancadaria' entre Dilma e Aécio em debate surpreende tucanos e petistas
IMP	20/10/14	Dilma e Aécio repetem embate sobre paternidade de programas sociais
ON	20/10/14	Aécio e Dilma evitam ataques pessoais, mas mantêm críticas à corrupção
IMP	25/10/14	Corrupção e troca de acusações pautam o último debate
ON	25/10/14	Corrupção e troca de acusações pautam último debate das eleições

TABELA A2 – Título das notícias veiculadas pelo jornal O Estado de S. Paulo

MOD	DATA	TÍTULO
IMP	15/10/14	FRENTE A FRENTE, CANDIDATOS TRAVAM GUERRA DE GESTÕES
ON	15/10/14	Frente a frente, candidatos travam guerra de gestões
IMP	17/10/14	Aécio e Dilma trocam acusações pessoais e envolvem familiares em 2º debate na TV
ON	17/10/14	Aécio e Dilma trocam acusações pessoais e envolvem familiares em 2º debate na TV
IMP	20/10/14	NO PENÚLTIMO DEBATE, NADA DE ATAQUE PESSOAL
ON	20/10/14	No penúltimo debate, nada de ataque pessoal
IMP	25/10/14	AÉCIO USA PETROBRÁS; DILMA, A CRISE HÍDRICA
ON	25/10/14	Em último debate, Dilma e Aécio centram artilharia em economia e corrupção

TABELA A3 – Título das notícias veiculadas pelo jornal O Globo

MOD	DATA	TÍTULO
IMP	15/10/14	Um tom acima
ON	15/10/14	Aécio chama Dilma de leviana e é acusado de nepotismo em debate na TV
IMP	17/10/14	Vale tudo
ON	17/10/14	Após debate no SBT, 'nepotismo' e 'propina' prevalecem no Twitter
IMP	20/10/14	Afinal, propostas
ON	20/10/14	Tom ameno em debate teve objetivo de influenciar indecisos, dizem especialistas
IMP	25/10/14	Firmes, mas sem ofensas
ON	25/10/14	Corrupção e economia voltam a ser temas centrais em debate na TV

TABELA A4 – Título das notícias veiculadas pelo jornal Correio Braziliense

MOD	DATA	TÍTULO
IMP	15/10/14	Ânimos acirrados no 1º duelo
ON	15/10/14	Aécio critica “discurso do medo” de Dilma sobre política econômica
IMP	17/10/14	Novas denúncias encendeiam debate
ON	17/10/14	Ataques e ausência de propostas objetivas marcam debate entre Aécio e Dilma
IMP	20/10/14	Com ironias, Dilma e Aécio diminuem agressividade
ON	20/10/14	Postura propositiva dura pouco: Dilma e Aécio partem para o ataque em debate
IMP	25/10/14	Denúncias de corrupção dominam o último debate
ON	25/10/14	Corrupção põe Aécio no ataque e Dilma na defesa

TABELA A5 – Título das notícias veiculadas pelo jornal Gazeta do Povo

MOD	DATA	TÍTULO
IMP	15/10/14	Troca de acusações e guerra de números marcam debate entre Dilma e Aécio
ON	15/10/14	Troca de acusações e guerra de números marcam debate entre Dilma e Aécio
IMP	17/10/14	Aécio e Dilma travam debate mais tenso da campanha
ON	17/10/14	O debate passado a limpo
IMP	20/10/14	Comparação PT versus PSDB marca debate
ON	20/10/14	Ataques pessoais firam fora do penúltimo debate
IMP	25/10/14	Ataques diminuem e dão espaço a propostas no último debate das eleições
ON	25/10/14	Ataques diminuem e dão espaço a propostas no último debate das eleições

TABELA A6 – Título das notícias veiculadas pelo jornal Estado de Minas

MOD	DATA	TÍTULO
IMP	15/10/14	AÉCIO E DILMA ABREM DEBATES EM CLIMA TENSO
ON	15/10/14	Aécio e Dilma abrem debates do segundo turno em clima tenso
IMP	17/10/14	NOVAS DENÚNCIAS ENCENDEIAM DEBATE
ON	17/10/14	Troca de farpas marca debate entre Aécio e Dilma no SBT/Alterosa
IMP	20/10/14	Ofensas dão lugar a propostas em debate
ON	20/10/14	Ofensas dão lugar a propostas em debate entre Aécio e Dilma
IMP	25/10/14	CORRUPÇÃO NO CENTRO DO ÚLTIMO DEBATE
ON	25/10/14	Aécio e Dilma se enfrentam no último debate antes do segundo turno

ANEXO B – CARACTERÍSTICAS CONTRATUAIS DOS DEBATES

TABELA A7 – Características dos Debates

ESPECIFICIDADES E SEQUÊNCIA DOS DEBATES										
EMISSORA	DIA	PÚBLICO	BLOCOS / DURAÇÃO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	PERGUNTAS E FORMATO	RESPOSTA	RÉPLICA	TRÉPLICA	CONSIDERAÇÕES FINAIS	DIREITO DE RESPOSTA
BAND	14 out. 2014	Sim: sem participação.	4 - 1h20 min.	2 min.	Candidato pergunta para candidato. Uma pergunta de cada nos primeiros e quarto blocos. Duas perguntas de cada nos segundo e terceiros blocos. 1min.	2 min.	1 min.	1 min.	2 min.	Sim: analisado por uma comissão da emissora e aceito apenas em caso de ofensa pessoal realizada na última participação de cada bloco
UOL	16 out. 2014	Sim: sem participação.	3 - 1h20 min.	1h30min. Respondendo à pergunta: Porque o senhor quer ser presidente da república	Em todos os blocos Candidato pergunta para candidato, tema livre. 1 min.	2 min.	1 min.	1 min.	1h30 min.	Não informado.

